



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

PÂMARA ARAÚJO DOS SANTOS

**APRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS ANTROPOMORFOS
MINIATURIZADOS NAS PINTURAS RUPESTRES PRÉ-
HISTÓRICAS DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DA SERRA DA
CAPIVARA - PI.**

RECIFE-PE

2013

PÂMARA ARAÚJO DOS SANTOS

**APRESENTAÇÃO GRÁFICA DA FIGURA ANTROPOMORFA
MINIATURIZADA NAS PINTURAS RUPESTRES PRÉ-
HISTÓRICAS DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DA SERRA DA
CAPIVARA - PI.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Arqueologia da Universidade
Federal de Pernambuco como requisito parcial
para a obtenção do grau acadêmico de Mestre
em Arqueologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Cisneiros

RECIFE-PE

2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

S237a Santos, Pâmara Araújo dos.
Apresentação gráfica da figura antropomorfa miniaturizada nas pinturas rupestres pré-históricas da área arqueológica da Serra da Capivara - PI. / Pâmara Araújo dos Santos. – Recife: O autor, 2013.
217 f. il. ; 30 cm.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Daniela Cisneiros.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Pós-Graduação em Arqueologia, 2013.
Inclui referências e apêndices.

1. Arqueologia. 2. Parque Nacional da Serra da Capivara (PI). 3. Pinturas rupestres. 4. Sítios pré-históricos. I. Cisneiros, Daniela. (Orientadora). II. Título.

301 CDD (23.ed.)

UFPE (BCFCH2014-70)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA PÂMARA ARAÚJO DOS SANTOS

Às 10 horas do dia 28 (vinte e oito) de agosto de 2013 (dois mil e treze), no Curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Pâmara Araújo dos Santos** intitulada *"Apresentação Gráfica dos Antropomorfos Miniaturizados nas Pinturas Rupestres Pré-históricas do Parque Nacional Serra da Capivara-P1"*, sob a orientação da **Profª Dra. Daniela Cisnelros Silva Mützenberg**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito "**Aprovada**", em resultado à atribuição dos conceitos das professoras: **Anne-Marie Pessis**, **Maria Gabriela Martin Ávila** e **Neuvânia Curty Ghetti**. Assinam também a presente ata, a Coordenadora, Profa. Anne-Marie Pessis e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 28 de agosto de 2013

Profª Dra. Anne-Marie Pessis

Profª Dra. Maria Gabriela Martin Ávila

Profª Dra. Neuvânia Curty Ghetti

Luciane Costa Borba

À minha família

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Daniela Cisneiros, que faz parte da minha formação desde a graduação, pelas orientações, apoio, paciência e estímulo à pesquisa durante esses anos.

À Profa. Anne-Marie Pessis, pelos ensinamentos compartilhados durante os cursos ofertados; e pela sugestão do tema e críticas durante o processo de concepção e desenvolvimento deste trabalho.

À Profa. Gabriela Martin, pelas suas contribuições durante o exame de qualificação e pelo exemplo de dedicação à pesquisa.

À Profa. Niède Guidon, pela dedicação exemplar ao Parque Nacional Serra da Capivara e, também, pela viabilização do acesso ao PNSC e pela concessão da utilização dos espaços da FUMDHAM e Pró-Arte.

Aos funcionários da FUMDHAM, em especial a Andreia Macedo, Sirleide, Rochele, Iva, Bete Buco e Iranilde.

Ao CNPq, responsável pelo financiamento desta pesquisa.

Aos professores e demais funcionários da Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE, em especial ao Prof. Ricardo Pinto e a Profa. Cláudia Oliveira pelas sugestões durante as disciplinas Teorias e Métodos da Arqueologia e Seminário de Pesquisa, respectivamente.

Ao amigo Adolfo Okuyama pelo levantamento fotográfico final e tratamento das belas imagens que ilustram este trabalho.

Aos amigos que contribuíram com o trabalho de campo em diferentes momentos: Andreia Ribeiro, Diego Monteiro, Getúlio Alípio e Murilo Muritiba.

À Aliane Oliveira, Ledja Leite, Emília Arnaldo e, especialmente, à Rute Barbosa pelo apoio dado desde o período do processo seletivo do mestrado.

À Fátima Barbosa, Livia Lucas, Mauro Farias, Andreia e toda a família Sousa Ribeiro pela hospitalidade, conforto e apoio cedido nas minhas passagens por São Raimundo Nonato.

À Julia Berra e Valdeci dos Santos pela solicitude e contribuições dadas a este trabalho.

Aos vizinhos e companheiros de luta Rosemary Cardoso, Alencar Amaral, Fátima Luz e Greg Van Havre, pelas conversas, conselhos e, claro, por todas as comidinhas gostosas.

Aos demais colegas de turma Nilo Nobre, Allyson Allan, Herbert Moura, Daniela Ferreira e Sarah Cavalcante pelos momentos de descontração.

A todos os meus professores da UNIVASF que me iniciaram nessa jornada, pelo constante incentivo.

Aos meus pais, Adjubei e Paulo, e às minhas irmãs, Perla e Laura por todo o apoio, amor e fé depositados em mim, além da pequena Maria Elisa, por alegrar os últimos meses.

Em especial a Antônio, por todo amor, apoio, incentivo e dedicação e pela paciência durante todos esses anos de ausência.

À todas as pessoas que contribuíram, de alguma de forma, para a elaboração desta pesquisa.

A partir del momento en que el ser humano no puede hablar por sí mismo, porque está ausente o porque ha muerto; o por la ausencia de documentos, subsisten dos testimonios: el del arte y el de la técnica.

André Leroi-Gourhan (Evolución y técnica)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo o estudo dos padrões relacionados à apresentação gráfica dos antropomorfos miniaturizados situados no contexto gráfico de onze sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara. Para tal, valorizou-se o estudo do significativo em detrimento do significado, através de uma abordagem que os insere no contexto de um sistema visual de comunicação social. Levando em consideração a diversidade gráfica da Área Arqueológica da Serra da Capivara trabalhou-se com a hipótese, posteriormente validada, de que a apresentação gráfica dos antropomorfos miniaturizados possuem variabilidades recorrentes que resultaram na identificação de diferentes perfis gráficos, três no total. Dessa forma, a metodologia empregada foi composta por variáveis analíticas sistematizadas a partir das dimensões propostas para análise do fenômeno gráfico: temática, técnica e cenográfica. O trabalho operacional iniciou-se com um levantamento bibliográfico e documental, passando pela elaboração e aplicação de um protocolo de campo, além do levantamento fotográfico e tratamento imagético até a geração de um banco de dados que possibilitou a identificação dos perfis, a maioria concentrada na região da Serra Talhada. O perfil predominante é composto por figuras simples, estruturadas em composições de caráter hermético. Dentre os principais elementos de identificação da figura antropomorfa miniaturizada considera-se as proporções entre as dimensões da altura e da largura, que não devem ultrapassar os 5 cm e pela espessura dos seus traços que deve ser inferior aos 3 mm.

Palavras-chave: Registros Rupestres Pré-históricos. Antropomorfos Miniaturizados. Parque Nacional Serra da Capivara-PI. Pré-história do Nordeste do Brasil.

ABSTRACT

This research aimed at the study of patterns related to graphic presentation of anthropomorphic miniaturized situated in the graphic context of eleven archaeological sites of the Serra da Capivara National Park. To this end, the study appreciated the significant rather than of meaning, through an approach that within the context of a visual system of social communication. Taking into account the graphical diversity of Serra Capivara Archaeological Area worked with the hypothesis subsequently validated, that the graphical presentation of anthropomorphic miniaturized have recurrence of variabilities that resulted in the identification of different graphics profiles, three in the total. Thus, the methodology used was composed of systematic analytical variables from the dimensions proposed for analyzing the graphic phenomenon: thematic, technical and scenic. The operational work began with a survey documentary and bibliographic through preparation and implementation of a protocol field, beyond the photographic survey and processing imagery to the generation of a database which allowed the identification of profiles, mostly concentrated in subarea of Serra Talhada. The predominant profile is composed of simple figures, structured in compositions of hermetic character. Among the main elements identifying the anthropomorphic figure miniaturized considers the dimensions of height, which should not exceed 5 cm and the thickness of your strokes should be less than 3mm.

Keywords: Prehistoric Rock Registers. Anthropomorphic Miniaturized. Serra da Capivara National Park. Prehistory of the Brazilian Northeast.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno. Fonte: Mutzenberg (2010).....	22
Figura 2: Domínios geomorfológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara. Chapada-PI: A – chapada; B – cuesta e C - pedimento. Fonte: Adaptado de Cisneiros, 2008.....	24
Figura 4: Cena com antropomorfos portando objetos. Toca do Estevo III, entorno do Parque Nacional Serra da Capivara - PI.....	35
Figura 5: Diferentes formas de apresentação de figuras humanas dispostas em linha (“fileirahumana”).Figura A) Toca do Boqueirão do Saco; B) Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada; C) Toca do Baixão das Mulheres; D) Toca do Sítio do Meio; E) Toca do Sítio do Meio. Área Arqueológica da Serra da Capivara, PI. Fonte: Adaptado de Monzon, 1980.....	36
Figura 6: Ilustração da tendência para a diminuição progressiva do tamanho e do volume do corpo das figuras humanas esquematizadas no Levante espanhol. Na primeira imagem a seta indica a diminuição das dimensões dos antropomorfos, que é ilustrada por meio da morfologia corporal. Na segunda imagem essa diminuição é ilustrada por meio de um gráfico indicando a nomenclatura estilística correspondente à morfologia dos antropomorfos da figura anterior. Fonte: Adaptado de Domingo-Sanz (2006).....	39
Figura 7: Pinturas Rupestres da Cueva de las Manos. As figuras circuladas em vermelho correspondem a antropomorfos miniaturizados. As dimensões diminutas das figuras evidenciadas podem ser estipuladas se tomadas às proporções das mãos (em tamanho natural) como parâmetro de comparação, devido a ausência de escala gráfica na fotografia. Fonte: Gradin; Aschero; Aguerre (1987).....	40
Figura 8: Cena de caça ou captura composta por figuras antropomorfas miniaturizadas. Sítio arqueológico Lajasmayu II, região de Betanzos, dept. Potosí-BO. Fonte: Adaptado de Freddy Taboada (<i>apud</i> STRECKER, 2004).	40
Figura 9: Zoomorfo miniaturizado. Sítio Palmeiras, Campos Gerais – PR. Escalas de 10 cm. Foto: Antônio Carlos Cavalheiro.....	41
Figura 10: Zoomorfo miniaturizado. Sítio Espiral, Serra do Lajeado – TO. Escalas de 10 cm. Foto: Julia Berra.....	41
Figura 11: Antropomorfo miniaturizado. Cidade de Pedra, MT. Fonte: Vialou (2006).....	41
Figura 12: Antropomorfo miniaturizado. Serra do Lajeado, TO. Fonte: Berra (2003).	41
Figura 13: Zoomorfo miniaturizado. Sítio Toca do Pepino. Morro do Chapéu, BA. Foto: Claudia Cunha, 2010.....	42
Figura 14: Antropomorfos miniaturizados do Complexo de Sítios do Rodrigão em Morro do Chapéu, BA. Escala de 5 cm. Fonte: Claudia Cunha (2010).	42
Figura 15: Antropomorfos miniaturizados. Sítio do Veado, Pedra – PE. Fonte: Perazzo (2007).....	43
Figura 16: Antropomorfos em miniaturas. Sítio Xique-xique II, Carnaúba dosDantas- RN. Fonte: COSTA, 2003.....	44
Figura 17: Representação miniaturizada no sítio Furna do Messias, Área Arqueológica do Seridó, RN. Fonte: MARTIN, 2009.....	44

Figura 18: Reprodução realizada por Sanz de Sautuola dos grafismos rupestres da caverna de Altamira por volta de 1880. Fonte: PáscoaTurrión (2006).	47
Figura 19: Prancha com desenho realizado por Von Martius em passagem pela Serra do Anastácio em Monte Santo - BA, no século XIX. Fonte: Etchevarne (2007).	50
Figura 20: Desenhos reproduzidos pelo arqueólogo amador Azevedo Dantas (1927) na região do Seridó - RN/PB. Fonte: Cisneiros (2008).	51
Figura 21: Desenhos reproduzidos pelo arqueólogo Carlos Ott (1950), Morro do Ramalho - BA. Fonte: Ott (1954).	51
Figura 22: Distribuição dos sítios com grafismos miniaturizados no Parque Nacional Serra da Capivara. Serra Branca (setor marcado em branco); Serra Talhada (setor marcado em amarelo); Serra da Capivara (setor marcado em preto); Elaboração: Adolfo Okuyama.	71
Figura 23: Vista frontal do sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.	72
Figura 24: Antropomorfo I. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	73
Figura 25: Antropomorfo II. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	74
Figura 26: Antropomorfo III. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	75
Figura 27: Antropomorfo IV. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	76
Figura 28: Antropomorfo V. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	78
Figura 29: Antropomorfo VI. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	79
Figura 30: Antropomorfo VII. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	80
Figura 31: Antropomorfo VIII. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	81
Figura 32: Antropomorfo IX. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	82
Figura 33: Antropomorfo X. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	83
Figura 34: Composição I com antropomorfos do tipo miniatura. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	84
Figura 35: Composição II com antropomorfos do tipo miniatura. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	86
Figura 36: Composição III com antropomorfos do tipo miniatura. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	87
Figura 37: Composição IV. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	88

Figura 38: Composição V. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	90
Figura 39: Composição VI. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.	92
Figura 40: Vista geral do sítio Toca do Baixão do Perna I. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.	93
Figura 41: Vista lateral em que se visualiza a localização dos dois setores que compõem a mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna I. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.	94
Figura 42: Composição I e entorno gráfico imediato. Vista parcial da mancha gráfica do setor I do sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.	96
Figura 43: Detalhe da composição I do setor I. Foto: Adolfo Okuyama.	97
Figura 44: Composição I e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do setor II do sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.	99
Figura 45: Composição I do setor II. Destaque para a fig. I, a única da composição que mantém caracteres de reconhecimento ainda inteligíveis. Sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.	100
Figura 46: Composição II - setor II e entorno gráfico. Sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.	102
Figura 47: Composição II - setor II do sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.	103
Figura 48: Detalhe da Composição II. Destaque para a ruptura do córtex rochoso que provocou a perda parcial da composição. Sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.	104
Figura 49: Sítio Toca do Baixão do Perna II. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.	105
Figura 50: Composição I e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna I.	106
Figura 51: Composição II e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	108
Figura 52: Composição II do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	109
Figura 53: Composição III e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	110
Figura 54: Detalhe da composição III do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	111
Figura 55: Composição IV e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	113
Figura 56: Detalhe da composição IV. Sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	114
Figura 57: Composição V e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	115
Figura 58: Detalhe da composição V. Sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	116
Figura 59: Composição VI e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	117
Figura 60: Detalhe da composição VI. Sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.	118
Figura 61: Vista do sítio Toca do Sítio do Meio. Foto: Adolfo Okuyama.	119
Figura 62: Vista parcial da mancha gráfica com composição do tipo miniatura. Detalhe da composição composta por antropomorfos miniaturizados. Foto: Adolfo Okuyama.	121

Figura 63: Vista frontal do sítio Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada. Foto: Adolfo Okuyama. ...	123
Figura 64: Vista frontal do sítio Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada. Destaque para a localização das composições miniaturizadas e entorno gráfico. Foto: Adolfo Okuyama.....	125
Figura 65: Composição I. Composição formada por antropomorfos do tipo miniatura. Foto: Adolfo Okuyama.	126
Figura 66: Composição II. Composição formada por antropomorfos do tipo miniatura. Foto: Adolfo Okuyama.	128
Figura 67: Composição III. Composição formada por antropomorfos do tipo miniatura. Foto: Adolfo Okuyama.	130
Figura 68: Vista geral do sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.	131
Figura 69 : Vista da mancha gráfica e segregação dos painés com composições de antropomorfos do tipo miniatura. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.....	132
Figura 70: Composição I. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.	135
Figura 71: Detalhe da Composição II. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.	138
Figura 72: Detalhe da Composição III. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.	140
Figura 73: Detalhe da Composição IV. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.	142
Figura 74: Detalhe da composição V. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.	145
Figura 75: Detalhe da Composição V. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.....	146
Figura 76: Detalhe da Composição II. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.	149
Figura 77: Vista do sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. Foto: Pâmara Araújo.....	150
Figura 78: Sobreposição de imagens demonstrando diferentes projeções da localização das composições com antropomorfos do tipo miniatura: o painel em relação a mancha gráfica; e as composições I e II, respectivamente, em relação ao painel. Sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. Foto: Adolfo Okuyama.	152
Figura 79: Detalhe da Composição I. Sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. Foto: Adolfo Okuyama.	153
Figura 80: Detalhe da Composição I. Sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. Foto: Adolfo Okuyama.	155
Figura 81: Vista lateral do sítio Toca do Baixão das Cabaceiras. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.....	156
Figura 82: Vista da mancha gráfica e segregação paulatina das composições com antropomorfos miniaturizados. Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras. Foto: Adolfo Okuyama.	157
Figura 83: Detalhe da composição. Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras. Foto: Adolfo Okuyama.	159
Figura 84: Detalhe da composição. Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras. Foto: Adolfo Okuyama.	161
Figura 85: Vista do Sítio Toca da Entrada do Pajaú. Foto: Adolfo Okuyama.	162
Figura 86: Vista parcial da mancha gráfica do sítio e segregação dos painéis com composições com antropomorfos miniaturizados. Sítio Toca da Entrada do Pajaú. PNSC Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.	164
Figura 87: Detalhe da composição I. Sítio Toca da Entrada do Pajaú. Foto: Adolfo Okuyama.....	165

Figura 88: Vista do sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Parque Nacional Serra da Capivara-PI. Foto: Adolfo Okuyama.	166
Figura 89: Vista da mancha gráfica do sítio e segregação paulatina das composições com antropomorfos miniaturizados. Sítio Toca Entrada do Baixão da Vaca. Foto: Adolfo Okuyama.	167
Figura 90: Detalhe da Composição com antropomorfos miniaturizados do sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Foto: Adolfo Okuyama.	170
Figura 91: Detalhe da Composição II. Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Foto: Adolfo Okuyama.	172
Figura 92: Detalhe da Composição com antropomorfos miniaturizados do sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Foto: Adolfo Okuyama.	174
Figura 93: Vista do sítio Toca da Extrema II. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.	175
Figura 94: Vista da mancha gráfica do sítio e segregação paulatina da composição com antropomorfos miniaturizados. Sítio Toca da Extrema II. Foto: Adolfo Okuyama.	178
Figura 95: Detalhe da Composição com antropomorfos miniaturizados do sítio Toca da Extrema. Foto: Adolfo Okuyama.	179
Figura 96: Composição com figuras humanas miniaturizadas representativas do Perfil I. Sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada. A escala é de 2cm.	196
Figura 97: Composição com figuras humanas miniaturizadas representativas do Perfil I. Sítio Toca da Fumaça I. A escala é de 2cm.	196
Figura 98: Composição com figuras humanas miniaturizadas representativas do Perfil I. Sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. A escala é de 2cm.	198
Figura 99: Composição com figuras humanas miniaturizadas atribuídas ao Perfil II. Sítio Toca da Extrema II.	199
Figura 100: Composição com figuras humanas miniaturizadas atribuídas ao Perfil II. Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.	199
Figura 101: Figura Isolada relacionada ao sítio Toca das Pedinhas Pintadas. A escala é de 2cm.	200
Figura 102: Composição relacionada ao sítio Toca das Pedinhas Pintadas. A escala é de 2cm.	201
Figura 103: Distribuição dos perfis entre os sítios analisados. Elaboração: Adolfo Okuyama (2013).	202

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Datações associadas aos grafismos rupestres pintados. Fonte: Banco de dados da FUMDHAM (2013).	28
Tabela 2: Síntese de tamanhos relacionados às menores classes de grafismos por diferentes autores e seus respectivos contextos de pesquisa.	37
Tabela 3: Síntese de tamanhos relacionados às menores classes de grafismos por diferentes autores e seus respectivos contextos de pesquisa... ..	37
Tabela 4: A composição da amostra da pesquisa. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí.	70
Tabela 5: Relação dos elementos primários de reconhecimento da figura humana.	182
Tabela 6: Relação dos elementos secundários de reconhecimento da figura humana mais recorrentes.	184
Tabela 7: Relação entre os tipos de suporte com antropomorfos miniaturizados.	185
Tabela 8: Relação da espessura dos traços entre os antropomorfos miniaturizados.	187
Tabela 9: Relação da variabilidade da altura dos antropomorfos miniaturizados por sítio.	188
Tabela 10: Relação da variabilidade da largura dos antropomorfos miniaturizados por sítio.	189
Tabela 11: Relação da variabilidade morfológica da cabeça.	191
Tabela 12: Relação da variabilidade morfológica dos tipos de tronco.	192
Tabela 13: Relação dos tipos de projeção identificados entre os antropomorfos miniaturizados.	193
Tabela 14: Relação dos tipos de animação identificados nos antropomorfos miniaturizados.	195
Tabela 16: Síntese comparativa entre os caracteres gerais apresentados pelos antropomorfos miniaturizados em relação aos estilos Serra da Capivara e Serra Branca no contexto da Área Arqueológica da Serra da Capivara.	205

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição espacial dos sítios com antropomorfos miniaturizados em diferentes topônimos no Parque Nacional Serra da Capivara.	181
Gráfico 2: Relação da quantidade de antropomorfos miniaturizados por sítio. Parque Nacional Serra da Capivara-PI.....	182
Gráfico 3: Elementos primários de reconhecimento da figura humana presentes na apresentação gráfica dos antropomorfos.	183
Gráfico 4: Elementos secundários de reconhecimento da figura humana presentes na apresentação gráfica dos antropomorfos.	184
Gráfico 5: Relação entre os tipos de suporte com antropomorfos miniaturizados.	185
Gráfico 6: Relação da variabilidade da espessura dos traços por sítio.	187
Gráfico 7: Relação da variabilidade da altura dos antropomorfos miniaturizados por sítio.	188
Gráfico 8: Relação da variabilidade da largura dos antropomorfos miniaturizados por sítio.	189
Gráfico 9: Distribuição das formas de apresentação dos antropomorfos. Parque Nacional Serra da Capivara-PI.	190
Gráfico 10: Variabilidade morfológica da cabeça.	191
Gráfico 11: Variabilidade morfológica dos tipos de tronco.....	192
Gráfico 12: Relação dos tipos de projeção identificados entre os antropomorfos miniaturizados.	194
Gráfico 13: Relação dos tipos de animação identificados nos antropomorfos miniaturizados.....	195

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I: A ÁREA ARQUEOLÓGICA DA SERRA DA CAPIVARA: CONTEXTO AMBIENTAL E CULTURAL	21
1.1 A ÁREA DE ESTUDO	21
1.2 A PAISAGEM ATUAL	23
1.3 O CONTEXTO GRÁFICO	24
1.4 A FIGURA HUMANA NO CONJUNTO GRÁFICO DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DA SERRA DA CAPIVARA	31
1.5 OS ANTROPOMORFOS MINIATURIZADOS EM OUTROS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS	38
CAPÍTULO II: HISTORIOGRAFIA DOS CONCEITOS E MARCO TEÓRICO	45
2.1 O INÍCIO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E AS DIFERENTES PERCEPÇÕES SOBRE O UNIVERSO GRÁFICO PRÉ-HISTÓRICO.....	46
2.2 AS DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE OS REGISTROS RUPESTRES NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	50
2.3 REGISTROS RUPESTRES E COMUNICAÇÃO	53
CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS, ANALÍTICOS E INTERPRETATIVOS	57
3.1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA	57
3.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS	59
3.2.1 Delimitação da Área e Seleção da Amostra	59
3.2.2 A Coleta dos Dados	61
3.2.2.1 O Protocolo de Registro e Análise.....	61
3.2.2.2 O levantamento Fotográfico	61
3.2.3 O Tratamento das Imagens	62
3.2.4 A Base de Dados.....	62
3.3 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS E INTERPRETATIVOS.....	63
3.3.1 Sobre a Dimensão Temática	65
3.3.2 Sobre a Dimensão Técnica	66
3.3.4 Sobre a Dimensão Cenográfica.....	67
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO DOS SÍTIOS COM GRAFISMOS MINIATURIZADOS	70
4.1 OITENTA.....	72
4.1.1 Toca das Pedrinhas Pintadas	72
4.1.1.2 Descrição das Miniaturas.....	73
4.2 SERRA TALHADA.....	93
4.2.1 Toca do Baixão do Perna I.....	93
4.2.1.1 Descrição das Miniaturas.....	94
4.2.2 Toca do Baixão do Perna II	105

4.2.2.1 Descrição das Miniaturas.....	106
4.2.3 Toca do Sítio do Meio	119
4.2.3.1 Descrição das Miniaturas.....	120
4.2.4 Toca do Sítio do Boqueirão da Pedra Furada	122
4.2.4.1 Descrição das Miniaturas.....	124
4.2.5 Toca da Roça do Boqueirão da Pedra Furada ou da Fumaça I.....	131
4.2.5.1 Descrição das Miniaturas.....	133
4.2.6 Toca do Baixão da Subida da Serrinha I.....	150
4.2.6.1Descrição das Miniaturas.....	151
4.2.7 Toca do Baixão das Cabaceiras	156
4.3 SERRA DA CAPIVARA	162
4.3.1 Toca da Entrada do Pajaú ou Pau d'Alho	162
4.3.1.1Descrição das Miniaturas.....	163
4.3.2 Toca da Entrada do Baixão da Vaca ou da Chiquinha.....	166
4.3.2.1Descrição das Miniaturas	168
4.4 SERRA BRANCA.....	175
4.4.1 Toca da Extrema II ou do Gato.....	175
4.4.1.1Descrição das Miniaturas.....	177
CAPÍTULO V: ANÁLISE DA APRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS ANTROPOMORFOS	
MINIATURIZADOS.....	180
5.1 DISTRIBUIÇÃO DAS MINIATURAS	180
5.2 ELEMENTOS DE RECONHECIMENTO	182
5.3 ELEMENTOS TÉCNICOS	185
5.4 ELEMENTOS CENOGRÁFICOS	187
5.5 OS PERFIS GRÁFICOS	195
5.5.1 Perfil I.....	195
5.5.2 Perfil II	198
5.5.3 Perfil III – O Caso da Toca das Pedrinhas Pintadas	200
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	203
REFERÊNCIAS	207
APÊNDICE A: Modelo de Protocolo de Campo	211
APÊNDICE B: Protocolo de Saída	213

INTRODUÇÃO

O território que compreende, atualmente, a Área Arqueológica da Serra da Capivara foi, no passado, o reduto de diferentes grupos culturais. A ocupação humana da área apresenta datações desde o Pleistoceno¹ e se manifesta por meio de vestígios arqueológicos de diferentes naturezas.

Desde que as pesquisas foram iniciadas, na década de 1970, sob a coordenação da arqueóloga Niède Guidon, buscaram-se meios de sistematizar os estudos atribuídos às manifestações gráficas presentes na área gerando, com isso, uma classificação preliminar.

Essa classificação que ordenava os grafismos em categorias gerais como tradições, subtradições e estilos², foi complementada através da correlação dos registros gráficos ao restante do contexto arqueológico local, além da valorização do estudo do seu significado.

Dessa forma, na área arqueológica da Serra da Capivara os registros rupestres são abordados como um sistema visual de comunicação. Entende-se que “a obra rupestre pré-histórica, por representar comportamentos pautados, permite identificar os modos como se apresentam diferentes culturas e descobrir os temas mais valorizados”, assim, há uma contribuição para a manutenção de certos aspectos importantes para a cultura como organização social e regras de comportamento (PESSIS, 2003).

Tal abordagem propiciou o reconhecimento de diferentes formas de apresentação para o *corpus gráfico* da Área Arqueológica da Serra da Capivara. A partir daí, constatou-se que em alguns sítios há uma classe de grafismos pintados de forma reconhecível que apresenta dimensões reduzidas em relação ao tamanho dominante apresentado pelo contexto gráfico local e, por essa razão, foram denominados miniaturas³.

¹GUIDON (1984); MARTIN (2008).

² GUIDON (1984); PESSIS (1987).

³ O termo miniatura advém do italiano *miniatura* cujas origens remontam do latim, o *miniare*. Ao longo do tempo, o termo passou a sofrer influência semântica de outras expressões latinas como *minor*, *óris*, *minus* e *minimun*, *i*, ligadas a noção de “pequena dimensão”, “menor” e “pequena quantidade”, respectivamente. Dessa forma, a palavra “miniatura” passou a ser amplamente utilizado na História da Arte a partir da Idade Média enquanto conceito e difundiu-se para outros idiomas com o significado predominante de “representação em pequenas dimensões”.

No contexto gráfico da Área Arqueológica da Serra da Capivara, as miniaturas⁴ foram preliminarmente concebidas como figuras de tamanho extremamente reduzido, executadas de forma delicada sob a utilização de instrumentos específicos e que mantêm as mesmas temáticas representadas nos grafismos de tamanhos superiores. Aponta-se que esses grafismos podem apresentar tamanho em torno de 4 cm (PESSIS, 2003) e 3 cm (GUIDON, *et al* 2006), entretanto, trata-se de uma classe ainda pouco estudada e, por essa razão, tornaram-se objeto de estudo desta pesquisa.

Grafismos pintados em miniatura não são restritos a Área Arqueológica da Serra da Capivara. Existem outras áreas com sítios arqueológicos com grafismos rupestres na região Nordeste que também apresentam ocorrências desse tipo de representação. Na Área Arqueológica do Seridó, por exemplo, os grafismos de pequeno porte são dominantes e a classe de figuras miniaturizadas é recorrente.

Entretanto, o Parque Nacional Serra da Capivara foi escolhido como área de estudo desta pesquisa ao se considerar fatores como a presença de um contexto arqueológico bem documentado devido aos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos desde a década de 1970, além de possuir uma concentração significativa de sítios arqueológicos com diversidade gráfica e histórico de pesquisa.

Mesmo recessivos nessa área, o grupo de grafismos composto pelos antropomorfos miniaturizados possuem a probabilidade de apresentar uma variabilidade interna de tamanho que, por sua vez, é o seu principal elemento de identificação. Fez-se necessário, então, precisar o valor desta que é a principal variável do objeto de estudo da pesquisa. Para tal, foi determinada a extensão 5 cm⁵ de altura para os antropomorfos miniaturizados como uma medida máxima necessária para iniciar o processo analítico deste grupo gráfico.

Neste caso, o problema proposto para a condução desta pesquisa é apresentado através da seguinte questão: os grafismos de antropomorfos pintados com dimensões máximas de 5 cm apresentam padrões cenográficos? Estes padrões podem ser caracterizadores de um perfil?

Ao considerar os grafismos rupestres como um meio visual de comunicação social, a forma de apresentação retratada através das manifestações gráficas se traduz

⁴ GUIDON (1984); PESSIS (1987).

⁵ Ver capítulo I.

através de elementos específicos, eleitos para representar à observação de outrem determinados aspectos tidos como essenciais para representar atributos da identidade social do grupo.

Assim sendo, a hipótese construída nesta pesquisa considera que na Área Arqueológica da Serra da Capivara os antropomorfos miniaturizados apresentam variabilidades recorrentes na sua forma de apresentação constituindo diferentes perfis gráficos.

A amostra da pesquisa se compõe através do estudo de 11 sítios arqueológicos situados em diferentes áreas do Parque Nacional da Serra da Capivara.

A identificação e contextualização de recorrências e variabilidades observadas nos grafismos do tipo miniatura presentes nos sítios arqueológicos selecionados configuram o objetivo principal desta pesquisa.

Os objetivos específicos consistem em:

- Identificar e selecionar sítios arqueológicos com antropomorfos miniaturizados na área arqueológica da Serra da Capivara;
- Caracterizar os antropomorfos miniaturizados no interior de cada sítio arqueológico selecionado;
- Analisar os atributos essenciais de identificação para a definição dos perfis gráficos dos antropomorfos miniaturizados;
- Analisar os elementos secundários de identificação (indicadores de gênero, porte de objetos, adornos) para a definição dos perfis gráficos dos antropomorfos miniaturizados.
- Comparar recorrências e variabilidades entre os antropomorfos miniaturizados em escala intra e inter-sítios.

Através da aplicação de um protocolo de registro e análise foi possível extrair dados que resultaram em informações, propiciando o estabelecimento de alguns padrões relacionados às miniaturas antropomórficas.

Esta dissertação foi estruturada em cinco capítulos:

O primeiro capítulo, A ÁREA ARQUEOLÓGICA DA SERRA DA CAPIVARA: CONTEXTO AMBIENTAL E CULTURAL tem o objetivo de apresentar as informações gerais sobre a área

de estudo, o que inclui alguns dados ambientais e, de forma mais específica, o contexto gráfico da região. Também é apresentado um panorama relacionado aos grafismos em miniaturização em outros contextos arqueológicos dentro e fora do país.

O capítulo II, *Historiografia dos Conceitos e Marco Teórico*, apresenta um panorama da introdução dos principais conceitos que entremeiam o universo gráfico rupestre, desde o início das pesquisas científicas até as principais perspectivas paradigmáticas que os acolheram. Também é apresentada uma discussão relacionada aos registros como um sistema visual de comunicação social, que é a perspectiva adotada neste trabalho.

No capítulo III, *Procedimentos Operacionais, Analíticos e Interpretativos* apresenta-se a discussão em torno da problemática e seus principais conceitos, tal como as estratégias adotadas para desenvolver os objetivos almejados, desde a seleção da amostra até a metodologia selecionada para a coleta dos dados e obtenção dos resultados pretendidos.

O capítulo IV, *Apresentação dos Sítios com Antropomorfos Miniaturizados*, apresenta as informações gerais a respeito do sítio como características, histórico de pesquisa, contexto arqueológico, além da descrição das composições com miniaturas antropomorfas.

O capítulo V, *Análise dos Antropomorfos Miniaturizados*, apresenta o cruzamento dos resultados obtidos em cada sítio, identificando recorrências e variabilidades a partir da observação das composições dos grafismos antropomórficos miniaturizados. Dessa forma serão identificados diferentes perfis à forma de apresentação intrínseca a essa classe de grafismos no contexto gráfico da Área Arqueológica da Serra da Capivara.

Por fim, nas *Considerações Finais* será realizada uma avaliação dos objetivos propostos para o desenvolvimento da pesquisa, os resultados alcançados e os novos questionamentos gerados a partir de então.

CAPÍTULO I

A ÁREA ARQUEOLÓGICA DA SERRA DA CAPIVARA: CONTEXTO AMBIENTAL E CULTURAL

A remotíssima (*sic*) civilização desse tempo quis (*sic*) deixar ahi (*sic*) alguns signaes (*sic*) mais evidentes de sua escripta (*sic*) e a alta significação que a mesma interpretava as suas diversas formas de sentir. José de Azevedo Dantas (Indícios de Uma Civilização Antiquíssima, 1994).

A proposta deste capítulo é de apresentar o contexto tanto ambiental quanto cultural em que está inserido o objeto de estudo desta pesquisa. Através dos tópicos *A Área de Estudo* e *A Paisagem Atual* são apresentados, além da localização, os principais aspectos concernentes à dimensão ambiental que circunda os sítios com grafismos miniaturizados. Em *A Figura Humana no Conjunto Gráfico da Área Arqueológica da Serra da Capivara* centrou-se em dados arqueológicos, principalmente relacionados aos registros rupestres da área, e apresentam o contexto gráfico em que serão analisados os perfis gráficos dos antropomorfos miniaturizados. O tópico, *Os Antropomorfos Miniaturizados em Outros Contextos Arqueológicos* reflete que o objeto de análise desta pesquisa não é circunscrito a área de estudo eleita, pelo contrário, manifesta-se em diferentes regiões dentro e fora do país.

1.1 A ÁREA DE ESTUDO

Os sítios arqueológicos contemplados por esta pesquisa estão situados dentro dos limites do Parque Nacional da Serra da Capivara.

O PNSC⁶ teve sua criação outorgada em 1979⁷ pelo seu valor ambiental e arqueológico, abarcando, parcialmente, os territórios dos municípios de São Raimundo

⁶Abreviatura utilizada para o Parque Nacional Serra da Capivara.

⁷No dia 05 de junho de 1979 foi assinado o decreto n° 83548, com publicação no Diário Oficial no dia 06/06/1979. (IBAMA, FUMDHAM, 1994).

Nonato, Coronel José Dias, São João do Piauí, João Costa e Brejo do Piauí, no sudeste piauiense, resultando numa área de 129.140 ha com 214 km de perímetro⁸ (Figura 1).

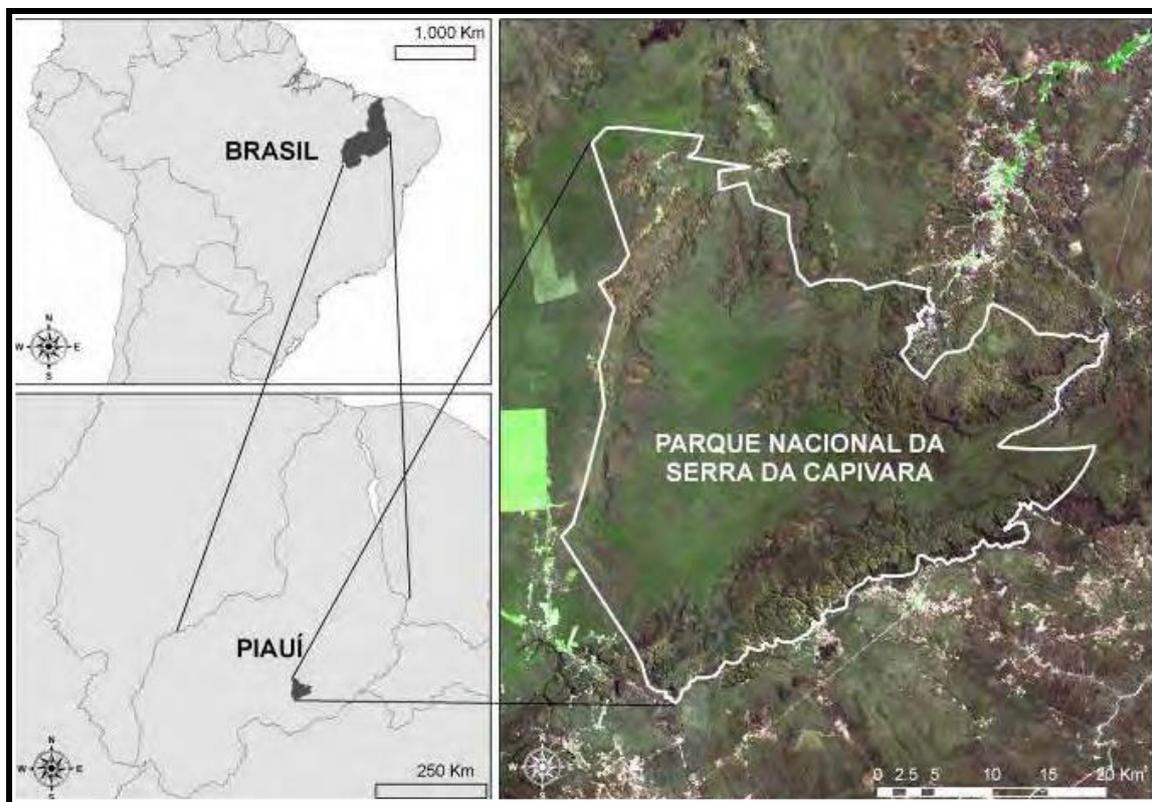


Figura 1: Localização do Parque Nacional Serra da Capivara e entorno. Fonte: Mutzenberg (2010).

Abrigar uma das maiores concentrações de sítios arqueológicos do continente, em que se ressalta a intensidade de manifestações gráficas pré-históricas, lhe confere um valor inestimável. Pelo seu valor cultural, em 1991, o PNSC foi inscrito na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO.

O PNSC e seu entorno inserem-se na chamada Área Arqueológica da Serra da Capivara. De acordo com Martin (2008) a área arqueológica é tida como categoria de entrada para o passo inicial e a continuidade sistemática de uma pesquisa. O seu estabelecimento se dá a partir da existência de uma quantidade significativa de sítios arqueológicos numa unidade ecológica que comungue dos mesmos aspectos geoambientais.

⁸ As coordenadas que delimitam o perímetro do PNSC equivalem a 08°26'50" e 08°54'23" de latitude Sul e 42°19'57" e 42°45'51" de longitude oeste.

Esses aspectos fornecem variáveis que influenciam diretamente nos procedimentos analíticos de uma pesquisa, justamente por configurar o habitat natural em que os grupos humanos do passado utilizaram para a sua sobrevivência.

1.2 A PAISAGEM ATUAL

Atualmente, a Área Arqueológica da Serra da Capivara está inserida no domínio morfoclimático da Caatinga. Esta, por sua vez, caracteriza-se pelo clima semiárido, com temperatura quente, apresentando média anual⁹ de 28°C.

Possui precipitação irregular e bastante localizada¹⁰, com chuvas de curta duração¹¹, ocorridas entre os meses de abril e outubro. A precipitação da região tem média de 689 mm. A classe modal para as precipitações de São Raimundo Nonato, por exemplo, é de 600 a 700 mm, com probabilidade (33%) de se ter um ano com um índice pluviométrico inferior à média (EMPERAIRE, 1991).

A paisagem atual da área arqueológica da Serra da Capivara é formada por planaltos ou chapadas, serras, serrotes, morros e planícies, resultantes de um longo processo de transformação (PELLERIN, 1998).

Essas formações manifestam-se através de dois grandes domínios geológicos: a Província Estrutural da Borborema, representada pela Faixa de Dobramentos Riacho do Pontal, e o domínio sedimentar retratado pela Bacia do Parnaíba (SANTOS, 2007).

O contato com essas duas zonas fazem com que a região da Serra da Capivara apresente três domínios geomorfológicos: as áreas de *cuesta*, chapada e pedimento (Fig. 2), (PELLERIN, 1982).

A formação de um alto relevo constituindo o planalto da região do PNSC, foi exposta ao longo dos tempos à erosão que, por sua vez, se deu de forma mais acentuada nas suas bordas, provocando irregularidades no relevo. Desse modo, nas áreas mais internas

⁹ O mês mais frio é junho, com temperatura média de 25°C, máxima de 35°C e mínima de 12°C. No sopé da Serra da Capivara a temperatura se torna mais amena durante as noites, com mínimas ao redor de 10°C. O início da estação das chuvas ocorre em outubro e novembro é o período mais quente do ano. A temperatura média é de 31°C, com máximas de 45°C e mínima de 22° (EMPERAIRE, 1994).

¹⁰ A pesquisadora observa que locais como São Raimundo Nonato e Várzea Grande que distam apenas 30 km entre si e apresentem relevo semelhante possuem ritmos pluviométricos diferenciados. O início das chuvas pode apresentar uma diferença de 15 dias entre esses locais. (EMPERAIRE, 1991).

¹¹ Não mais que 1 hora de duração. (EMPERAIRE, 1991).

aparecem superfícies aplanadas, constituindo as chapada e nas bordas surgem as *cuestas*¹² e *canyons* (PELLERIN, 1998).

No sopé da *cuesta* há uma vasta área de erosão, uma depressão vinculada a diferenciação litológica da Província da Borborema, definida como pedimento (MUTZENBERG, 2010). O pedimento é uma área plana, inserida num espaço dissecado entre a *cuesta* formada pelas rochas areníticas e conglomeráticas da Bacia do Parnaíba e os morros de quartzito que constituem a Serra dos Dois Irmãos, ambos voltados para oeste (SANTOS, 2007).

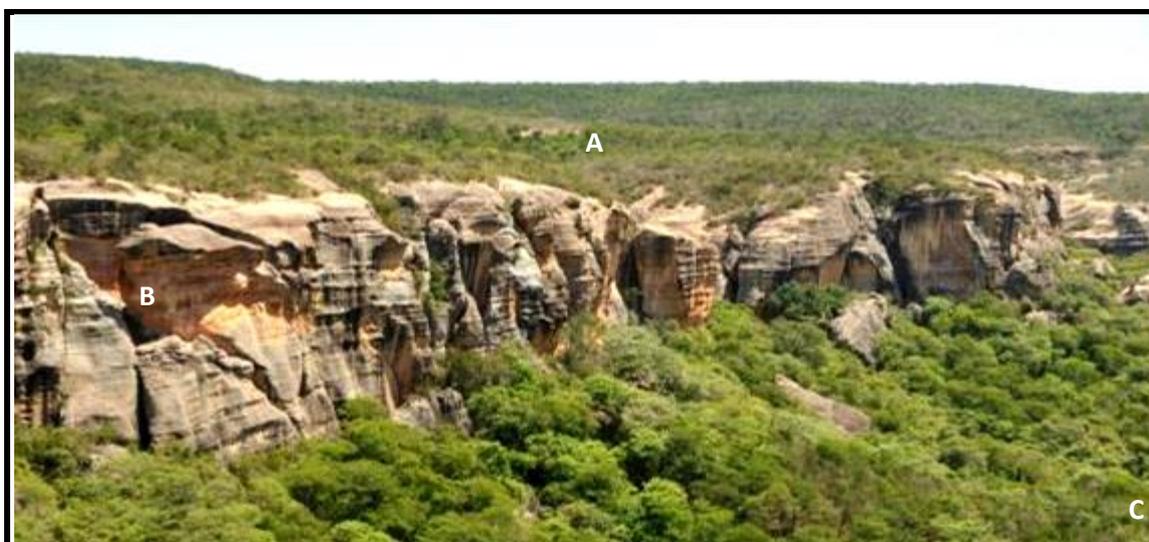


Figura 2: Domínios geomorfológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara. Chapada-PI: A – chapada; B – *cuesta* e C - pedimento. Fonte: Adaptado de Cisneiros, 2008.

Os sopés dos paredões na frente da *cuesta* possuem a maioria dos abrigos portadores de grafismos rupestres. A área do serrote dos calcários também abriga manifestações gráficas em algumas grutas, mas em menor densidade.

1.3 O CONTEXTO GRÁFICO

Os indícios mais antigos sobre as manifestações gráficas na Área Arqueológica da Serra da Capivara foram evidenciados no Sítio Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra

¹²Pellerin (1998) define as *cuestas* como uma elevação assimétrica possuindo uma frente formada por altas paredes íngremes face a planície da Depressão, além do topo e das costas ou reverso com ligeira inclinação.

Furada. Numa camada arqueológica datada em 32.160 ± 1000 ¹³ anos BP foi encontrado um fragmento de parede com manchas de ocre vermelho. O material estava pouco preservado, comprometendo a visualização de formas definidas, tornando-o duvidoso para se comprovar a existência da prática gráfica nesse período, mas possibilitou se pensar na hipótese de que a pintura rupestre tinha uma função social muito antiga nessa região (GUIDON, 1989; PESSIS, 1994).

Também no Sítio Toca do Serrote da Bastiana, foram atribuídas datações para algumas de suas pinturas através da associação com calcita datadas por TL e EPR. As datas mais recuadas foram obtidas em diferentes momentos. Em 2001, o pesquisador Shiguelo Watanabe e sua equipe (Universidade de São Paulo) obtiveram datações entre 33.000 e 35.900 BP anos para grãos de calcita que recobriam a figura de um antropomorfo de grande porte atribuído a Tradição Agreste. Em 2002, os resultados obtidos apresentaram datas entre 48.286 e 39.442 anos BP para outra figura humana de grandes proporções. Entretanto, de acordo com Pessis e Guidon (2009), como a coleta do material foi feita através da raspagem da superfície da amostra e o produto é formado pela fusão de todos esses depósitos o resultado que se obtém é uma média da idade dos cristais que compõem a amostra de calcita. Além disso, existe o risco que cristais da própria rocha contaminem a amostra. Por isso, as autoras refletem que trata-se de um método ainda controverso que precisa ser ajustado.

¹³ Datação obtida por meio de carvão encontrado em estrutura de combustão. Laboratório: GIF 6653.

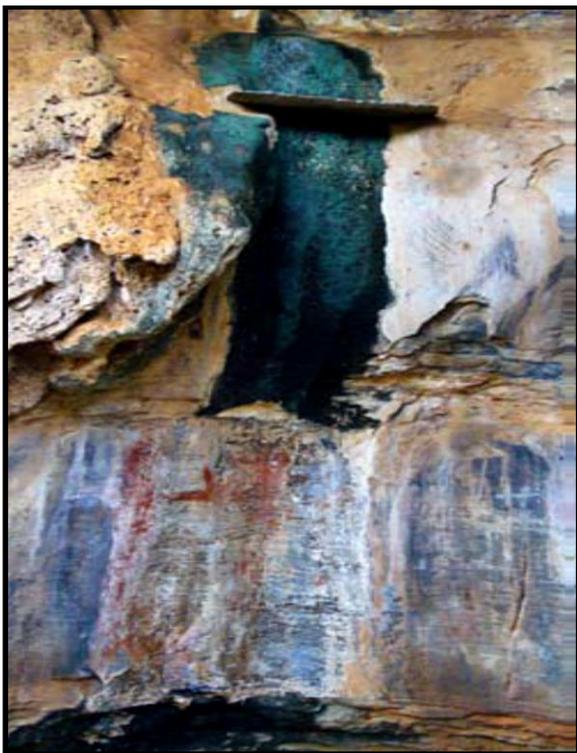


Figura 3: Vista do antropomorfo associado a calcita datada em 48.286 e 39.442 BP por TL e EPR, respectivamente. Sítio Toca do Serrote da Batiana. Fonte: Pessis e Guidon (2009).



Figura 4: Antropomorfo associado a calcita datada em 33.000 e 35.900 BP por TL e EPR, respectivamente. Sítio Toca do Serrote da Batiana. Fonte: Pessis e Guidon (2009).

As evidências mais recuadas que apresentam dados mais concretos para a prática gráfica local ficou a cargo de um fragmento de parede com dois traços retilíneos, dispostos de forma paralela e pintados em vermelho, evidenciados nas escavações do sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada. Esse fragmento foi encontrado em associação a uma estrutura de combustão datada em 17.000 ± 400^{14} anos BP (GUIDON, 1989; PESSIS, 1994).

¹⁴ Datação obtida por meio de carvão encontrado em estrutura de combustão no sítio Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada. Laboratório: GIF 5397.



Figura 5 - Fragmentos de parede com pintura encontrados durante escavação da Toca do Sítio do Meio, datados entre 9.400 + 60 e 8760 + 100 anos BP. Fonte: Adaptado de Cisneiros (2008).

A partir de 12.000 anos BP os painéis encontrados em contexto de datação indireta começam a apresentar informações mais completas. Foi o caso do Sítio Toca do Baixão do Perna I (Figuras 4 e 5). Neste sítio foram evidenciados dois painéis com pinturas rupestres. As figuras mais baixas estavam no mesmo nível que o sedimento datado em 10.500 ± 110 (BETA 32971) anos BP, indicando que esses grafismos foram pintados, no mínimo, neste período. Como essas pinturas estavam próximas à base da parede e considerando a pouca probabilidade de que seus executores deitaram-se no solo para realizá-las, levantou-se a hipótese de que essas pinturas foram realizadas pelos primeiros ocupantes do abrigo há pelo menos 12.000 anos BP. É o momento em que se considera que os registros rupestres passaram a ser mais difundidos nessa área (PESSIS, 1994).



Figura 6 - Painel sendo evidenciado durante as escavações no sítio Toca do Baixão do Perna I em meados da década de 1980. Foto: Acervo imagético da Fumdam.

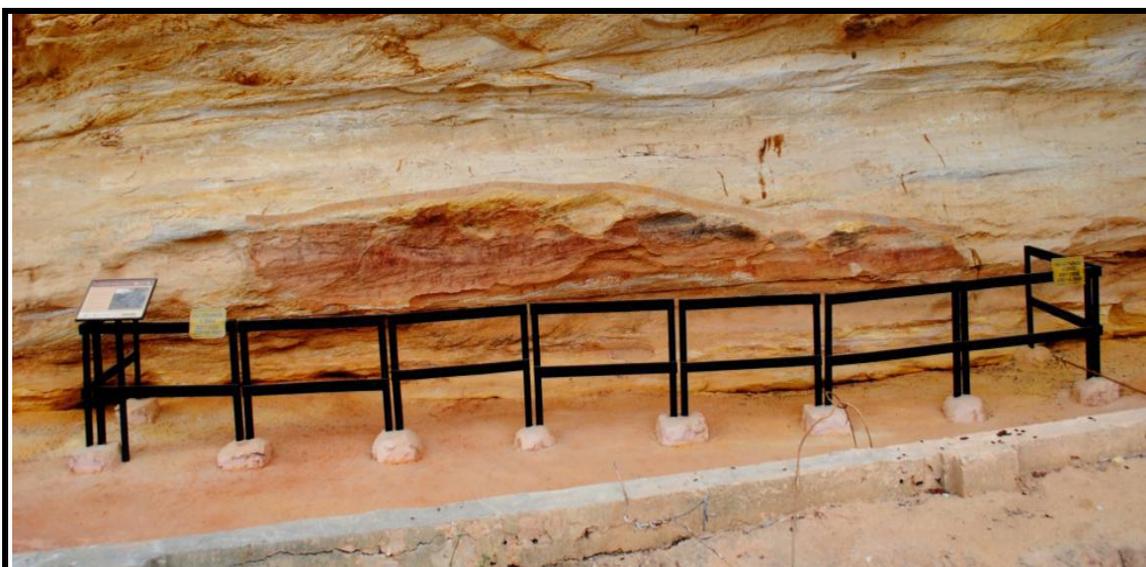


Figura 7: Imagem recente do painel completamente evidenciado durante escavações na Toca do Baixão do Perna I. Foto: Pâmara Araújo.

Tabela 1: Datações associadas aos grafismos rupestres pintados. Fonte: Banco de dados da FUMDHAM (2013).

SÍTIO	AMOSTRA	VESTÍGIO GRÁFICO	DATAÇÃO	MÉTODO	LABORATÓRIO	ANO
Toca do Sítio do Meio	Carvão	Fragments de parede com pintura	9110 +/- 60 BP	C14	BETA ¹⁵ -148099	2000
Toca do Sítio do Meio	Carvão	Fragments de parede com pigmento	8925+/-55 BP	C14	Ly ¹⁶ -10136	2001
Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada	Carvão	Fragments de parede com pintura	26300 +/- 800 BP	C14	GIF ¹⁷ - 6309	1983

¹⁵ Beta Analytic, Miami (USA).

¹⁶ Laboratório da Université Claude Bernard – Lyon. (França).

¹⁷ GIF: Laboratoire des Faibles Radioactivités – CNRS, Gif-Sur-Yvette (França)

Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada	Carvão	Bloco com pintura	29860 +/- 650 BP	C14	GIF - 6651	1984
Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada	Carvão	Bloco com pintura	7230 +/- 80 BP	C14	GIF-7242	1982
Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada	Carvão	Bloco com pintura	17000 +/- 400 BP	C14	GIF-5397	1980
Toca da Extrema II ou do Gato	Carvão	Pingo de pintura	3350 +/- 60 BP	C14	BETA -114015	1998
Toca da Extrema II ou do Gato	Carvão	Nível abaixo do Bloco gravado Data queda de blocos com gravuras e pinturas	3130 +/- 50 BP	C14	BETA - 223089	2006
Toca da Ema do Sítio do Brás I	Carvão	Bloco com pintura	8190+/-60 BP	C14	BETA-148100	2000
Toca do Baixão do Perna I	Carvão	Base do fundo do fogão sob o painel com pinturas	10530 +/- 110 BP	C14	BETA-32971	1989
Toca do Baixão do Perna I	Carvão	Painel enterrado - 20 cm acima da base da escavação 87/Pint -	9650 +/- 100 BP	C14	BETA-32972	1989
Toca do Serrote das Moendas	Calcita	Pinturas Rupestres	31860+/-210	C14	GIF	2006
Toca da Janela da Barra do Antônio	Calcita	Pinturas Rupestres	19000 +/-4000 BP	EPR	USP	2002
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pinturas Rupestres	17000 +/-2000 BP	EPR	USP	1991
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pinturas Rupestres	33/35.900 BP	TL/EPR	USP	2001
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pinturas Rupestres	48.286 BP	TL	USP	2002
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pinturas Rupestres	39.442 BP	EPR	USP	2002
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pigmentos de Pinturas Rupestres	2.490+/-30	C14	Texas A&M C14	2002
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pigmentos de Pinturas Rupestres	2280+/-110 BP	C14	Texas A&M ¹⁸	2002
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pigmentos de Pinturas Rupestres	1880+/-60 BP	C14	Texas A&M14	2002
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pigmentos de Pinturas Rupestres	2970+/-300 BP	C14	Texas A&M	2002
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pigmentos de Pinturas Rupestres	3320+/-50 BP	C14	Texas A&M	2002
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pigmentos de Pinturas Rupestres	3730+/-90 BP		Texas A&MC14	2002
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pinturas Rupestres	2680+/-40 BP		BETA-193438	2004
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pinturas Rupestres	2455+/-30		GIF	2004
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pinturas Rupestres	1770+/-30		GIF	2004
Toca do Serrote da Bastiana	Calcita	Pinturas Rupestres	4390+/-30		GIF	2004
Toca do Pica-Pau	Carvão	Placa com pintura	7410+/-60 BP		BETA-207267	2005
Toca da Boa Vista	Carvão	Gota	5090 +/- 110 BP		GIF - 5865	1982

¹⁸ Texas A&M University – Texas - (USA).

Toca da Roça do Justino VI	Carvão	Pigmento de tinta vermelha (pingo)	10220 +/- 50 BP	BETA - 320006	2012
Toca da Roça do Dalton II	Carvão	Placa com pintura	8670+/- -60 BP	BETA-236594	2007
Toca do Vento	Carvão	Painel soterrado	2810 +/- 60 BP	BETA-196302	2004
Toca do Pau Doia	Carvão	Painel soterrado	7730+/- - 60 BP	BETA - 168603	2002

Em relação à matéria prima utilizada para a produção das pinturas. Lage (1998) analisou amostras de pigmentos encontrados em níveis arqueológicos com o objetivo de comparar a composição destes com os pigmentos das pinturas expostas nesses abrigos. O resultado propiciou a identificação da composição mineralógica de pigmentos que apresentam diferentes colorações: o vermelho, coloração predominante na área, é composta por hematita (óxido de ferro) com uma grande quantidade de cálcio; os tons em amarelo são obtidos por meio da goetita¹⁹; o negro é oriundo de carvão animal obtido com a queima e trituração dos ossos; o branco tem sua origem através da kaolinita e da gipsita; e o cinza é uma mistura natural de vermelho (óxido de ferro) com o branco (caulinita). Pesquisas contínuas na área sobre a composição química dos pigmentos associadas a técnicas portáteis e sem prejuízos para as pinturas vem sendo aplicadas e poderão vir a apresentar novas contribuições para a composição e elaboração dos pigmentos dos grafismos localizados na Área Arqueológica Serra da Capivara.

Ao longo das décadas de pesquisa foram buscados procedimentos analíticos que pudessem gerar resultados bem fundamentados através da aplicação de uma metodologia adaptada às condições material e cultural que se apresentara naquela área. O procedimento analítico adotado inicialmente buscou ordenar esses grafismos através de uma classificação taxonômica levando em consideração as dimensões temáticas, técnica e cenográfica do fenômeno gráfico.

O ordenamento preliminar adotado classificou os registros rupestres da área em tradições²⁰, subtradições²¹ e estilos²². Os grafismos pintados foram agrupados em duas tradições chamadas Agreste²³ e Nordeste²⁴.

¹⁹ Hidróxido de ferro hidratado.

²⁰ Estabelecidas pelos tipos de grafismos representados e pela proporção relativa que estes tipos guardam entre si (PESSIS, 1987).

²¹ Estabelecidas segundo critérios ligados a diferenças na representação gráfica de um mesmo tema e à distribuição geográfica (PESSIS, 1987).

²² Estabelecidos a partir de particularidades que se manifestam no plano da técnica de manufatura gráfica e pelas características da apresentação gráfica da temática (PESSIS, 1987).

1.4 A FIGURA HUMANA NO CONJUNTO GRÁFICO DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DA SERRA DA CAPIVARA

Na Área Arqueológica da Serra da Capivara, as representações de figuras humanas pintadas manifestam-se por meio de diferentes formas de apresentação gráfica.

Essas diferentes concepções da forma humana nas representações gráficas dessa região trazem consigo elementos que atuam como componentes de diferentes identidades gráficas²⁵ de grupos sociais que viveram na área em diferentes momentos do passado.

Muitas representações apresentam um recurso narrativo que possibilita ao observador reconhecer a identidade do que é representado, entretanto, o conteúdo da mensagem é limitado ao seu grupo de origem: “Para compreender o sentido é necessário informação suplementar de outros registros complementares, como o verbal, o gestual e os meios de transmissão de conhecimento, próprios da tradição oral.” (PESSIS, 2003). Seria dentro desse contexto que o hermetismo entra em cena como uma forma de manter no seio do grupo “certas modalidades de organização, justificativas ideológicas, manutenção de hierarquia, até a necessidade de preservar identidades diante a existência de outros grupos culturais.”.

O caráter hermético é bastante comum em representações que se apresentam de forma emblemática onde duas figuras humanas são dispostas dorso contra dorso ou ainda, com uma figura de frente e outra de perfil (PESSIS, 2003).

O que se mostra evidente é o fato de que na Área Arqueológica da Serra da Capivara, a figura humana foi concebida por meio de diferentes grupos de grafismos

²³ Foi caracterizada pela predominância de grafismos reconhecíveis, principalmente as figuras humanas. Os animais são raros, assim como grafismos dotados de ações. Este último quando acontece, alude somente a caçadas. Fitomorfos e objetos são inexistentes, assim como o movimento e o dinamismo, já que as figuras são representadas sempre de forma estática. Os grafismos puros são abundantes e apresentam morfologia diversificada. (PESSIS, 1992).

²⁴ Foi caracterizada pela presença tanto de grafismos reconhecidos como pelos grafismos puros que, por sua vez, são minoria. Na maioria das vezes, as figuras representadas constituem ações com temas variados que representam a vida cotidiana ou cerimonial. As figuras humanas são ricamente representadas e junto com os zoomorfos ultrapassam, em número, as figuras de fitomorfos e objetos. A coloração predominante é a vermelha e suas características podem variar, conforme a subtradição. Foi subdividida em duas subtradições: Várzea Grande, na Área Arqueológica da Serra da Capivara (PI) e subtradição Seridó, na Área Arqueológica do Seridó (RN/PB). A subtradição Várzea Grande era composta por crono-estilos que sucediam-se no tempo: estilo Serra da Capivara, complexo estilístico Serra Talhada e estilo Serra Branca (GUIDON, 1989).

²⁵ A identidade gráfica compreende um conjunto de características que permitem atribuir a um dado conjunto de grafismos a uma determinada autoria social (PESSIS, 1992).

apresentando variabilidade temática, técnica e cenográfica resultantes na manifestação de diferentes perfis gráficos.



Figura 8 - Antropomorfos simples em representações dinâmicas. Destaque para a cena lúdica, na vertical e para as representações em torno de um fitomorfo. Sítio Toca da Entrada do Pajaú. Parque Nacional Serra da Capivara. Foto: Pâmara Araújo.



Figura 9 - Composição de figuras humanas caracterizada pelas distinções de caracteres individuais privilegiados pela ornamentação do preenchimento interno. Sítio Toca do Salitre, entorno do Parque Nacional Serra da Capivara. Fonte: Acervo imagético da FUMDHAM.

As figuras que se apresentam de forma simples, possuem traços mínimos para a identificação primária da sua forma humana, o que corresponde ao corpo, cabeça e membros.

Simplicidade e complexidade também são observadas na representação das composições. De acordo com Pessis (2005) a simplicidade é evidenciada quando se tem um conjunto de figuras homogêneas, onde apenas uma é portadora de um traço dissímil. A complexidade, por outro lado, pode ser constatada através da representação de diferentes figuras, cada uma atributos próprios de diferenciação.

Por outro lado, muitos grafismos antropomórficos foram reproduzidos com bastante dinamismo, as vezes no auge de determinada ação, com temas como “A sexualidade, a dança lúdica e ritual, os ritos coletivos, a caça individual de pequenos animais...” (PESSIS, 1989).

Os elementos secundários de identificação da figura humana podem ser representados através de atributos que complementam o tipo de ação representada. Nesse caso o que se observa são elementos culturais como objetos e adornos ou a mesmo a adição de elementos da própria estrutura física humana como representação do sexo.

O adorno, nas figuras antropomórficas, em alguns casos, funciona como um artifício que substitui a cabeça ou uma máscara que pode chegar a cobrir todo o corpo ou mesmo por meio de vestimentas (PESSIS, 1989; 2005).

Em outro grupo de figuras, a ornamentação como preenchimento do corpo atua como principal traço de identificação da sua forma de apresentação gráfica: “A decoração da figura torna-se o suporte de um símbolo de diferenciação cultural que se faz acompanhar por uma encenação das figuras humanas, cuja função principal é servir de suporte dessa decoração simbólica.” (PESSIS, 2003).

O pouco movimento denota uma representação dessas figuras plasmadas sobre o suporte rochoso. O pouco movimento é sustentado pela rigidez dos traços angularizados, típico das figuras humanas que se concentram na região da Serra Branca, dentro dos limites do PNSC.



Figura 10 - Representação de antropomorfos em ação hermética. Apresentam adornos de cabeça e um tipo de veste. Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Parque Nacional Serra da Capivara-PI.

A indicação do gênero na figura humana representada na Área Arqueológica da Serra da Capivara é manifestada quando o contexto da apresentação gráfica representa uma ação que necessita da distinção entre os sexos.

De acordo com Pessis (2005), nessa área, a representação feminina com indicação do gênero se dá apenas em composições que tratam de temas como ao cópula e o processo de gestação. O órgão sexual feminino é representado de forma exteriorizada e não corresponde a morfologia real. O que se busca com esse tipo de representação é o destaque à sua função: “não é o sexo feminino que é representado, mas sua função de receptor do falo.” (PESSIS, 2003).

As figuras masculinas, por sua vez, são identificadas através da representação do falo. Também exprimem função e são representadas em cenas de diferentes temáticas, seja em atos de cópula, nos ritos cerimoniais, nos rituais de iniciação, em cenas de caça individual ou coletiva, e nas cenas de agressão, para citar alguns exemplos.

Existe, ainda, uma terceira categoria composta pelas figuras que não apresentam nenhum indicador sexual. Essas são a maioria e estão representadas em todas as temáticas das várias formas de apresentação gráfica da área arqueológica da Serra da Capivara.

Para a autora citada, as figuras sem indicador sexual não agregariam informação na transmissão do conteúdo representado, o que por sua vez, contrapõe a indicação do gênero. Nessas cenas em que não existem diferenciador de gênero, homens e mulheres estariam aptos a desenvolver os mesmos tipos de atividades, sugerindo a configuração de uma ideologia que é associada a um tipo de sociedade que não se baseia na divisão social do trabalho. É importante considerar que essa perspectiva não exclui a existência de atividades rituais em que se tem a distinção sexual. Nesse caso a exclusão seria igual para ambos os sexos, o que não configuraria uma desigualdade de gênero (PESSIS, 2003; 2005).



Figura 3: Cena com antropomorfos portando objetos. Toca do Estevão III, entorno do Parque Nacional Serra da Capivara - PI.

No que tange ao porte de objeto, o que se observa é que esses elementos funcionam como dispositivos que complementam a narrativa de diferentes tipos de ações como a caça (Figura 9) e a violência.

Outras figuras apresentam-se de forma bastante esquematizadas (Figura 10). Nesses casos, a figura humana é simplificada ao extremo, as vezes ganhando traços geométrizados. Funciona como se fosse um esboço da morfologia antropomórfica, tendo a sua condição humana completada pela imaginação do observador.

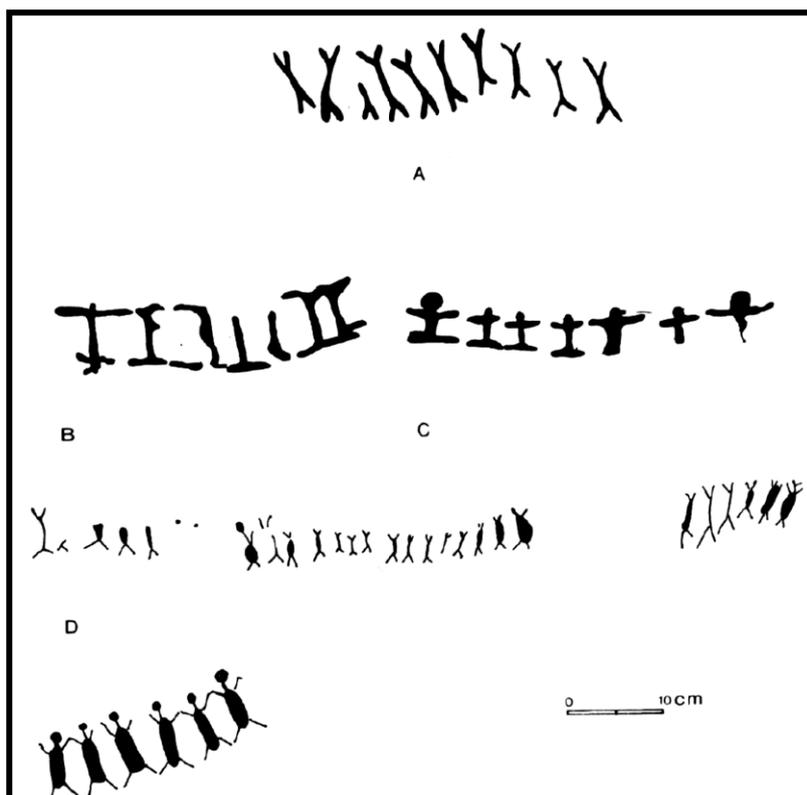


Figura 4: Diferentes formas de apresentação de figuras humanas dispostas em linha (“fileira humana”). Figura A) Toca do Boqueirão do Saco; B) Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada; C) Toca do Baixão das Mulheres; D) Toca do Sítio do Meio; E) Toca do Sítio do Meio. Área Arqueológica da Serra da Capivara, PI. Fonte: Adaptado de Monzon, 1980.

Um exemplo dessa construção gráfica são as figuras humanas enfileiradas, comuns na região da Serra Talhada, nos limites do PNSC. Hipoteticamente considera-se que, nessa área, as figuras mais geometrizadas que remetem a bastonetes são esquematizações da figura humana (GUIDON, 1978; 1984; PESSIS, 1987).

O nível de variabilidade de maior interesse preliminar para essa pesquisa é referente as diferentes construções do tamanho nas formas de apresentação das figuras humanas.

De acordo com Pessis (2003), figuras que antes se apresentavam com dimensões reduzidas, com uma média de 30 cm, “tornaram-se verdadeiras miniaturas”. Para a autora isso foi possibilitado através da utilização de instrumentos específicos que possibilitaram a obtenção de ângulos arredondados, mas que ainda mantêm a temática central perceptível nos perfis gráficos que se concentram na área do Desfiladeiro da Capivara.

Pessis (2003) observa que o tamanho das figuras varia ainda mais para dimensões superiores aos 30 cm ou inferiores com o mínimo de 4 cm. Guidonet *al* (2006),

por sua vez, ressalta que alguns grafismos não excedem os 3 cm de comprimento. Martin (2008) aponta que o tamanho médio das pinturas que foram atribuídas à tradição Nordeste seria de 5 a 15 cm.

Tabela 2: Síntese de tamanhos relacionados às menores classes de grafismos por diferentes autores e seus respectivos contextos de pesquisa.

AUTOR	DESCRIÇÃO	TAMANHO	MINIATURA
AGUIAR, A. (1982) MARTIN, G. (2008)	Atribuição dada à figuras da Tradição Nordeste, mais especificamente à subtradição Seridó.	Pequeno porte: 5 a 15 cm	< 5 cm
CISNEIROS, D. (2008)	Tradição Nordeste no contexto gráfico da Serra da Capivara.	Pequeno porte: média de 30 cm	-
ETCHEVARNE, C. A. (2007; 2010)	Atribuição à Tradição Nordeste.	Pequeno Porte: 10 a 15 cm.	< 10 cm
GUIDON, N (2006).	Tradição Nordeste no contexto gráfico da Serra da Capivara.	-	+/- 3 cm
PESSIS, A-M. (2003)	Tradição Nordeste no contexto gráfico da Serra da Capivara.	Pequeno porte: média de 30cm	< 4 cm
PROUS, A.(1992; 2007) RIBEIRO, L. (2006)	Figuras reconhecíveis, na região do vale do Peruaçu, que evocam a Tradição Nordeste.	-	< 10 cm

A variabilidade do tamanho das unidades gráficas pode ser ressaltada até mesmo dentro de uma composição que, se dispostas em diferentes planos sucessivos, revelam a construção da profundidade como um elemento interno ao seu modo de apresentação diminuindo ou amentando propositalmente seu tamanho para dar a ideia de perspectiva.

Dessa forma, com base na variabilidade de tamanho observada por outros autores na área de estudo (PESSIS, (2003), GUIDON (2006); VALLS (2007); CISNEIROS (2008)) assim como por dados semelhantes observados por autores em outras áreas com situações similares (PROUS (1992); ETCHEVARNE (2007); MARTIN (2008)), este trabalho considera as seguintes medidas para as unidades gráficas:

Tabela 3 – Apresentação de tamanhos e escalas para os grafismos rupestres nesta pesquisa.

TAMANHO	ESCALA	DESCRIÇÃO
Grande Porte	>30cm	Algumas figuras podem atingir 1m de altura.
Médio Porte	Entre 30 e 15cm	Redução gradativa de tamanho.
Pequeno Porte	Entre 15 e 5 cm	Mesmo com a redução gradual do tamanho dos grafismos os procedimentos técnicos aplicados na execução dessas figuras menores mantêm-se análogos àqueles empregados às figuras de maiores proporções.
Miniatura	<5 cm	Pequenas dimensões associadas a técnicas específicas, como a utilização de instrumentos que proporcionam a redução da espessura do traço da figura. Este último tem uma espessura média de 1mm.

Um contraponto a essa forma de apresentação são as grandes figuras que se concentram na região da Serra Branca que podem superar 1 m de comprimento.

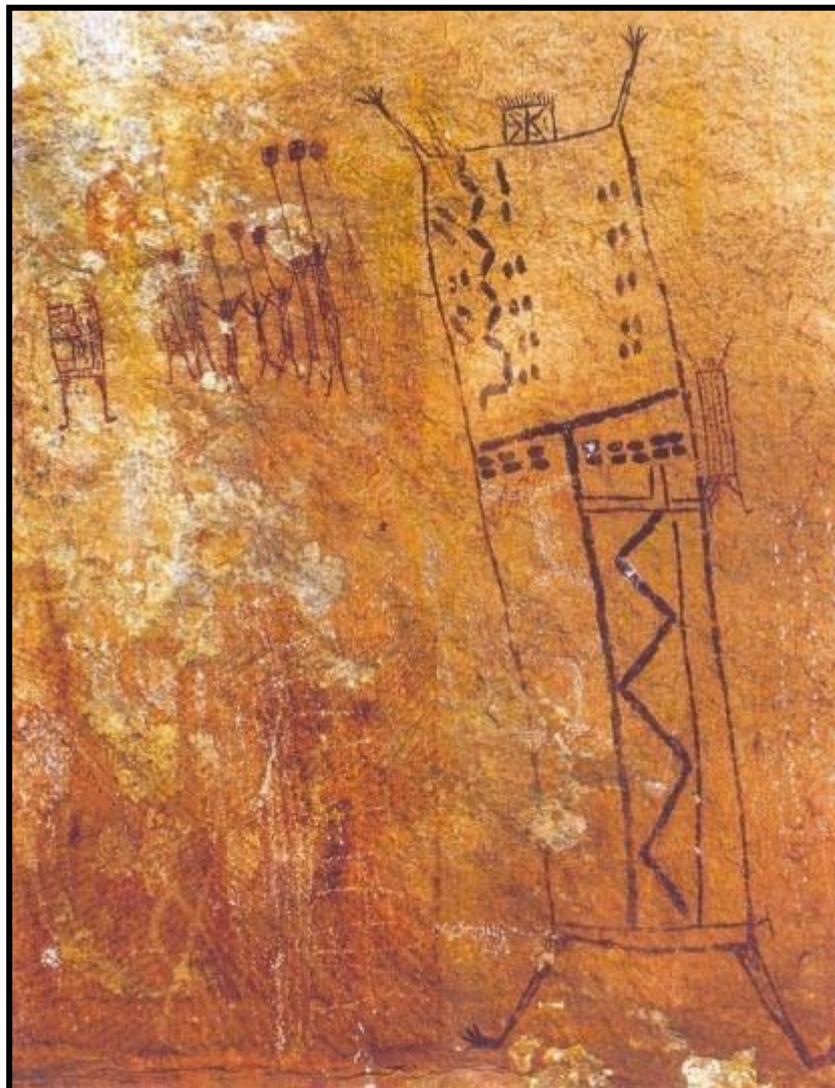


Figura 11 - Antropomorfo de grandes proporções, com dimensões próximas a 1m de altura. Toca do Morcego, Parque Nacional Serra da Capivara. Fonte: Cisneiros (2008).

1.5 OS ANTROPOMORFOS MINIATURIZADOS EM OUTROS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS

Desde o início das pesquisas na Área Arqueológica da Serra da Capivara o termo miniatura foi atribuído àqueles grafismos que representam, através de pequenas dimensões, temáticas comumente apresentadas em dimensões superiores.

Entretanto, trata-se de uma forma de apresentação gráfica que não se restringe apenas a Área Arqueológica da Serra da Capivara. Em diversas regiões dentro e fora do país que, por sua vez, apresentam grafismos pintados de forma figurativa, há também uma tendência em manifestar a miniaturização dentre suas formas de apresentação gráfica. Alguns pesquisadores referem-se as “miniaturas” com dimensões iguais ou inferiores aos 10 cm (PROUS, 1991; ETCHEVARNE, 2007).

É importante ressaltar que estudos direcionados especificamente a este tipo de representação gráfica ainda são escassos, salvo algumas exceções. A maioria dos trabalhos em que se obteve algum tipo de informação a respeito apresenta um teor informativo de caráter geral sobre novas áreas de pesquisa.

Dessa forma, as miniaturas são apenas citadas como parte do contexto gráfico local, muitas vezes sem referência imagética ou mesmo escala gráfica. Isso justifica a dificuldade de se obter informações mais precisas sobre essa classe de grafismos.

No contexto gráfico da Europa, um dos trabalhos que apresentou uma análise voltada para as proporções das representações antropomórficas no conjunto gráfico da área de estudo foi o de Inês Domingo-Sanz no Levante Espanhol.

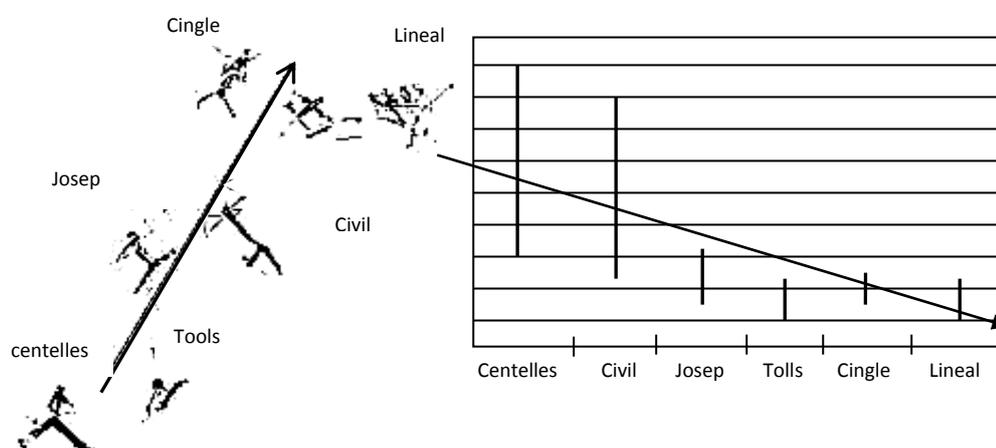


Figura 5: Ilustração da tendência para a diminuição progressiva do tamanho e do volume do corpo das figuras humanas esquematizadas no Levante espanhol. Na primeira imagem a seta indica a diminuição das dimensões dos antropomorfos, que é ilustrada por meio da morfologia corporal. Na segunda imagem essa diminuição é ilustrada por meio de um gráfico indicando a nomenclatura estilística correspondente à morfologia dos antropomorfos da figura anterior. Fonte: Adaptado de Domingo-Sanz (2006).

No contexto sul-americano as recorrências da forma de apresentação miniaturizadas também se manifestam em diferentes regiões: na Precordilheira Arica²⁶, no norte do Chile, (SEPÚLVEDA et al, 2012); no Vale do Rio Pinturas, Patagônia (SCHOBINGER; GRADIN, 1985); na Cordilheira de Carabaya, Peru (HOSTNIG (2005); PALOMARES (2007)); e em Betanzos na Bolívia (STRECKER (2004)), para citar alguns exemplos.

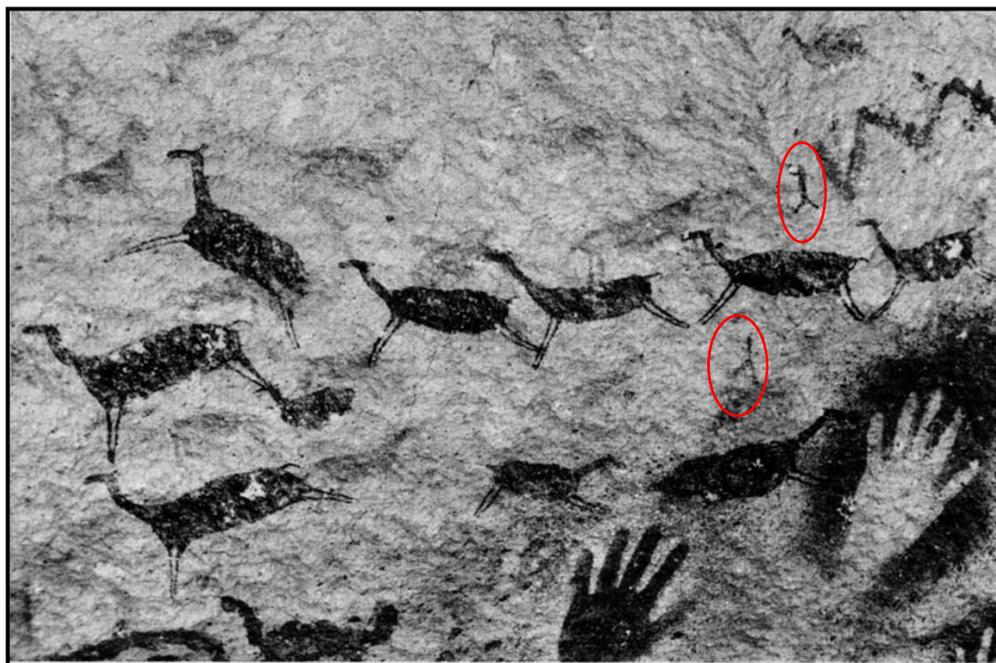


Figura 6: Pinturas Rupestres da Cueva de las Manos. As figuras circunscritas em vermelho correspondem a antropomorfos miniaturizados. As dimensões diminutas das figuras evidenciadas podem ser estipuladas se tomadas às proporções das mãos (em tamanho natural) como parâmetro de comparação, devido a ausência de escala gráfica na fotografia. Fonte: Gradín; Aschero; Aguerre (1987).

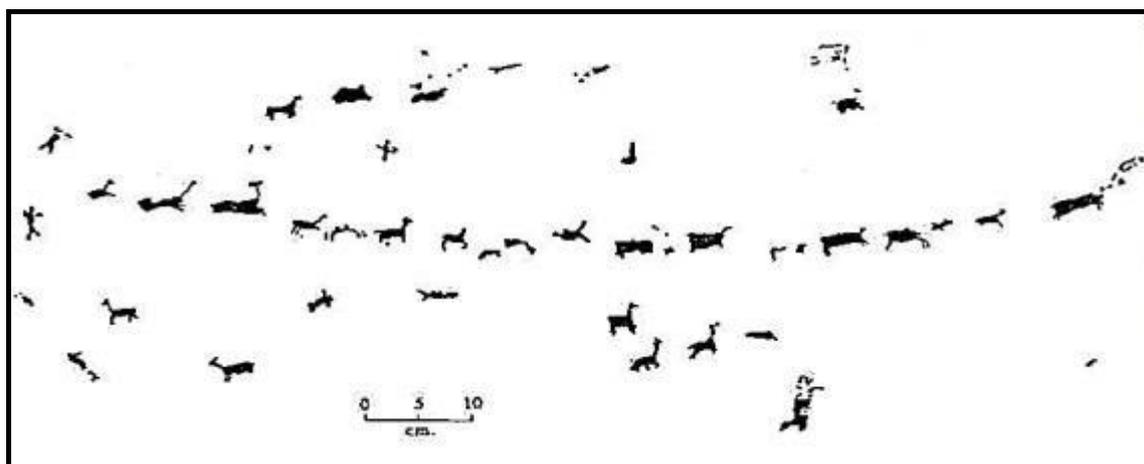


Figura 7: Cena de caça ou captura composta por figuras antropomorfas miniaturizadas. Sítio arqueológico Lajasmayu II, região de Betanzos, dept. Potosí-BO. Fonte: Adaptado de Freddy Taboada (*apud* STRECKER, 2004).

²⁶ A precordilheira corresponde ao alinhamento mais baixo de uma cadeia montanhosa. A Precordilheira Arica está inserida na cadeia montanhosa dos Andes, na região da província de Arica no extremo norte do Chile.

No contexto gráfico do Brasil, a menção da existência de miniaturização nos grafismos rupestres pôde ser observada em diferentes áreas arqueológicas e de igual diversidade. Pode-se mencionar a região de Campos Gerais do Paraná no sul do país (Cf. Figuras 14 e 15), (BLASI; PONTES FILHO; MULLER, 2002); a Serra do Lajeado no Tocantins (BERRA, (2001)); no Vale do Alto São Lourenço no Mato Grosso conforme Wüst e Vaz (1998, apud RIBEIRO, 2006) e no Vale do São Francisco na região de Minas Gerais, de acordo com (RIBEIRO, 2006) e (PROUS; RIBEIRO, 2007).



Figura 8: Zoomorfo miniaturizado. Sítio Palmeiras, Campos Gerais – PR. Escalas de 10 cm. Foto: Antônio Carlos Cavalheiro.

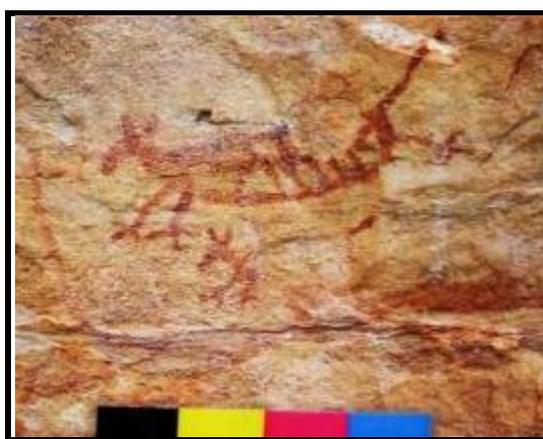


Figura 9: Zoomorfo miniaturizado. Sítio Espiral, Serra do Lajeado – TO. Escalas de 10 cm. Foto: Julia Berra.



Figura 10: Antropomorfo miniaturizado. Cidade de Pedra, MT. Fonte: Vialou (2006).



Figura 11: Antropomorfo miniaturizado. Serra do Lajeado, TO. Fonte: Berra (2003).

Entretanto, é justamente na região Nordeste que aparecem mais concentrações desses grafismos miniaturizados, mais especificamente em algumas áreas da Chapada Diamantina na Bahia e mais densamente na área arqueológica do Seridó.

Etchevarne (2007) observa que na Bahia, existe uma tendência a “miniaturização”, levando em consideração que na maioria dos sítios pesquisados boa parte do conjunto gráfico apresenta composições com dimensões entre 10 e 15 cm. O autor constatou, ainda, que de forma similar à Área Arqueológica da Serra da Capivara, existem figuras completas, humanas ou animais, que medem, no máximo, 2 cm de altura (Figura 19).



Figura 12: Zoomorfo miniaturizado. Sítio Toca do Pepino. Morro do Chapéu, BA. Foto: Claudia Cunha, 2010.

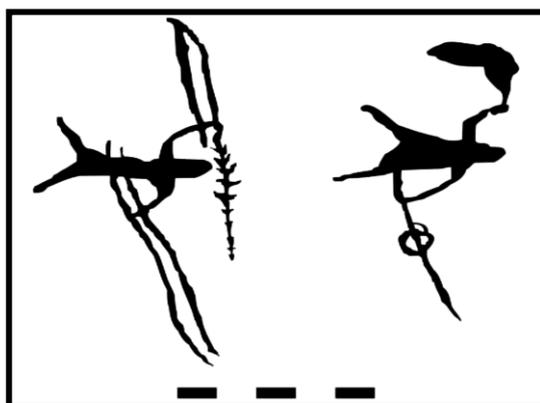


Figura 13: Antropomorfos miniaturizados do Complexo de Sítios do Rodrigoão em Morro do Chapéu, BA. Escala de 5 cm. Fonte: Claudia Cunha (2010).

Ainda sobre a tendência à redução de tamanho das pinturas rupestres do contexto gráfico da Bahia, Cunha (2010) observou que na região de Morro do Chapéu as

“miniaturas” são encontradas em alturas relativamente baixas sobre paredes “suaves” ou em tetos de abrigos que ultrapassam os 2m de altura em relação ao solo atual, embora existam composições encontradas também em blocos caídos ou fendas. A autora também observou que quando compartilham um painel com grafismos de maiores dimensões, as “miniaturas” ocupam um espaço periférico. Dentro desse contexto Cunha (2010) observou que a maioria das miniaturas é representada por figuras humanas monocromáticas (vermelho) relacionadas a cenas; geralmente portam objetos e não ultrapassando a altura de 15 cm.

Em algumas regiões de Pernambuco, assim como na área arqueológica do Seridó, nos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, podem ser encontradas variações de representações gráficas observadas na Serra da Capivara, o que inclui os grafismos miniaturizados (PERAZZO, 2007; BARBOSA, 2007).



Figura 14: Antropomorfos miniaturizados. Sítio do Veado, Pedra – PE. Fonte: Perazzo (2007).

No caso da Área Arqueológica do Seridó, Martin chama atenção para o fato de que os grafismos, de uma forma geral, apresentam dimensões reduzidas entre 15 e 5 cm de altura. Mas, também encontram-se àqueles grafismos com proporções ainda menores, como as miniaturas encontradas nos sítios Xique-xique II, Mirador e Furna do Messias.

Mesmo contendo as próprias especificidades, é interessante observar que é nessa área que se encontram as maiores similaridades com o conjunto gráfico da Área Arqueológica da Serra da Capivara, o que inclui a miniaturização das figuras.



Figura 15: Antropomorfos em miniaturas. Sítio Xique-xique II, Carnaúba dos Dantas- RN. Fonte: COSTA, 2003.



Figura 16: Representação miniaturizada no sítio Furna do Messias, Área Arqueológica do Seridó, RN. Fonte: MARTIN, 2009.

CAPÍTULO II

HISTORIOGRAFIA DOS CONCEITOS E MARCO TEÓRICO

“Papá! Mira los toros!” (Grito da menina Maria de Santuola, ao descobrir as antigas pinturas parietais, na caverna de Altamira, na Espanha).

Pictografias, figuras, inscrições, petroglifos são algumas das muitas atribuições dadas às manifestações gráficas pintadas ou gravadas pelo homem pré-histórico sobre suporte rochoso fixo.

Uma das designações mais comuns é a chamada “arte rupestre”, que tem seu uso justificado pelo fato de que “... ‘arte’ e ‘artista’ têm a mesma raiz latina que ‘artesão’ (...).” (PROUS, 1991). Entretanto, neste trabalho, será utilizado o termo “registro rupestre” como forma de dissociar de uma conotação puramente estética algo que muito provavelmente figura entre as primeiras manifestações artísticas do homem (MARTIN, 2008).

Também é amplamente utilizado neste trabalho o termo “grafismo” designado por Martin (2008) como qualquer desenho unitário indefinido no conjunto pictural rupestre. Trata-se de uma definição empregada aos registros rupestres por André Leroi-Gourhan e trazida para nomenclatura brasileira por Anne-Marie Pessis (MARTIN, 2008).

Por conseguinte, após a apresentação e definição dessas designações chave para o objeto de estudo em questão a sequência do capítulo continua tendo em vista a demonstração da estrutura da pesquisa. Em termos introdutórios, primeiramente é apresentada uma historiografia sobre o início das pesquisas em registros rupestres, o que inclui o contexto brasileiro. Num segundo momento, discutem-se algumas perspectivas teóricas que viabilizam o estudo desses registros gráficos. Por fim, a discussão centra-se nos caminhos encontrados para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.1 O INÍCIO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E AS DIFERENTES PERCEPÇÕES SOBRE O UNIVERSO GRÁFICO PRÉ-HISTÓRICO

No século XIX, o início do processo investigativo do universo gráfico pré-histórico se desenvolveu a passos lentos e de forma independente do restante do contexto arqueológico.

A própria comunidade científica da época estava engessada numa sociedade dogmática embasada nos preceitos cristãos, o que limitava, até mesmo, o desenvolvimento da Arqueologia enquanto ciência.

A arte parietal era apreciada apenas no âmbito antropológico, através de relatos interessados em demonstrar a diversidade cultural do Homem ou da História da Arte, para explicar a evolução do desenho (CISNEIROS, 2008).

O estudo sobre a antiguidade das manifestações gráficas pré-históricas tem seu interesse científico despertado a partir da segunda metade do século XIX com a publicação do livro *Antigüedades prehistóricas de Andalucía* de Manuel de Góngora y Martinez em 1868, uma das primeiras obras que se faz atribuição pré-histórica às pinturas rupestres esquemáticas (SANCHIDRIÁN, 2001).

A partir de 1879, com a descoberta dos grafismos da caverna de Altamira, é que se abre espaço para uma nova via de percepção sobre a investigação do passado humano num lapso de tempo ainda maior do que se pensava até então.

A publicação de Sanz de Sautuola da reprodução dos grafismos junto aos demais artefatos líticos e ósseos atribuídos ao Paleolítico Superior resultou em pronta rejeição, pois rompia com a ideia de evolução²⁷ da época. Pré-historiadores como de G. Mortillet, E. Harlé e E. Cartailhac não aceitaram a autenticidade dos grafismos descobertos por Sanz de Sautuola em Altamira, tendo-os como produto de uma farsa. (SANCHIDRIÁN, 2001).

Somente em 1902, com a comunicação de Henri Breuil sobre diversos achados de grafismos rupestres atribuídos ao Paleolítico Superior (Figuier (1890), La Mounth (1895) e Pair-non-Pair (1896)) entre os anos de 1893 a 1901 no Congresso

²⁷ Sob os preceitos de Charles Darwin veiculados que a partir da publicação do livro *A Origem das Espécies* (1859) apresenta a Teoria da Seleção Natural. Esta, por sua vez, veio a se tornar a explicação científica dominante para a diversidade das espécies na natureza.

l'Avancement des Sciences, foi que houve o reconhecimento à descoberta dos Sanz de Sautuola. Esse reconhecimento se deu por meio de Catailhac através da publicação do artigo “La cueva de Altamira: *mea culpa* de unescéptico”.



Figura 17: Reprodução realizada por Sanz de Sautuola dos grafismos rupestres da caverna de Altamira por volta de 1880. Fonte: PáscoaTurrion (2006).

A partir de então entra em cena um novo período que impulsionou o processo investigativo das manifestações gráficas pré-históricas. Começa o desenvolvimento dos primeiros enfoques explicativos sobre a emergência da “arte figurativa” ao longo dos tempos.

Esses enfoques foram construídos a partir de duas teorias principais, sendo uma de ordem biológica e outra de cunho socioeconômico.

De acordo com Lorblanchet (1999), as teorias com enfoque biológico, acentuam o homem em si mesmo a partir de suas pulsões primatas, do funcionamento de seu sistema nervoso, de suas características psicológicas e da importância do surgimento do *Homo sapiens*. De forma oposta, as teorias com enfoque socioeconômico, explicam o surgimento da arte figurativa a partir do desenvolvimento econômico e de certos progressos dentro desse domínio.

As diferentes formas de explicar a “arte parietal” do Paleolítico foram subsidiadas por diferentes paradigmas.

Para Lorblanchet (1999), os principais autores que despontaram nas primeiras décadas do século passado com as teorias mais consistentes acerca da origem da “arte figurativa” e que ainda mantêm certo tipo de influência atualmente são Georges-Henri Luquet²⁸, Henri Breuil²⁹ e André Leroi-Gourhan³⁰.

As primeiras explicações acerca desse tipo de fenômeno gráfico entendiam que os desenhos expressam “a arte pela arte em si”³¹, ou seja, a realização da pintura era dada simplesmente porque se tinha a necessidade de fazê-la.

Com o passar dos anos, em decorrência da profunda atividade de pesquisa do Abade Breuil, assim como a posterior introdução das comparações etnográficas na Europa, a perspectiva explicativa centrou-se na magia simpática relacionada a atividades mágico-religiosas que cumpriam os executores dos grafismos.

Explicações apoiadas no totemismo também surgiram através da elaboração de analogias simplistas baseadas em estudos etnográficos de grupos tribais na época. Nesse caso, os painéis seriam produzidos pelo simples acúmulo de grafismos sem planejamento algum (LORBLANCHET, 1999).

Em seguida surge o enfoque estruturalista, tendo Leroi-Gourhan e Laming-Emperaire como seus maiores expoentes. Em oposição à escola breuiliana, trazia uma nova postura baseada em fundamentos da linguística e da psicologia. A análise preconizava uma hierarquia organizacional através da topografia dos grafismos no suporte, tal como a estrutura do sítio (SANCHIDRIAN, 2001).

²⁸Luquet (1926) entendia que a produção da “arte parietal” era algo intencional, fruto do desejo de representar o mundo a sua volta e não meramente um produto do acaso. Tal fato seria possível pela capacidade de observação e transformação da matéria pré-existente. Também a observação premeditada de acidentes naturais plasmados nas paredes e que remetiam a algum tipo de forma natural incitariam ou puderam ter servido de inspiração para o complemento do desenho. A participação das crianças nesse tipo de produção gráfica, também foi considerada por Luquet. (LORBLANCHET (1999); PASCUA TURRION, 2006).

²⁹Breuil, por sua vez, tratava a arte em termos de magia simpática (os desenhos de animais, por exemplo, teriam sido feitos para que se pudesse controlá-los na vida real) ou magia da fertilidade (os desenhos teriam sido feitos para garantir a reprodução dos animais e garantir alimento para o futuro), (GASPAR, 2006). De acordo com Lorblanchet (1999) Breuil se valeu de estudos etnográficos e, assim como Luquet, estudou desenhos infantis, pois esperava discernir um modelo interpretativo dos primeiros mecanismos criativos da “infância da humanidade” (LORBLANCHET, 1999).

³⁰ Para Lorblanchet (1999), Leroi-Gourhan trouxe um novo tipo de percepção para o surgimento da “arte” ao considerar que os grafismos este fenômeno estava atrelado a linguagem. No pensamento de Leroi-Gourhan, linguagem e figuração estavam comungavam a capacitadas de representar de forma simbólica os elementos da realidade, pois os grafismos teriam dado suporte a um contexto oral irremediavelmente perdido (LORBLANCHET, 1999).

³¹Mortillet, Gabriel. La Préhistoire: origine et antiquité de l’homme. Paris: Schleicher, 1910.

O enfoque funcionalista, baseado nos aportes de Bronislaw Malinowsky, considerava as atividades humanas a partir da função que cumpriam em sua cultura. Nessa perspectiva a “arte parietal” servia a algum propósito, finalidade ou função do grupo que a produziu. Para o reconhecimento desses aspectos recorria-se a etnografia.

Na vertente trazida pelo materialismo histórico os grafismos são percebidos dentro da estrutura social que é determinada pelos meios de produção. Esse tipo de expressão refletiria o que não estaria expresso nos padrões de conduta do grupo. Não haveria, portanto, referência concreta que pudesse remeter a sua significação ou mesmo função, pois, de acordo com Consens (2007) dentro dessa perspectiva, essas expressões “mascaravam na realidade os conflitos sociais do grupo, ou sublima suas contradições, pelo fato de que o artefato apresentaria uma representação ou uma percepção falsa, ainda que para os partícipes da cultura portadora.”.

O enfoque etnológico veio a torna-se uma das perspectivas mais comuns para a explicação da produção gráfica. De acordo com Consens (2007), essa vertente lança mão de dados produzidos de forma concreta e específica através da disciplina antropológica e os utiliza para explicar o uso ou mesmo a estrutura dos “desenhos” pré-históricos. Trata-se de uma postura problemática tendo em vista que cada exemplo particular não implica na veracidade da interpretação alcançada, mas na realidade da reação observada.

De uma forma geral as correntes explicativas que abarcam a investigação em registros rupestres, têm contemplado explicações sob diferentes perspectivas que giram em torno da História da Arte, da Arqueoastromia, da Etnografia e da Teoria da Comunicação.

Atualmente, independentemente da postura teórica que se mantenha vínculo, a maioria dos pesquisadores compreendem que o estudo do universo gráfico rupestre só pode se estabelecer em bases sólidas, quando há um diálogo entre estes e o restante do contexto arqueológico, tendo em vista que se trata apenas de mais um dos aspectos que compõem o fenômeno humano.

2.2 AS DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE OS REGISTROS RUPESTRES NO CONTEXTO BRASILEIRO

Data do final do século XVI a primeira menção de grafismos rupestres de que se tem registro, pelo então governador da Paraíba Feliciano Carvalho, sobre a existência de gravuras no rio Araçá (PROUS, 1992).

Desde então, ao longo dos séculos os tipos de registros e atribuições dadas aos grafismos rupestres foram se tornando cada vez mais diversificados.

O primeiro trabalho mais extenso relacionado aos grafismos rupestres foi publicado por Tristão de Alencar Araripe em 1887, que destaca a importância de seu estudo por acreditar que estava lidando com uma obra humana de grande antiguidade.

No início do século XX foram deixadas algumas contribuições oriundas de trabalhos realizados por alguns estudiosos interessados pelo tema, como foi o caso de Azevedo Dantas que realizou cuidadosos desenhos de pinturas e gravuras da região do Seridó (MARTIN, 2008) e dos vários sítios identificados por Carlos Ott na Bahia (ETCHEVARNE, 2007).



Figura 18: Prancha com desenho realizado por Von Martius em passagem pela Serra do Anastácio em Monte Santo - BA, no século XIX. Fonte: Etchevarne (2007).

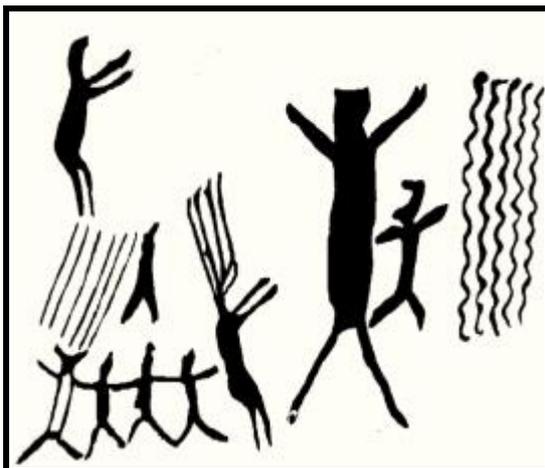


Figura 19: Desenhos reproduzidos pelo arqueólogo amador Azevedo Dantas (1927) na região do Seridó - RN/PB. Fonte: Cisneiros (2008).

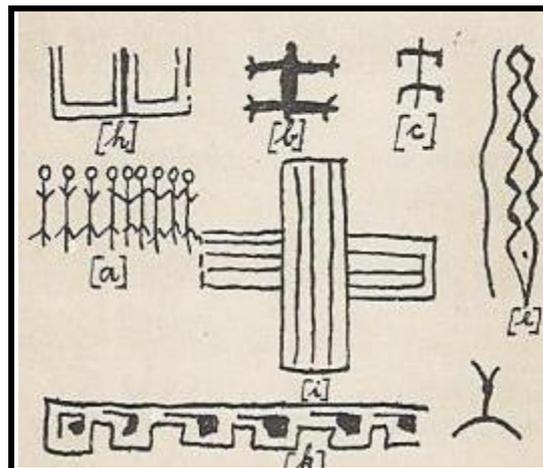


Figura 20: Desenhos reproduzidos pelo arqueólogo Carlos Ott (1950), Morro do Ramalho - BA. Fonte: Ott (1954).

No imaginário da época estavam interpretações que perpassavam as associações fantasiosas atribuindo-lhes autorias a gregos, fenícios e atlântidas ou mesmo relacionado os grafismos rupestres aos próprios indígenas, porém como fruto de uma produção ociosa, sem nenhum significado relevante (MARTIN, 2008).

De acordo com Cisneiros (2008), a sistematização do estudo sobre os grafismos rupestres no Brasil começou a ser incorporada, ainda que timidamente, por volta dos anos de 1960 através dos programas: PRONAPA³², PRONAPABA³³ e PROPA³⁴.

Essa sistematização tinha por base os conceitos de tradição, subtradição e fase. Foi dentro dessa perspectiva que Valentin Calderon, nos anos de 1970, aplicou o conceito de Tradição ao contexto gráfico presente no estado da Bahia identificando duas categorias: a tradição simbolista e a tradição realista.

No entanto, alguns trabalhos na região sul e sudeste do país já começava o desenvolvimento dos primeiros levantamentos sistematizados, como Rohr e Piazza, em Santa Catarina, Mentz-Ribeiro, no Rio Grande do Sul, Blasi no Paraná e Aitay em São Paulo.

Com a chegada da Missão Franco-Brasileira, na década de 1970, abriu-se uma nova fase de pesquisa para o contexto gráfico rupestre do Brasil. Sob a coordenação da pesquisadora francesa Annette Laming-Emperaire, foi montado um grupo de pesquisa que

³²Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (CISNEIROS, 2008).

³³Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica. (CISNEIROS, 2008).

³⁴Programa Nacional de Pesquisas Paleoindígenas (CISNEIROS, 2008).

tinha por base os pressupostos estruturalista que influenciaram seus trabalhos na Europa, juntamente com o arqueólogo André Leroi-Gourhan.

Enquanto Laming-Emperaire centrava seus estudos nos grafismos rupestres de Minas Gerais, no sudeste do Piauí, a Missão Franco-Brasileira foi dirigida por outra pesquisadora, Niède Guidon. Os diferentes horizontes culturais identificados por Guidon e seus colaboradores na região da Serra da Capivara tornaram-se referência para a análise dos grafismos rupestres de várias regiões do país.

Os trabalhos da pesquisadora Anne-Marie Pessis trouxeram um maior empenho na sistematização dos registros rupestres, procurando trabalhá-los enquanto uma variável do contexto arqueológico para a identificação e a segregação dos grupos étnicos pré-históricos.

Na década de 1980 Maria Beltrão passa a estudar os grafismos da área arqueológica de Central, na Bahia, sob uma perspectiva astronômica. Nesse viés abriu-se espaço para as interpretações do significado das representações, além de analogias etnográficas (ETCHEVARNE, 2007).

Conforme observa Prous (1991) gradativamente, os trabalhos foram se multiplicando em diversas áreas do país como Goiás, com Schmitz e Moehlecke, Simonsen, Mendonça de Souza e Mills; no Rio Grande do Norte e Pernambuco, com Gabriela Martin e Ruth de Almeida e em Mato Grosso com Denis Vialou. Através do acúmulo de informações produzidas com trabalhos dessa ordem foi possível que além de Guidon (através do contexto gráfico do sudeste do Piauí) Prous também esboçasse um quadro geral para a análise do contexto gráfico de sua área de atuação.

Em linhas gerais, pode-se dizer que no Brasil, os trabalhos desenvolvidos em relação aos registros rupestres foram direcionados para correntes explicativas no âmbito da História da Arte, como fenômenos arqueoastronômicos e como um sistema visual de comunicação social. Foi dentro dessa última perspectiva que buscou-se conduzir a investigação deste trabalho.

2.3 REGISTROS RUPESTRES E COMUNICAÇÃO

Pode-se dizer que a comunicação é um fenômeno que com o qual se possibilita a interação com o outro e, conseqüentemente com o mundo e sem o qual não se poderia falar nem mesmo do surgimento das culturas humanas:

Sem a existência dos *meios de comunicação* - desde os nossos órgãos sensoriais, atravessados ao longo da história pelos dispositivos comunicacionais que são as linguagens e as escritas, até mesmo essas mais recentes próteses da imagética técnica (fotografia e cinema), eletrônica (televisão e vídeo) e informática (as imagens digitais) – não poderíamos falar sequer de “sociedade”, nem de “trocas” (simbólicas ou outras) possíveis entre grupos humanos, menos ainda imaginar sonhar com a emergência das “culturas” humanas. Sem tais suportes comunicacionais (todos singulares e, ao mesmo tempo, complementares) não teríamos as condições mínimas para poder “pensar” o mundo, “representá-lo”, tentar “descrevê-lo” e, até, poder esperar ainda nele viver. (SAMAIN *in* WINKIN, 1998).

De acordo com Santaella e Nöth (2004) o processo comunicacional no seio da vida humana é viabilizado por meio de relações, transmissão, agenciamento, influência, troca e interação. Para que qualquer um desses aspectos seja posto em prática, é preciso que se tenha pelo menos duas entidades e um meio de conexão entre ambas. Ou seja, entra-se no princípio proposto por Shannon no seu clássico modelo voltado para a teoria da *transmissão*.

Em contrapartida, Carey (1989 *apud* SANTAELLA; NÖTH, 2004), postula que a comunicação não se fundamenta na simples transmissão de mensagens, mas vincula-se a processos de “participação, compartilhamento, associação, companheirismo e posse de uma mesma crença”. Dentro dessa perspectiva, a comunicação estaria muito mais vinculada à manutenção de determinada cultura no tempo através da comunhão de pensamentos ou ideologias ao invés da difusão de mensagens no espaço apenas como um meio de gerar informação.

Dessa forma, a transmissão oral de fatos e informações necessária para manter a identidade e conseqüente coesão grupal através da palavra tornou-se insuficiente porque é vulnerável a memória que pode se perder no tempo (PESSIS, 2003). Para superar esse problema, a imagem entra em cena como uma forma de manter viva a memória do grupo através da materialização do pensamento simbólico (CISNEIROS, 2008).

É dentro desse contexto que se permite estudar os registros rupestres como meios de comunicação desenvolvidos na Pré-história. Os registros rupestres são compreendidos

como integrantes de um sistema visual de comunicação social. Enquanto subsistema, os registros rupestres trazem consigo apenas uma parcela da informação social que detinham no seu contexto histórico. Ainda assim, apresentarem-se como uma fonte de informação da cultura humana no passado.

De acordo com Pessis (2003), essa informação se manifestaria de forma dupla porque apresenta valores tanto materiais quanto imateriais. A materialidade estaria presente na elaboração dos grafismos que são o resultado da resolução de “problemas técnicos para atingir um produto gráfico” final. De igual forma, a imaterialidade se manifesta em meio à temática tratada, por meio das figuras representadas e pelo significado que possuíram dentro da sua cultura original.

A falta de conhecimento sobre o contexto sociocultural da época é que limita as condições de interpretação perante o universo gráfico. Para Pessis (2003), a ausência de outros registros do sistema de comunicação não permite a busca por seus significados, pois quando se leva em conta a extensão do período abrangido esses significados foram passíveis de transformações em virtude de mudanças provocadas no interior de suas respectivas comunidades.

Por essa razão, Pessis (2003) ressalta a importância de privilegiar a busca por um código de apresentação gráfica em detrimento de um código de significação. A autora complementa, ainda, que no momento em que se obtém a identificação e caracterização dos componentes e as relações do sistema de apresentação gráfica, os traços de apresentação social tornam-se evidentes.

A apresentação é um arranjo de comportamentos moldado por diferentes aspectos que comunicam “pelos gestos, pelas posturas, pelos movimentos faciais, pelas vestimentas e ornamentos e pelos ritmos.”, mesmo estando restrita a palavra. (PESSIS, 1991).

Nesse momento, chama-se atenção para a comunicação não verbal que, por sua vez, está presente no seio de todo contexto social, sejam as circunstâncias cerimoniais, rituais ou mesmo cotidianas.

Marcell Mauss foi um dos primeiros pesquisadores a considerar aspectos de uma comunicação não verbal e cunhou a expressão “técnicas do corpo”. As técnicas do corpo, segundo Mauss (2003), correspondem às maneiras em que os homens de cada sociedade sabem utilizar o próprio corpo de uma forma tradicional e eficaz.

Esse autor entende que o homem se distingue, antes de tudo, dos animais justamente pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral, pois além da “técnica do fazer” há, também, a “técnica do ensinar a fazer”. Esta última é complementada por uma habilidade manual que só se aprende lentamente.

Diversos autores, em especial os teóricos da Nova Comunicação³⁵, consideram que a comunicação é um processo social permanente que integra formas múltiplas de comportamento como a fala, o olhar, os gestos, a mímica, o espaço interpessoal, dentre outros aspectos que resultam na integração de formas verbais e não verbais do ato de comunicar (WINKIN, 1998).

Com relação a isso podem ser citados os trabalhos de Ray Birdwhistell no campo da kinésica³⁶ (do grego *Kinesis*, “movimento”) e de Edward Hall, voltados à proxêmica. Ambos buscaram analisar o funcionamento da comunicação não verbal através dos movimentos do corpo humano e da organização social do espaço, respectivamente.

Os estudos de Birdwhistell sobre kinésica tiveram grande influência teórica do linguista Edward Sapir assim como da obra de G. L. Tragger, o que transparece tanto na metodologia quanto na nomenclatura utilizadas pelo pesquisador.

A citação de Sapir mostrada a seguir, evidencia a influência na obra de Ray Birdwhistell no dito campo da kinésica:

Tomemos o exemplo do gesto. O indivíduo e o social se misturam inextricavelmente; no entanto, somos extremamente sensíveis a eles, e reagimos a eles como segundo código, secreto e complicado, jamais escrito, que não é conhecido por ninguém e é entendido por todos. Este código não está ligado ao orgânico. Pelo contrário, ele é tão artificial, tão dependente da tradição social quanto a religião, a linguagem e a técnica industrial. Como toda conduta o gesto tem raízes orgânicas, mas a lei do gesto, o código tácito das mensagens e das respostas transmitidas pelo gesto são obras de uma tradição social complexa. (SAPIR 1967, *apud* WINKIN, 1998).

³⁵A “Nova Comunicação” é uma linha de pesquisa dentro da teoria da Comunicação formada por um grupo de pesquisadores norte-americanos que desde a década de cinquenta constituiu-se no chamado “colégio invisível” em torno de Palo Alto, na Califórnia e da Filadélfia, na Costa Leste. Pesquisadores de formação antropológica (Ray Birdwhistell, Edward Hall, Erving Goffman e Gregory Bateson) e psiquiatria (Don D. Jackson, Paul Watzlawick e Albert Scheflen) trouxeram um novo olhar para este campo, defendendo que a comunicação não se restringe a um ato individual manifestado por meio de palavras e símbolos materializados, mas trata-se de uma instituição social onde os gestos, os olhares, os silêncios, dentre outros aspectos, também comunicam e constituem-se numa verdadeira performance cultural (WINKIN, 1998).

³⁶Birdwhistell (1980) definiu *cinese(kinésica)* como o estudo dos aspectos visuais da comunicação não verbal.

Posteriormente, Birdwhistell (1980) divide a cinesa (kinésica) em três unidades: *precinese* (relacionada aos movimentos fisiológicos e ocupacionais do movimento do corpo), *micro cinese* (diz respeito à derivação dos cines em classes morfológicas controláveis) e *cinese social* (definida pelas sínteses morfológicas observadas na *microcinese* quando estas se relacionam com a comunicação).

A proxêmica, enquanto o estudo da organização social do espaço entre os indivíduos foi densamente estudada pelo antropólogo norte-americano Edward Hall. Nos anos sessenta Hall interessa-se pelo que chamou de *dimensão oculta* da cultura, isto é, a relação do homem com o espaço (WINKIN, 1998).

Para Hall cada cultura tem sua própria forma de organizar o espaço e isso é possível a partir de um substrato animal idêntico: o território. Dessa forma o autor propõe uma escala de distâncias interpessoais: íntima, pessoal, social e pública; e cada uma delas possuem duas modalidades: próxima e distante.

Essas distâncias interpessoais correspondem a nada mais que quatro tipos de territórios que pertencem tanto ao homem quanto ao animal. Entretanto, cada cultura definiu por si mesma o valor da tolerância atribuída a cada distância, assim como a função apropriada para cada campo.

A comunicação não verbal, portanto, em seus diversos aspectos proxêmicos e kinésicos também estaria presente nas representações de registros rupestres figurativos, ou seja, aquelas que representam elementos do mundo sensível, através dos aspectos temáticos, técnicos e cenográficos.

O importante de se considerar com essa discussão, é a capacidade humana de criar uma rede de comunicação complexa proporcionada pela detenção do mecanismo da reflexão. Tal fato lhe conferiu um diferencial em relação às demais espécies, propiciando a manutenção dos dispositivos comunicativos como meios de adaptação e sobrevivência humana.

Contudo, a relevância da fundamentação teórica apresentada aqui é demonstrada a partir do momento que lança mão de dispositivos conceituais que juntos criam os subsídios necessários para o estudo dos grafismos rupestre pré-históricos como fonte de informação social dos grupos humanos do passado.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS, ANALÍTICOS E INTERPRETATIVOS

... a arte rupestre parecia o campo mais fácil de ser estudado na arqueologia: o 'aficionado' não tem dificuldade em discursar sobre vestígios, tão visíveis sem precisar de escavação, e tão mudos que aceitam qualquer interpretação; mas, (...) na realidade, trata-se do capítulo mais complexo, e no qual se cometem os maiores erros. LAMING-EMPERAIRE, A. *apud* PROUS, A. (1992).

A proposta deste capítulo visa à demonstração das escolhas adotadas para a microanálise aplicada ao grupo de grafismos composto por antropomorfos miniaturizados circunscritos aos sítios arqueológicos inseridos dentro dos limites do Parque Nacional Serra da Capivara. A busca pela identificação de recorrências e variabilidades resultantes em diferentes perfis gráficos gera a necessidade da adoção de procedimentos analíticos de forma a sistematizar as diferentes etapas de trabalho necessárias à realização da pesquisa. São esses procedimentos que este capítulo busca apresentar.

3.1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

A diversidade do *corpus gráfico* da Área Arqueológica da Serra da Capivara foi uma das principais motivações para o desenvolvimento de um estudo sistemático na área desde a década de 1970.

Dentre os aspectos dessa diversidade observou-se logo uma variabilidade no tamanho dos grafismos desde figuras com mais de 1 m de comprimento até representações diminutas com dimensões inferiores aos 5 cm que os pesquisadores chamaram miniaturas. Esse grupo de grafismos é recessivo no contexto gráfico local.

Levando em consideração a necessidade de se realizar a identificação das propriedades que compõe a classe de pinturas rupestres composta pelas miniaturas

antropomorfas da Área Arqueológica da Serra da Capivara, o que se propõe como problema central para esta pesquisa é: na Área Arqueológica da Serra da Capivara, os grafismos de antropomorfos pintados com dimensões máximas de 5 cm apresentam padrões cenográficos? Estes padrões podem ser caracterizadores de um perfil?

De acordo com Pessis (1989), qualquer que seja o tipo de representação gráfica do mundo sensível é um reflexo do sistema de apresentação social do grupo que detém o autor:

Aceitando-se que cada grupo cultural e cada segmento da sociedade têm procedimentos próprios para se apresentar à observação de outrem, e que cada membro do grupo utiliza esses comportamentos por ocasião de qualquer interação social, pode-se pensar que tais procedimentos estarão presentes nas representações gráficas de um grupo cultural. (PESSIS, 1989).

Dessa forma, a identificação de recorrências ou variabilidades presentes na forma de apresentação dos antropomorfos miniaturizados, permitirá caracterizar os componentes da identidade gráfica de tal conjunto. Considerando que por identidade gráfica se compreende um conjunto de características que permitem atribuir a um dado conjunto de grafismos a uma determinada autoria social. Tais características constituem padrões de representação gráfica que remetem a determinadas características culturais (PESSIS, 1993).

Levando em consideração especificamente os sítios analisados nesta pesquisa, a hipótese proposta entende o seguinte: na área arqueológica da Serra da Capivara as composições com antropomorfos miniaturizados apresentam variabilidades recorrentes na sua forma de apresentação, constituindo diferentes perfis gráficos.

O sistema de apresentação, do ponto de vista gráfico, evolui muito devagar em relação aos significados (PESSIS, 2003). As diferentes formas de apresentação constituem, portanto, diferentes perfis gráficos que correspondem aos sistemas de apresentação social dominantes nesse espaço em diferentes momentos e instâncias temporais.

O objetivo principal desta pesquisa busca a caracterização e a contextualização das similaridades e diferenças dos antropomorfos miniaturizados entre os sítios da Área Arqueológica da Serra da Capivara selecionados para análise.

3.2 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

3.2.1 DELIMITAÇÃO DA ÁREA E SELEÇÃO DA AMOSTRA

A delimitação da área da pesquisa foi definida com a seleção de sítios situados no Parque Nacional Serra da Capivara, inserido na Área Arqueológica da Serra da Capivara³⁷.

A escolha de tal área de pesquisa foi promovida por diferentes razões: 1) apresenta um contexto arqueológico bem documentado devido aos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos desde a década de setenta; 2) apresenta concentração significativa de sítios arqueológicos com grafismos miniaturizados; 3) apresenta diversidade de perfis gráficos no interior de seu *corpus* gráfico; 4) dentre essa diversidade gráfica, inclui miniaturas, recessivos nesta área.

O primeiro passo foi determinar a escala da amostra da pesquisa. De acordo com Dannel (2007) “a escala é necessária para especificar classificações particulares e tipos de unidades empregados em arqueologia e, por ser fenomenológica, ela pode ser especificada em termos absolutos.” A escala é determinada pelo pesquisador e não é inerente ao fenômeno. Nesse caso, a escala utilizada para abranger os antropomorfos miniaturizados analisados especificamente neste trabalho foi de 5 cm como tamanho máximo.

Vale ressaltar que os miniaturizados considerados aqui são as menores representações pintadas no acervo gráfico da área arqueológica da Serra da Capivara. Nessa área o tamanho dos registros rupestres apresenta uma variação dimensional que pode chegar até um metro de comprimento. De uma forma geral, as miniaturas da área foram atribuídas a dimensões entre 15 e 5 cm (AGUIAR, 1986; MARTIN, 2008) podendo chegar a dimensões menores entre 3 e 4 cm (GUIDON, 2002; PESSIS, 2003), levando os

³⁷ Segundo Martin (2008) Área Arqueológica corresponde àquelas divisões geográficas que compartilham das mesmas condições ecológicas e que possuem, delimitado, um número expressivo de sítios pré-históricos. A Área Arqueológica Serra da Capivara, comporta a área do Parque Nacional Serra da Capivara, do Parque Nacional Serra das Confusões e do Corredor ecológico.

pesquisadores designar o termo “miniaturas” para os mesmos. Dessa forma arbitrou-se a medida de 5 cm para o estudo dos antropomorfos miniaturizados nesta pesquisa.

O passo seguinte implicou na seleção da amostra desses grafismos no interior da área arqueológica da Serra da Capivara.

De acordo com o banco de dados da FUMDHAM (Fundação Museu do Homem Americano)³⁸, o Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno apresentam um total de 1302 sítios arqueológicos identificados. Dentre estes, 1018 sítios apresentam registros rupestres. Destes, há 941 sítios com presença de grafismos pintados, o que representa o universo da amostra.

A amostra da pesquisa dividiu-se em três fases:

- 1. Seleção do grupo de grafismos para análise:** definido a partir do tamanho das unidades gráficas representadas por grafismos reconhecíveis, em especial os antropomorfos, que apresentam a altura máxima de 5 cm.
- 2. Seleção da área do PNSC em que a análise se concentraria:** possibilitada através da identificação da distribuição espacial dos sítios que se enquadrariam no contexto anterior.
- 3. Seleção dos sítios arqueológicos para análise:** trata-se de uma amostra qualitativa, representada por aqueles sítios que apresentam, no seu contexto gráfico, grafismos reconhecíveis pintados e que apresentam altura máxima de 5 cm.

O próximo passo foi estratificar³⁹ essa amostra de acordo com os aspectos da configuração física da área em que estes sítios estão situados, dividindo-os em subáreas. Neste caso, a intenção foi de verificar se havia uma concentração de grafismos miniaturizados em uma área específica do PNSC ou se a sua distribuição apresentava certa homogeneidade dentro deste território.

³⁸ Consulta realizada em jan de 2012.

³⁹ A amostra por estratificação é um método de seleção de cobertura de uma área a ser prospectada, apresentada por diferentes autores tais como Sanjuán (2005); Bicho (2006), Renfrew&Bahn (2007). Trata-se de uma técnica que se baseia no pressuposto de que existem diferentes tipos de unidades, em especial do tipo naturais. Essas unidades podem ser divididas em parcelas relativamente do mesmo tamanho ou adotar um número diferente de parcelas valorizando um aspecto em detrimento de outro quando se tem o conhecimento prévio de que uma área, por um dado motivo, tem um potencial maior que outra.

A identificação dos sítios foi possível através do levantamento documental disponível no acervo da FUMDHAM que, por sua vez, é a instituição responsável pelo suporte técnico-científico da área.

3.2.2 A COLETA DOS DADOS

3.2.2.1 O Protocolo de Registro e Análise

Essa etapa consistiu no planejamento da sistematização da coleta dos dados que deveriam ser extraídos de cada sítio. Para tal foi necessário a elaboração de um protocolo de registro e análise que foi aplicado tanto às fontes documentais⁴⁰ quanto aos sítios arqueológicos da amostra. Sendo assim, após o registro dos dados obtidos através das fontes documentais, o próximo passo buscou a aplicação do protocolo em campo.

Em campo, foram extraídos os dados sobre o objeto de estudo, o sítio e seu contexto. Tal procedimento foi complementado pelo levantamento fotográfico sistematizado.

3.2.2.2 O levantamento Fotográfico

O levantamento fotográfico sistematizado foi baseado nas quatro etapas do registro fotográfico propostas por Pessis (1992): registro do sítio como um todo; o registro da mancha gráfica do sítio; registro dos painéis levantados para análise; e o registro dos grafismos no interior do painel, neste caso, os antropomorfos miniaturizados.

Com relação aos dispositivos técnicos, foi utilizada a objetiva⁴¹ (18-55 mm) sobre tripé, para a captação das imagens. Também foi utilizada a escala gráfica como auxílio para identificação do tamanho dos grafismos e orientação da linha do solo.

⁴⁰ Trabalhos acadêmicos realizados sobre os registros rupestres da área; artigos científicos relacionados; cadernos de campo; fichas de cadastro; Acervo imagético produzido para as pinturas rupestres da área contendo escala de referência para o tamanho dos grafismos: fotografias, *relévés* (decalques) e microficas.

⁴¹ Nikon, modelo D3000.

3.2.3 O TRATAMENTO DAS IMAGENS

A fotografia digital em alta resolução possibilita a utilização de recursos de programas informáticos que complementam o processo de análise dos grafismos rupestres, justamente por auxiliar a visualização de determinados aspectos gráficos que não são possíveis através da observação macroscópica.

Neste trabalho, para o tratamento das imagens e segregação das pinturas do suporte rochoso a ferramenta utilizada foi o *software* Adobe Photoshop CS6.

O tratamento e segregação da imagem digitalizada são importantes porque permite a distinção entre os pixels do suporte rochoso e os pixels do pigmento das pinturas, o que auxilia, por exemplo, a identificação dos grafismos que compõe a cena analisada por meio da observação detalhada e correção automática ou manual da imagem e distinguir as sobreposições provocadas por diferentes momentos de atividade gráfica sobre a mesma área do suporte.

A análise pormenorizada das figuras foi possível por meio da ferramenta *zoom* que atua como uma lente de aumento, possibilitando a verificação de aspectos técnicos de realização da pintura, tal como a exploração do suporte para visualização de elementos gráficos não perceptíveis a olho nu.

Para a correção e modificação da gama cromática e distinção entre cor e textura as ferramentas utilizadas foram brilho, contraste, saturação e efeito de curva de cores.

Também foi realizado o decalque digital como mais uma forma de complementar a segregação das figuras em relação ao suporte rochoso e complementar a documentação produzida, otimizando a sistematização dos dados por meio de um suporte digital.

3.2.4 A BASE DE DADOS

Através da documentação produzida a partir dos protocolos de registro e análise e do levantamento fotográfico foi montada uma base de dados com o auxílio do *software* Excell.

Na base de dados foram incluídas informação referentes ao sítio, a mancha gráfica e as classe de grafismos analisadas.

3.3 PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS E INTERPRETATIVOS

O termo padrão tem sido empregado na Arqueologia desde meados do século XIX, na tentativa de compreender a organização social e o padrão residencial.

No continente americano, um dos trabalhos que sistematizou o uso do conceito de padrão na arqueologia foi realizado por Gordon Willey, no vale do Viru, no Peru, nos anos de 1940, também sobre a mesma temática citada anteriormente, os padrões de assentamentos.

Os estudos que contemplam a padronização na cultura material também receberam fortes influências do estruturalismo de Claude Lévi Strauss, sobretudo através de suas pesquisas relativas a padrões simbólicos referentes à mitologia nativa americana (TRIGGER, 2011).

André Leroi-Gourhan, tornou-se bastante influente na aplicação do conceito de padrão aos vestígios materiais de origem arqueológica, sobretudo aos registros rupestres. Através do seu trabalho (1968) de documentação de padrões de localização e de associação de diferentes espécies animais pintadas em cavernas do paleolítico superior europeu, interpretando-os como mitos relacionados a estruturas binárias através da dicotomia entre o masculino e o feminino. De forma similar, Alexandre Marshack (1972) também percebeu padrões na arte móvel relacionada (TRIGGER, 2011). Assim, padrões (*patterns*) podem ser concebidos como recorrências regulares ocorridas no interior de contextos encaixados (WINKIN, 1998).

No estudo sobre a natureza dos grupos humanos pré-históricos, uma das principais fontes de informação são os vestígios materiais enquanto caracterizadores culturais. Vestígios esses que são passíveis de padronização. A padronização pode ser perceptível se a pesquisa for embasada numa metodologia sistematizada. A principal forma de sistematização desse processo de investigação foi centrar-se no levantamento de variáveis selecionadas a partir do tipo de objeto de estudo em questão.

De acordo com Oliveira (1991) é a partir da definição precisa da tecnologia de uma sociedade que se pode estabelecer as diversidades étnicas de grupos humanos do passado: “toda sociedade tem conhecimento de um conjunto de processos técnicos empregados para a elaboração de diferentes objetos e para outras práticas técnicas. Esse conhecimento é um caracterizador social do grupo”.

Assim, segundo Oliveira (1991) cada tipo de vestígio material possui determinadas características que podem ser ordenadas a partir de um perfil técnico. Através do conjunto desses diferentes perfis técnicos será possível caracterizar, tecnologicamente, o grupo estudado e distinguir o grau de desenvolvimento diferenciado nos processo de manufatura, levando em consideração os elementos essenciais de identificação de tal processo.

No que diz respeito às manifestações gráficas pré-históricas, os dispositivos de análise são estabelecidos a partir do que Pessis (1992) define como as dimensões do fenômeno gráfico: a **dimensão temática**, que diz respeito aos elementos cognitivos necessários ao reconhecimento gráfico; a **dimensão técnica**, concernente aos aspectos de execução técnica dos grafismos; e a **dimensão cenográfica**, que se refere às formas de apresentação gráfica das escolhas temáticas (Cf. Quadro 1).

Quadro 1: As dimensões de análise do registro gráfico.



O fenômeno gráfico rupestre pode ser entendido como o ato de representar graficamente elementos presentes tanto do mundo sensível como aqueles de ordem simbólica. Isso é possível através da observação e da imaginação a partir da transformação da matéria com o intuito de expressar uma mensagem socialmente importante para a cultura do grupo autor. Essa mensagem representada se manifesta através de identidades gráficas (PESSIS, 2003).

Segundo Pessis (2003), as identidades gráficas são definidas como um conjunto de características que permitem associar grafismos a uma determinada autoria social. Considera-se ainda que estas características formem padrões de representação gráfica que podem corresponder a certas características culturais.

Sendo assim, o perfil gráfico constitui-se como um instrumento de análise utilizado para segregar as relações designativas dessas identidades gráficas.

O perfil gráfico, portanto, atua como uma categoria de entrada⁴², organizada por meio de uma estrutura sistêmica, de forma hierarquizada, com vistas à segregação das características próprias do acervo gráfico de uma dada área.

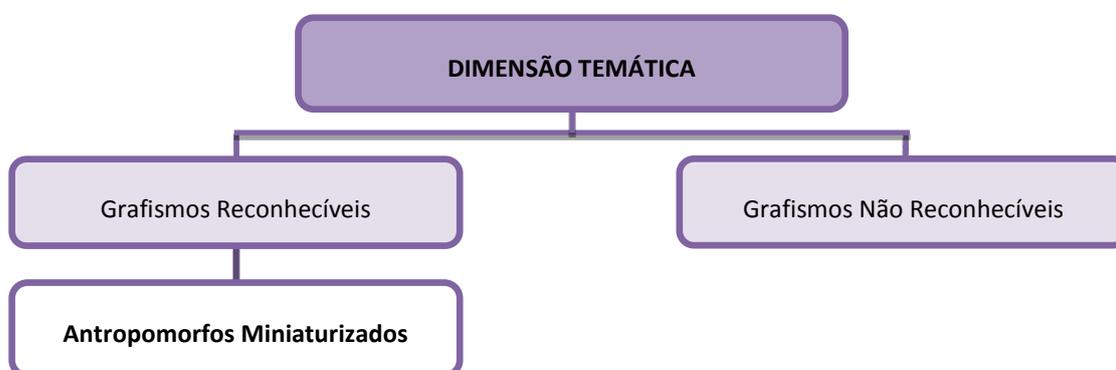
O perfil gráfico vem sendo aplicado ao contexto gráfico da área arqueológica da Serra da Capivara desde o início da década de 1990 como um instrumento complementar das classificações de ordem geral (tradição e subtradição) estabelecidas já na década de 1970.

Observa-se a necessidade de mudanças e valorização de métodos que contemplem uma maior precisão métrica, o perfil gráfico segue sendo o instrumento microanalítico mais usual, atualmente, para o estudo da segregação das identidades gráficas da área arqueológica da Serra da Capivara.

3.3.1 SOBRE A DIMENSÃO TEMÁTICA

Na dimensão temática serão tomados para análise os elementos necessários para o reconhecimento cognitivo da figura, o que permite a associação do grafismo a forma humana, animal ou vegetal, por exemplo. Trata-se de uma primeira organização, uma dimensão de reconhecimento cognitivo da estrutura gráfica das figuras.

Quadro 1: Variáveis da dimensão temática.

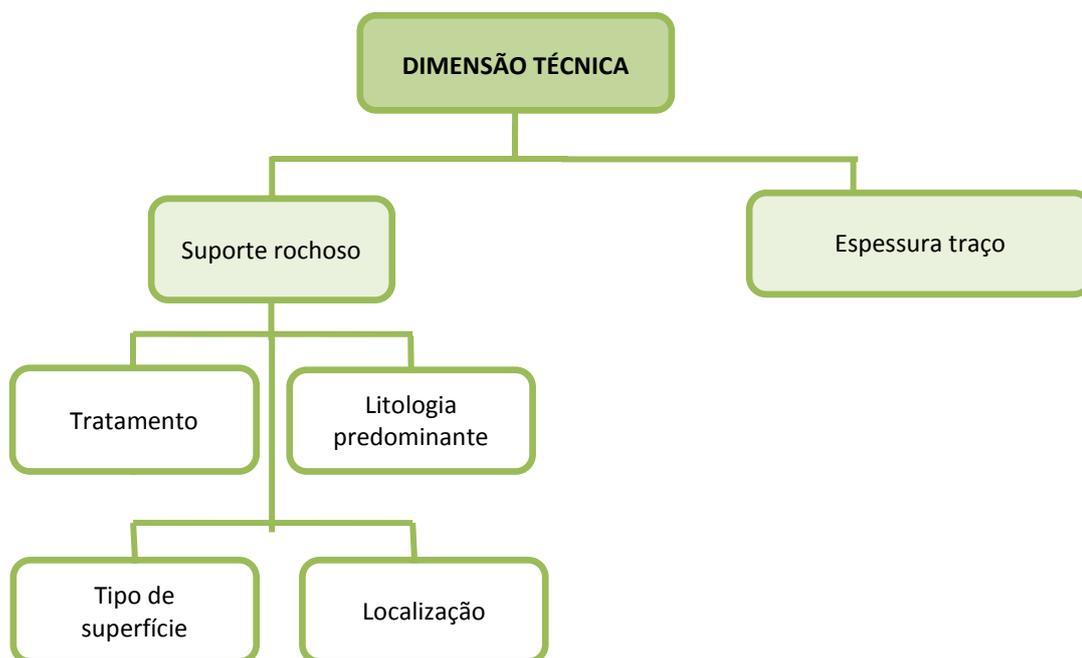


⁴² Classe de dados que permite ascender a um sistema classificatório preliminar (PESSIS, 1992).

3.3.2 SOBRE A DIMENSÃO TÉCNICA

No que diz respeito à dimensão técnica são consideradas neste trabalho características passíveis de observação macroscópica, buscando as variáveis correspondentes as características intrínsecas ao suporte rochoso e aos traços de contornos aplicados às figuras antropomorfas em miniatura.

Quadro 2: Variáveis da dimensão técnica.



O **suporte rochoso** funciona como um território gráfico seja ele dado a partir de características específicas do suporte natural, seja pela alteração desse espaço para a realização das figuras.

O tamanho diminuto dos antropomorfos miniaturizados fez surgir à necessidade de se buscar recursos que propiciassem a materialização sobre o suporte rochosos da estrutura gráfica idealizada pelo seu autor.

Assim sendo, a natureza do suporte tem grande probabilidade de influenciar as escolhas do executor no planejamento da sua confecção, tendo em vista que as pequenas dimensões dos antropomorfos miniaturizados exigem a produção de traços finos e

delicados que poderiam ter sua execução comprometida sobre a superfície de um suporte altamente rugoso.

Dessa forma, são buscados aqui, aspectos que possivelmente foram tidos como relevantes para a escolha do suporte rochoso no planejamento da execução dos antropomorfos miniaturizados, como o tipo de matriz rochosa (arenítica ou quartzítica), o tipo de superfície (plana, ondulada ou rugosa) e a natureza da localização do suporte (parede, teto, friso, seixo, nicho). Não se descarta aqui a possibilidade da alteração antrópica do suporte natural com o intuito de facilitar a execução dos grafismos.

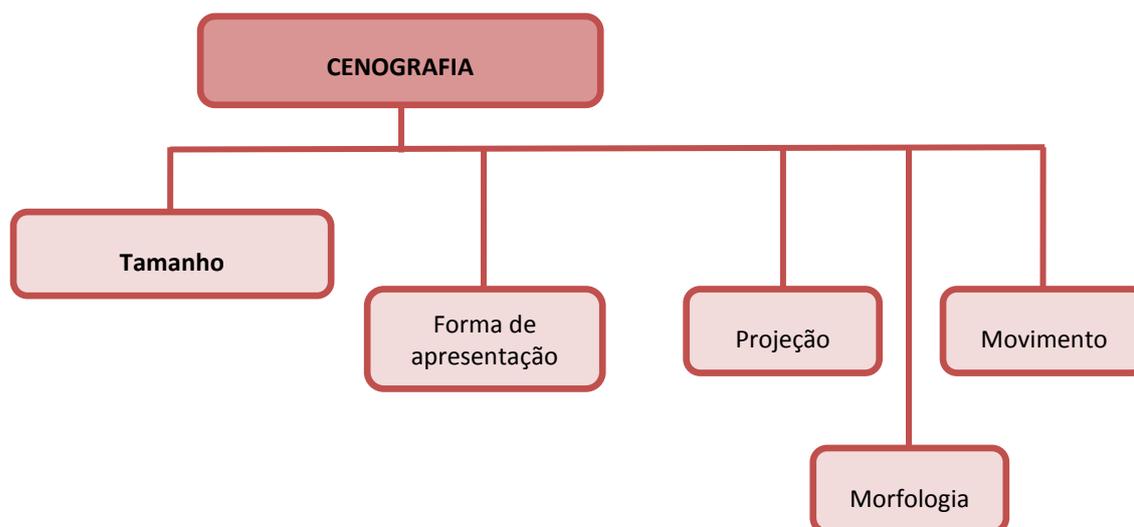
A observação dos **tipos do traço** também traz consigo informações acerca das soluções técnicas encontradas para realizar em pequenas proporções temas que, na maior parte das vezes, são encontrados em dimensões maiores. Portanto, é muito provável que apresentem elementos específicos que podem gerar atributos de caracterização de um ou mais perfis gráficos à classe de grafismos em questão.

3.3.3 SOBRE A DIMENSÃO CENOGRÁFICA

Dentro dessa dimensão, as principais variáveis se dão a partir do **tamanho** (5 cm) dos grafismos. Isso porque o tamanho corresponde a primeira percepção do observador diante dessas representações diminutas.

As variáveis secundárias dessa dimensão consistem em: forma de apresentação, localização, morfologia, projeção e movimento. A partir desses elementos é que será possível identificar recorrências ou variabilidades na construção da forma de apresentação dos antropomorfos miniaturizados.

Quadro 3: Variáveis da dimensão cenográfica.



O **tamanho** que é o referencial analítico mais relevante, tendo em vista que se trata de um dos principais definidores da apresentação gráfica das miniaturas, foi delimitado com dimensões máximas de 5 cm, conforme explicitado em ocasiões anteriores. Essas dimensões serão dadas pelos pontos mais distais das extremidades de cada figura antropomórfica. Também é de igual relevância, considerar as medidas apresentadas pelo volume corporal das figuras, assim como a proporção final apresentada pelos membros do corpo da figura. A constatação de uma variação dentro dessa escala pode resultar num definidor importante de perfis gráficos para os grafismos em miniatura.

Outra variável de suma importância considerada aqui é a **forma de apresentação**. Neste caso, foi levada em consideração a forma em que foi representado o agenciamento das unidades gráficas sobre o suporte rochoso. Dessa forma, os grafismos podem aparecer estruturados de forma isolada⁴³, em composição⁴⁴(formando ou não cenas⁴⁵). Compreender como as miniaturas antropomorfas se comportam em relação a

⁴³ Dentro dessa perspectiva, a figura é considerada isolada a partir do grau de distanciamento apresentado em relação aos demais grafismos de seu entorno imediato. Trata-se de um distanciamento exclusivo que dissocia a unidade gráfica de todo o resto.

⁴⁴ As composições consistem no agrupamento de figuras que não precisam formar, necessariamente, uma unidade cênica. Essas figuras compõem uma unidade a partir de distâncias inclusivas e podem ser resultado de um ou mais momentos gráficos.

⁴⁵ As cenas devem ser integradas por dois ou mais motivos que mantêm uma ação comum com coerência interna. Há uma narrativa que pode ser descrita, mesmo que seu significado tenha conteúdo hermético. Neste caso, deve haver coerência interna. A sua definição se dá a partir da determinação da ação representada e da quantidade de grafismos que a compõe. Assim como a composição as cenas podem ser o resultado de um ou mais momentos gráficos.

estes aspectos poderá resultar em indicadores importantes de um padrão de apresentação gráfica.

A **projeção** considerada aqui diz respeito ao ponto de vista construído para a observação da cena ou composição que pode ser de ordem superior, frontal ou lateral.

O contexto gráfico das figuras antropomorfas da Área Arqueológica da Serra da Capivara apresenta de uma forma geral, variabilidade no que tange a **morfologia**. Dessa forma a **morfologia**, enquanto variável analítica dos antropomorfos miniaturizados traz consigo atributos específicos que podem resultar num dos principais elementos caracterizadores desta classe de grafismos. Para tal, foi levado em consideração a forma e a recorrência dos elementos essenciais de reconhecimento das figuras (elementos anatômicos) assim também como os secundários (indicadores de gênero, porte de objetos, adornos).

Quanto a variável **movimento** o importante é identificar a gestualidade desenvolvida por cada figura no interior da cena ou composição representada. Os tipos de movimento serão baseados no conceito de animação proposto por Leroi-Gourhan (1983): nula, segmentada ou coordenada. O movimento é considerado nulo quando a figura apresenta-se de forma estática e não desenvolve nenhuma ação aparente; é segmentado quando a figura apresenta-se com movimentos distintos perceptíveis pelos gestos dos membros inferiores e superiores; e coordenado quando a figura apresenta-se em movimento com gestos em harmonia entre os membros inferiores e superiores.

O contexto gráfico, por sua vez, também visa buscar, tal como CISNEIROS (2008) a densidade e o espaço ocupado pela mancha gráfica do sítio, além de considerar as características gerais apresentadas pelo conjunto gráfico não miniaturizado presente em cada sítio. Ou seja, em nível de comparação, será feita a associação às classes estabelecidas preliminarmente através de características gerais como estimativa do tamanho e coloração predominante.

O cruzamento dessas variáveis viabiliza a contextualização dos antropomorfos miniaturizados no interior de cada sítio, assim como as relações existentes entre os sítios selecionados, através de dados tanto qualitativos como quantitativos organizados de forma hierárquica.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO DOS SÍTIOS COM GRAFISMOS MINIATURIZADOS

Um traço de cor apenas sugerido, o corpo de um animal gravado na pedra... O homem começou a realizar gestos inéditos, como que para dar testemunho de seu próprio mistério. LANGANEY, A. et al (2002).

O objetivo deste capítulo é apresentar os sítios em que foram identificados os grafismos miniaturizados. As informações gerais estão relacionadas às características morfológicas do abrigo, seu contexto gráfico e os principais dados relacionados às intervenções arqueológicas realizadas nos mesmos.

Os sítios arqueológicos que apresentam, em seu contexto gráfico, miniaturas antropomorfas com tamanho igual ou inferior a 5 cm estão distribuídos em diferentes regiões da Área Arqueológica da Serra da Capivara: Serra da Capivara, Serra Talhada, Jurubeba/Oitenta, Verdão, Cambraia e Serra Branca. A partir dessa pesquisa foi possível identificar 11 sítios arqueológicos com antropomorfos miniaturizados. Estes sítios distribuem-se em diferentes partes da área arqueológica da Serra da Capivara.

Tabela 4: A composição da amostra da pesquisa. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí.

Código (FUMDHAM)	Sítio Arqueológico	Localização
532	Toca das Pedrinhas Pintadas	Oitenta
46	Toca do Baixão do Perna I	Serra Talhada
272	Toca do Baixão do Perna II	Serra Talhada
22	Toca do Sítio do Meio	Serra Talhada
23	Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada	Serra Talhada
24	Toca da Roça do Sítio da Pedra Furada I ou da Fumaça I	Serra Talhada
44	Toca do Baixão da Subida da Serrinha I	Serra Talhada
170	Toca da Baixa das Cabaceiras	Serra Talhada
06	Toca da Entrada do Pajaú ou do Pau D'arco	Serra da Capivara
02	Toca da Entrada do Baixão da Vaca ou da Chiquinha	Serra da Capivara
33	Toca da Extrema II ou do Gato	Serra Branca

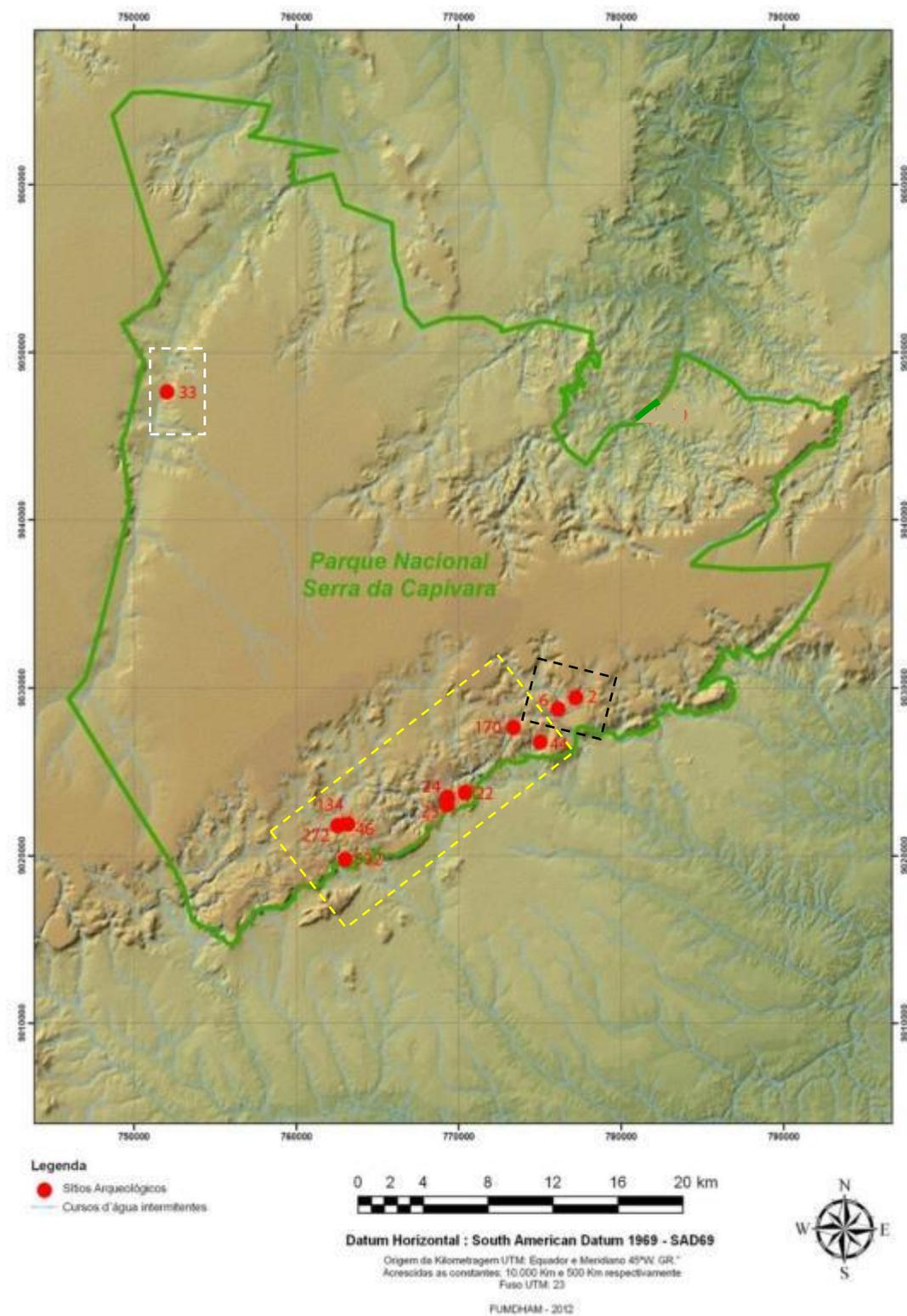


Figura 21: Distribuição dos sítios com grafismos miniaturizados no Parque Nacional Serra da Capivara. Serra Branca (setor marcado em branco); Serra Talhada (setor marcado em amarelo); Serra da Capivara (setor marcado em preto); Elaboração: Adolfo Okuyama.

4.1 OITENTA

4.1.1 TOCA DAS PEDRINHAS PINTADAS

A Toca das Pedrinhas Pintadas foi identificada em 2000 no município de Coronel José Dias sob as coordenadas UTM E 762457 e UTM N9019098. Situa-se a uma altimetria de 473m numa área de *cuesta*.

Morfologicamente, o sítio corresponde a um abrigo sob rocha de matriz conglomerática. Possui cerca de 15m de comprimento por 4m de largura.



Figura 22: Vista frontal do sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.

O sítio ainda não foi escavado e seu contexto arqueológico, até o momento, se restringe aos registros gráficos.

A mancha gráfica do sítio possui 8,90m de extensão. É composta, predominantemente, por antropomorfos de variabilidade morfológica, na maioria miniaturizados. As miniaturas se concentram sobre os seixos do suporte, que muitas vezes camuflam-se nas manchas de oxidação natural.

4.1.1.2 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

O antropomorfo I mede 1,7 cm de largura por 2,7 cm de altura. Está situado em área de pouca densidade gráfica sobre superfície lisa de um seixo.

A figura apresenta coloração vermelha com preenchimento completo e não possui demarcação visual de traços de contorno.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana correspondem a representação da cabeça, tronco, pernas e pés. A morfologia da cabeça é cilíndrica e tem espessura bastante similar ao tronco, apresentando traçado contínuo entre si. O tronco apresenta morfologia longilínea e pernas apresentam formas brevilínea com ângulos bem marcados na transição para os pés. Dois traços sugerem formas de braços, entretanto, as características divergentes entre a consistência da pigmentação e da cor indicam que a execução destes e do restante da figura foram realizadas em momentos gráficos diferentes.

A figura foi construída sobre projeção frontal e eixo diagonal. E apresenta postura quase que estática: cabeça em posição neutra; tronco ereto; pernas em abdução e pés em dorsiflexão.

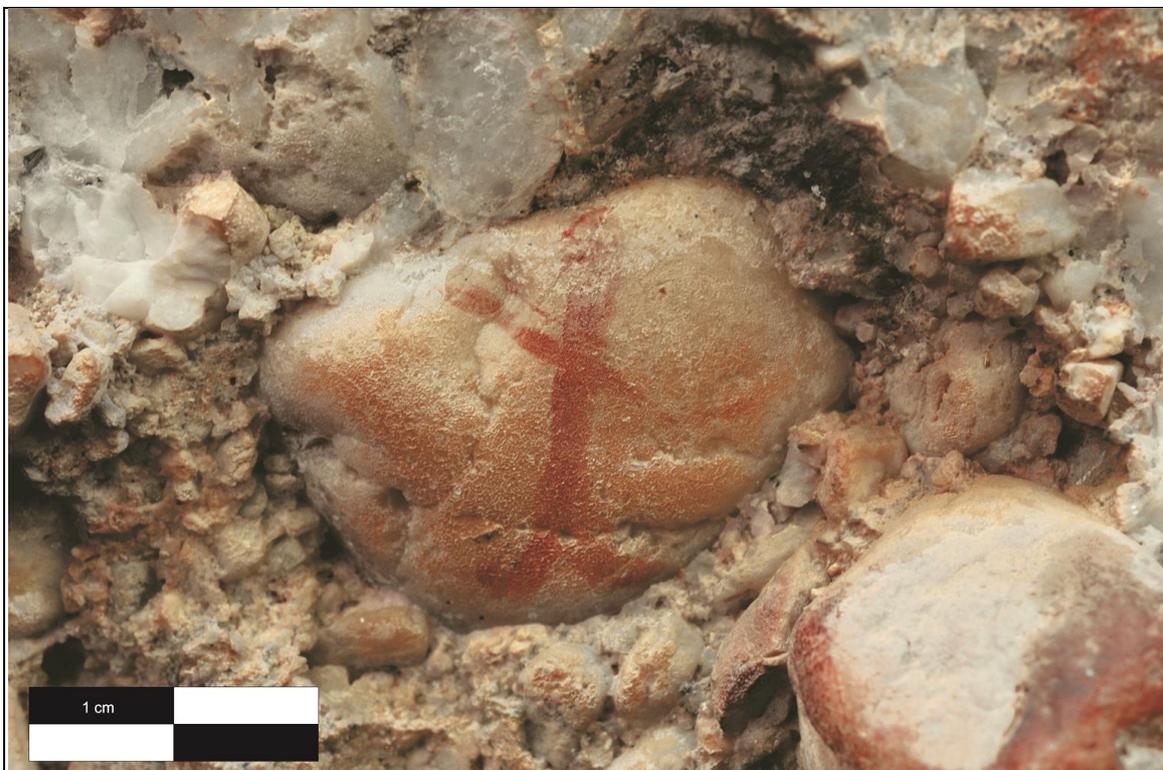


Figura 23: Antropomorfo I. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

O antropomorfo II mede 0,8 cm de largura por 1,3 cm de altura. Está situado em área de pouca densidade gráfica sobre a superfície lisa de um seixo.

A figura apresenta coloração vermelha com preenchimento completo e não possui demarcação visual de traços de contorno. A morfologia do traçado da figura sugere a utilização de um instrumento de ponta flexível.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana correspondem à representação da cabeça, tronco, braços e pernas. A morfologia da cabeça é arredondada; já o tronco, braços e pernas apresentam formas mais longilíneas.

A figura foi construída sobre projeção lateral e eixo horizontal. Apresenta postura com movimento: cabeça em posição neutra; tronco ereto; braços e pernas fletidas.



Figura 24: Antropomorfo II. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

O antropomorfo III mede 0,8 cm de largura por 2,4 cm de altura. Está situado em área de pouca densidade gráfica sobre a superfície lisa de um seixo.

A figura apresenta coloração vermelha com preenchimento completo e não possui demarcação visual de traços de contorno. A morfologia do traçado da figura sugere a utilização de um instrumento de ponta flexível.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana correspondem a representação do tronco, e das pernas. A morfologia do tronco e das pernas se apresenta com formas mais longilíneas.

A figura foi construída sobre projeção lateral e eixo horizontal. Apresenta postura com pouco movimento concentrado apenas na abdução das pernas; o tronco mante-se de forma ereta.



Figura 25: Antropomorfo III. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

O antropomorfo IV mede 2,0 cm de largura por 2,9 cm de altura. Está situado em área de maior densidade gráfica. Foi executada sobre a superfície ondulada da face interna de um seixo fraturado. Parte da representação perpassa o seixo e é completada sobre o cimento rochoso.

A figura apresenta coloração vermelha com preenchimento incompleto realizado por meio de pigmentação pouco consistente, de aspecto diluído. É possível perceber a

demarcação de traços de contorno. Estes apresentam espessura ínfima, inferior a 1mm. A morfologia do traçado da figura sugere a utilização de um instrumento de ponta flexível.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana correspondem a representação da cabeça, tronco, braços, pernas e pés. Há, também, elementos de ordem secundária correspondentes a indicadores culturais, através do adorno de cabeça e do porte de um possível fitomorfo; além de um indicador de gênero por meio da representação do falo.

A figura apresenta morfologia braquiforme para a cabeça; tronco retangular, além de braços e pernas com formas mais brevilíneas. Os pés possuem traços curvos e espessos, assim como o falo.

A figura foi construída sobre projeção lateral e eixo diagonal. Apresenta postura com movimento: cabeça em posição neutra; tronco ereto; braços erguidos, segurando um fitomorfo, pernas em abdução e pés representados em dorsiflexão.



Figura 26: Antropomorfo IV. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

O antropomorfo IV mede 4,4 cm de largura por 4,8 cm de altura. O antropomorfo IV mede 2,0 cm de largura por 2,9 cm de altura. Está situado em área de maior densidade gráfica. Foi executada sobre a superfície ondulada da face interna de um seixo fraturado. Parte da representação perpassa o seixo e é completada sobre o cimento rochoso.

A figura apresenta coloração vermelha com preenchimento ornamentado. A morfologia do traçado da figura sugere a utilização de um instrumento de ponta flexível.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana estão bem detalhados e correspondem a representação da cabeça, tronco, braços, mãos (incluindo os dedos), além de pernas e pés. A apresentação da cabeça *in natura* foi substituída pela representação de uma máscara, identificada pela forma retangular aliada a decoração interna. Os mesmos caracteres são observados na reprodução do tronco. Trata-se de elementos de ordem secundária correspondentes a indicadores culturais. A representação dos demais membros apresenta morfologia longilínea com ângulos mais suavizados.

A figura foi construída sobre projeção frontal e eixo diagonal. Apresenta postura com movimento bem marcado através dos membros. Os braços apresentam gestos diferentes entre si, assim como as pernas. Dessa forma, braço e perna esquerda estão erguidos de forma ereta; braço e perna direita estão fletidos na altura do cotovelo, punho, joelho e tornozelo. A cabeça está em posição neutra e o tronco mantém-se ereto. A figura tem o preenchimento do corpo que lembra o estilo Serra branca, embora apresente movimentos que destoam dos apresentados nesse estilo.

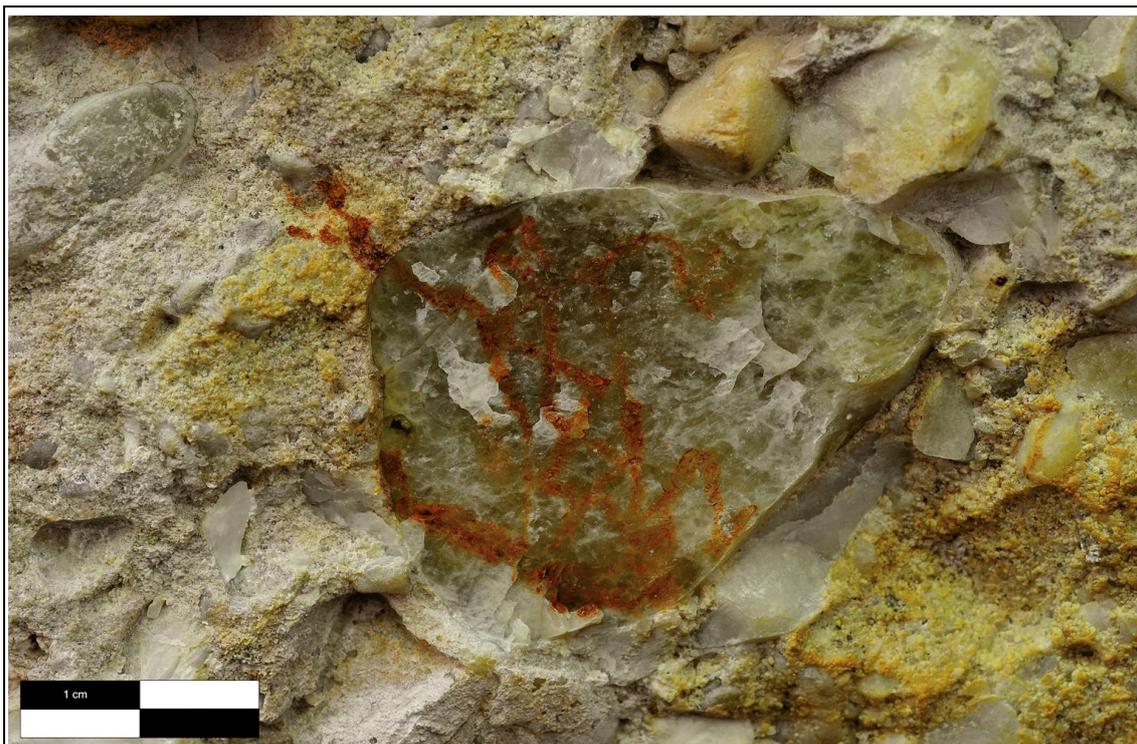


Figura 27: Antropomorfo V. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

O antropomorfo VI mede 1,3 cm de largura por 3,2 cm de altura. Está situado em área de maior densidade gráfica. Foi executada sobre a superfície ondulada da face interna de um seixo fraturado.

A figura apresenta coloração vermelha, preenchimento diferenciado entre as partes do corpo, variando entre completo e ausente. A morfologia do traçado da figura sugere a utilização de um instrumento de ponta flexível.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana correspondem a representação da cabeça, tronco, braços, pernas e pés. Há, também, elementos de ordem secundária correspondentes ao adorno de cabeça, um indicador cultural.

A figura apresenta morfologia ovalada para a cabeça; tronco retangular, além de braços e pernas filiformes. Os adornos de cabeça, por sua vez, tem formato arredondado.

A figura foi construída sobre projeção dorsal e eixo diagonal. Apresenta postura com movimento ténue: cabeça em posição neutra; tronco ereto; braços erguidos mantendo cotovelos fletidos com punhos em projeção dorsal e pernas abduzidas, com a figura sentada e pés em posição neutra.



Figura 28: Antropomorfo VI. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

O antropomorfo VII mede 2 cm de largura por 4,6 cm de altura. Está situado em área de maior densidade gráfica. Foi executada sobre a superfície ondulada da face interna de alguns seixos fraturados e alguns traços escapam ao cimento rochoso.

A figura apresenta coloração vermelha com preenchimento completo realizado por meio de pigmentação pouco consistente, de aspecto diluído. É possível perceber a demarcação de traços de contorno. Estes apresentam espessura ínfima, inferior a 1mm. A morfologia do traçado da figura sugere a utilização de um instrumento de ponta flexível.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana correspondem a representação da cabeça, tronco, braços, mão, pernas e pés. Há, também, elementos de ordem secundária correspondentes ao falo, um indicador de gênero.

A figura apresenta morfologia circular para a cabeça; tronco ovalado, além de braços e pernas com formas mais brevílineas. Os pés possuem traços curvos e espessos, assim como o falo.

A figura foi construída sobre projeção dorsal e eixo diagonal. Apresenta postura com movimento tênue: cabeça em posição neutra; tronco ereto; braços erguidos mantendo

cotovelos fletidos e em abdução em relação ao corpo; punho fletido; falo ereto; pernas em adução, com joelho esquerdo ligeiramente fletido; e pés representados em dorsiflexão.



Figura 29: Antropomorfo VII. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

O antropomorfo VIII mede 1,1 cm de largura por 2 cm de altura. Está situado em área de maior densidade gráfica. Foi executada sobre a superfície ondulada da face interna de um seixo fraturado.

A figura apresenta coloração vermelha com preenchimento completo realizado por meio de pigmentação pouco consistente, de aspecto diluído. Não foi possível perceber a demarcação visual de traços de contorno. A morfologia do traçado da figura sugere a utilização de um instrumento de ponta flexível.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana correspondem a representação da cabeça, tronco, braços e pés.

A figura apresenta morfologia arredondada para a cabeça com tronco, braços e pernas com formas mais brevílineas.

A figura foi construída sobre projeção dorsal e eixo diagonal. Apresenta postura com movimento tênue: cabeça erguida; tronco curvo com ligeira elevação das ancas; braços erguidos mantendo cotovelos fletidos e pernas em abdução.



Figura 30: Antropomorfo VIII. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

O antropomorfo IX mede 1,2 cm de largura por 2,4 cm de altura. Está situado em área de menor densidade gráfica. Foi executada sobre a superfície ondulada da face interna de um seixo fraturado.

A figura apresenta coloração vermelha com preenchimento completo, porém desgastado pela ação do tempo em alguns pontos. Não foi identificada a demarcação visual de traços de contorno. A morfologia do traçado da figura sugere a utilização de um instrumento de ponta flexível.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana correspondem a representação da cabeça, tronco, braços pernas e pés. A figura sobrepõe alguns traços realizados em momento anterior.

A figura apresenta morfologia arredondada para a cabeça com tronco, braços e pernas com formas mais brevilíneas.

A figura foi construída sobre projeção frontal e eixo horizontal. Apresenta postura com movimento tênue: cabeça em posição neutra; tronco ereto; braços erguidos; e pernas em abdução.



Figura 31: Antropomorfo IX. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

O antropomorfo X mede 2,3 cm de largura por 3,3 cm de altura. Está situado em área de menor densidade gráfica. Foi executada sobre a superfície ondulada do cimento rochoso, mas parte de seus traços alcançam alguns seixos.

A figura apresenta coloração vermelha com preenchimento incompleto realizado por meio de pigmentação pouco consistente, de aspecto diluído. É possível perceber a demarcação visual de traços de contorno em alguns pontos. A morfologia do traçado da figura sugere a utilização de um instrumento de ponta flexível.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana correspondem a representação da cabeça, tronco, braços e pernas.

A figura apresenta morfologia arredondada para a cabeça; tronco braquiforme; e braços e pernas longos e espessos.

A figura foi construída sobre projeção frontal e eixo horizontal. Apresenta postura com movimento bem marcado, como se a figura estivesse no ápice de um salto: cabeça em posição neutra; tronco relativamente ereto; braço esquerdo com cotovelo erguido e antebraço voltado para o solo; braço direito erguido; e pernas fletidas com orientação lateral.



Figura 32: Antropomorfo X. Figura antropomorfa em miniatura disposta de forma isolada. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

Além das figuras isoladas, foi possível identificar que os antropomorfos deste sítio também foram representados formando composições.

No setor I foram identificadas 2 composições formadas por antropomorfos miniaturizados.

A primeira composição desse setor possui 7,7cm de largura e 11 cm de altura. É formada por 3 antropomorfos com dimensões máximas de 2,5 cm largura e 2,9 cm de altura.

A composição foi realizada sobre um suporte irregular provocado por ondulações características da face interna de um seixo de quartzo. Situa-se no início da mancha gráfica a cerca de 1,5 m do solo atual. Apresentam matiz de cor vermelha e preenchimento completo.

Os 3 antropomorfos que formam a composição elementos primários de reconhecimento da figura humana: cabeça, tronco, pernas e braços, apenas a figura apresentam um elemento secundário indicador de gênero, o falo.

A composição possui três planos. As figuras apresentam projeção com variação entre frontal e dorsal, ambas com eixo diagonal. Apresentam aspectos morfológicos distintos que variam entre troncos ovoides e filiformes e membros que se alternam em brevilíneas e longilíneas. Quanto a morfologia da cabeça, há mais similaridades, pois nas três esse elemento é diminuto e arredondado.

A postura é similar entre os três antropomorfos: cabeça reta, tronco ereto, braços e pernas em abdução.



Figura 33: Composição I com antropomorfos do tipo miniatura. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição II desse setor possui 8,6 cm de largura e 4,6 cm de altura. É formada por 3 antropomorfos com dimensões máximas de 3,3 cm largura e 4,8 cm de altura.

A composição foi realizada sobre um suporte irregular provocado por ondulações características da face interna de um seixo de quartzo. Parte dos traços das figuras perpassa para o cimento rochoso. Apresentam matiz de cor vermelha e preenchimento completo.

Os 3 antropomorfos que formam a composição elementos primários de reconhecimento da figura humana: cabeça, tronco, pernas e braços. Às figuras II e III apresentam elementos secundários: o falo, um indicador de gênero e a representação das mãos ou algo funcionaria como uma extensão delas, algum tipo de objeto, por exemplo.

A composição possui um único plano. As figuras apresentam projeção com variação entre frontal, lateral e dorsal, ambas com eixo diagonal. Apresentam aspectos morfológicos distintos que variam entre troncos ovoides, retangulares e filiformes, mas os membros mantêm-se brevíneas. Quanto à morfologia da cabeça, há mais similaridades, pois nas três esse elemento é arredondado.

A postura é similar em determinados aspectos como na manutenção do tronco ereto e na abertura dos braços em abdução. Entretanto a postura das pernas é mais específica: a figura I está sentada e as figuras II e III permanecem de pé com as pernas levemente flexionadas na altura do joelho na primeira e abdução na segunda.



Figura 34: Composição II com antropomorfos do tipo miniatura. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição III possui 3,8 cm de largura e 3,6 cm de altura. É formada por 2 antropomorfos apenas um possui elementos de reconhecimento passíveis de análise, devido ao processo natural de clareamento da maior parte de um dos antropomorfos.com dimensões máximas de 2,4 cm largura e 3,6 cm de altura.

A composição foi realizada sobre a face externa de um seixo de quartzito um suporte regular provocado por ondulações características da face interna de um seixo de quartzo. Parte dos traços das figuras perpassa para o cimento rochoso. Apresentam matiz de cor vermelha e preenchimento completo.

O antropomorfo passível de identificação desta composição possui elementos primários de reconhecimento da figura humana: cabeça, tronco, pernas e braços.

Foi realizado sob projeção dorsal e eixo diagonal. Apresenta aspectos morfológicos com ângulos mais curvilíneos: cabeça redonda, tronco retangular, braços e pernas mais longos e a representação dos pés.

A postura, por sua vez, apresenta cabeça reta, tronco ereto, braços erguidos em forma de arco com extremidades unidas, além de pernas em abdução com pés em dorsiflexão.



Figura 35: Composição III com antropomorfos do tipo miniatura. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição IV possui 4,5cm de largura e 4 cm de altura. É formada por 2 antropomorfos com dimensões máximas de entre 1,4 e 2,6cm largura e entre 2 e 4 cm de altura.

A composição foi realizada sobre a face externa de um seixo de quartzito que apresenta superfície regular.

As figuras apresentam elementos primários de reconhecimento da figura humana, como cabeça, tronco, braços, pernas e pés, além de um elemento secundário indicador de gênero apresentado na figura II.

As figuras foram realizadas sob projeção lateral e dorsal com eixo diagonal. Apresentam aspectos morfológicos com ângulos mais curvilíneos: cabeça redonda, tronco retangular, braços e pernas mais longos e a representação dos pés.

A postura da figura I caracteriza-se pela cabeça reta, tronco fletido (projetado para frente), braços fletidos além de pernas em adução. A figura II apresenta-se com tronco ereto, cabeça reta, cotovelos erguidos na altura da cabeça, pernas em abdução e falo ereto. A reunião dos aspectos morfológicos, proxêmicos e kinésicos configuram uma cena de cópula. Trata-se de uma das poucas composições que apresenta o reconhecimento da ação representada.



Figura 36: Composição IV. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição V possui 2,5 cm de largura e 2,8 cm de altura. É formada por apenas 1 antropomorfo que possui dimensões entre 1,5cm largura e 1,91 cm de altura.

A composição foi realizada sobre a face externa de um seixo de quartzito que apresenta superfície regular, porém com alguns pontos irregulares provocados por um tipo de concreção. Está associada a uma figura geométrica, algo que destoa do padrão de apresentação gráfica local.

Trata-se de uma figura realizada em diferentes instâncias temporais apresentando, com isso, o emprego de técnicas heterogêneas em sua execução. Dessa forma, percebe-se que num primeiro momento que a figura apresenta traços muito finos provavelmente

propiciados pelo uso de um instrumento de ponta fina e rígida. Além disso, parece não ter havido aplicação de preenchimento pelo menos na cabeça e no tronco. Num segundo momento percebe-se a aplicação de traços mais espessos nos membros superiores da figura e parcialmente no tronco e cabeça, através da provável utilização de instrumento mais espesso e flexível.

O antropomorfo possui elementos básicos de reconhecimento (cabeça, tronco, braços, pernas) além de um elemento secundário indicador de gênero: o falo.

As figuras foram realizadas sob projeção frontal com eixo horizontal. Apresentam aspectos morfológicos específicos com ângulos mais retilíneos no tronco e nos membros, porém curvilíneos no falo e na cabeça arredondada.

A postura da figura I caracteriza-se pela cabeça reta, tronco ereto, ombros alinhados na horizontal e antebraço para baixo e pernas levemente fletidas na altura dos joelhos. O falo, por sua vez, tem aspecto sinuoso.



Figura 37: Composição V. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição VI possui 3,4 de largura e 5,6cm de altura. Possui um único antropomorfo com dimensões máximas de entre 1,5cm largura e 2,9cm de altura.

A composição é uma das poucas do sítio que foi executada dissociada dos seixos e está situada sobre a superfície arenítica de aspecto regular.

A figura apresenta elementos primários de reconhecimento como cabeça, tronco, braços e pernas.

O antropomorfo foi realizado sob projeção lateral com eixo diagonal. Apresentam aspectos morfológicos com ângulos mais curvilíneos aplicados na cabeça redonda e na representação dos braços filiformes e traços mais retilíneos na construção do tronco e das pernas.

A postura da figura I caracteriza-se pela cabeça reta, tronco ereto, braços fletidos além de pernas, aparentemente, fletidas.

O antropomorfo apresenta-se associado a uma figura zoomorfa que possui traços morfológicos que remetem a um cervídeo. A ausência de galhadas indica que não se trata de um macho adulto e a proporção do tamanho em relação à figura humana sugere que não se trata de um filhote. A probabilidade maior é de que seja, portanto, a representação de uma fêmea.

Através da gestualidade representada pela figura humana não há indício de nenhuma ação cinegética.



Figura 38: Composição VI. Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Foto: Adolfo Okuyama.

4.2 SERRA TALHADA

4.2.1 TOCA DO BAIXÃO DO PERNA I

A Toca do Baixão do Perna I (46⁴⁶) foi identificada em 1973 no município de São Raimundo Nonato sob as coordenadas UTM E 762565 e N 9021820. Situa-se a uma altimetria de 494m numa área de *cuesta*.

Morfologicamente, corresponde a um abrigo sob rocha com matriz rochosa de arenito fino intercalado por veios de siltito. Possui uma área total de 700 m² com 67m de comprimento por 13m de largura.



Figura 39: Vista geral do sítio Toca do Baixão do Perna I. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.

Conforme mencionado no capítulo I, as intervenções arqueológicas deste sítio resultaram em um achado singular. Um painel contendo pinturas rupestres foi evidenciado e possibilitou a obtenção de uma data *post quem* tendo em vista que estava soterrado por uma camada arqueológica datada em 4.920 ± 70 anos BP, isto é, as pinturas ali representadas foram executadas num período anterior a formação desse estrato. A camada inferior foi datada e apresentou uma sequência cronológica entre 10.530 ± 110 a 7.010 ± 70 anos BP, ou seja, o painel foi pintado num período dentro deste período (MARTIN, 2008).

⁴⁶ Código atribuído ao sítio pela FUMDHAM.

A macha gráfica deste sítio divide-se em dois setores. O setor I situa-se na ala oeste do sítio e apresenta uma densidade gráfica que se estende por cerca de 30m e já estava visível antes da escavação. As pinturas deste setor apresentam altura máxima em aproximadamente 3m em relação ao solo atual. As representações picturais neste setor são majoritariamente de grafismos reconhecíveis com dominância dos tons em vermelho, mas também aparecem matizes em cinza e amarelo.

No setor II situa-se a leste do setor I. o seu conjunto gráfico foi evidenciado após intervenções arqueológicas realizadas em 1985. As pinturas rupestres deste setor dividem-se entre dois painéis. Possuem respectivamente 4m e 2,70 m de extensão e separam-se por uma distância de 60 cm. As primeiras figuras começaram a serem evidenciadas a partir de 1,40m de profundidade, já os grafismos mais profundos estavam a 2,40 abaixo do solo (ALVARENGA; LUZ, 1991).

4.2.1.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

Neste sítio, os antropomorfos miniaturizados selecionados para análise estão distribuídos em 3 composições: 1 no setor I e 2 no setor II.



Figura 40: Vista lateral em que se visualiza a localização dos dois setores que compõem a mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna I. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.

As figuras estão situadas numa área de relativa densidade gráfica. Apresentam coloração vermelha com preenchimento completo e não possuem demarcação visual de traços de contorno.

A composição é formada por oito antropomorfos miniaturizados com dimensões máximas de 2,3 cm de altura por 5 mm de largura e dimensões mínimas de 1 cm de altura por 2 mm de largura entre os pontos mais distais de cada figura.

Os elementos cognitivos de reconhecimento primário da figura humana, nesta composição, correspondem à representação da cabeça tronco e pernas. As cabeças possuem morfologia arredondada; tronco e pernas apresentam morfologia brevilíneas. Esses dois últimos foram executados quase que com o mesmo traço, o que contribuem para que a forma humana dessas figuras seja apresentada de modo sugerido.

A composição foi construída sobre projeção lateral, tendo suas figuras um eixo diagonal em dois planos sucessivos. Há duas figuras centrais, que correspondem o núcleo da representação. Posicionam-se em primeiro plano e em ambas acrescentou-se um elemento secundário, o adorno de cabeça, como um traço diferenciador das demais. Em segundo plano projetam-se 3 figuras enfileiradas de cada lado das figuras centrais.

Não há representação de movimento. As duas figuras centrais foram dispostas frente a frente e mantêm-se estáticas. Atrás de cada uma segue um grupo enfileirado mantendo postura similar. O conteúdo representado na composição não é reconhecido.

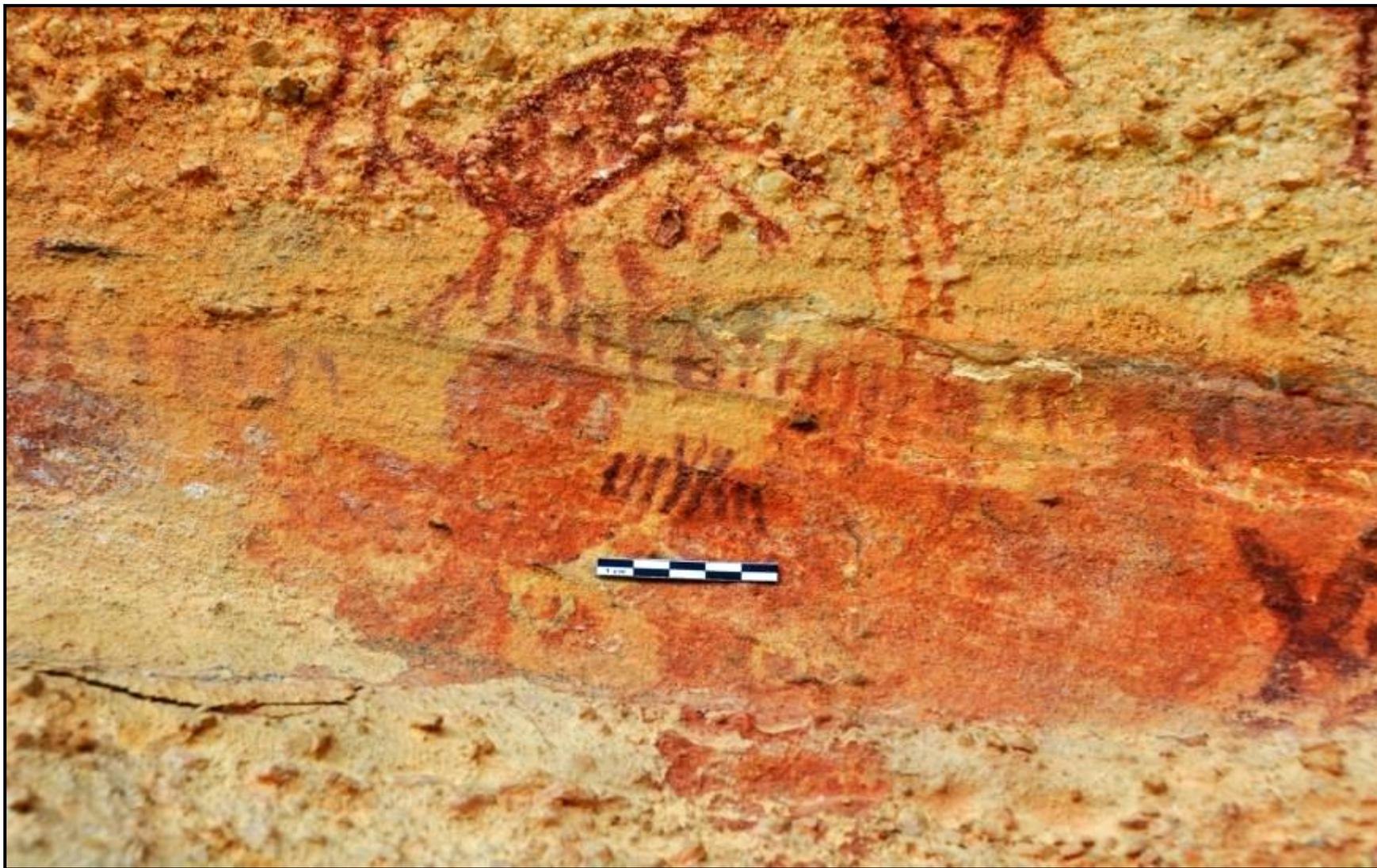


Figura 41: Composição I e entorno gráfico imediato. Vista parcial da mancha gráfica do setor I do sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.



Figura 42: Detalhe da composição I do setor I. Foto: Adolfo Okuyama.

No setor II foram identificadas 2 composições formadas por antropomorfos miniaturizados. Ambas estão localizadas sobre um suporte rochoso que esteve soterrados por um longo período de tempo até ser escavado durante uma campanha arqueológica na década de 1980. A presença de fogueiras nos estratos arqueológicos relacionados propiciou um corte cronológico relativo entre 6 e 10 mil anos BP.

A primeira composição desse setor possui 2,9 cm de largura e 24 cm de altura. É formada por 6 antropomorfos com dimensões máximas de 4,5 cm largura e 2,9 cm de espessura e mínimas de 4,2 cm largura e 1,5 cm de espessura.

A composição foi realizada sobre um suporte irregular provocado por ondulações e diferenças de volume granulométrico. Situa-se no início da mancha gráfica a cerca de 1,5 m do solo atual. Apresentam matiz de cor vermelha e preenchimento completo.

É importante ressaltar que esta composição está bastante comprometida por um avançado processo natural de clareamento que compromete a visualização dos elementos de reconhecimento de cada figura.

Dentre os 6 antropomorfos que formam a composição apenas 1 ainda apresenta a maioria dos seus traços visíveis, com elementos primários de reconhecimento da figura humana: cabeça, tronco, pernas e braços.

A composição possui um único plano. As figuras apresentam projeção frontal com eixo horizontal e estão dispostas em desenvolvimento vertical, uma sobre a outra sugerindo que se trate de um tipo ação acrobata: os braços levantados em forma de arco servem de base para os pés da figura que se posiciona acima. É justamente o contato de uma figura sobre a outra que provoca a ideia de que se trata de uma representação de equilíbrio acrobata e não de uma representação de planos sucessivos que poderiam indicar profundidade.

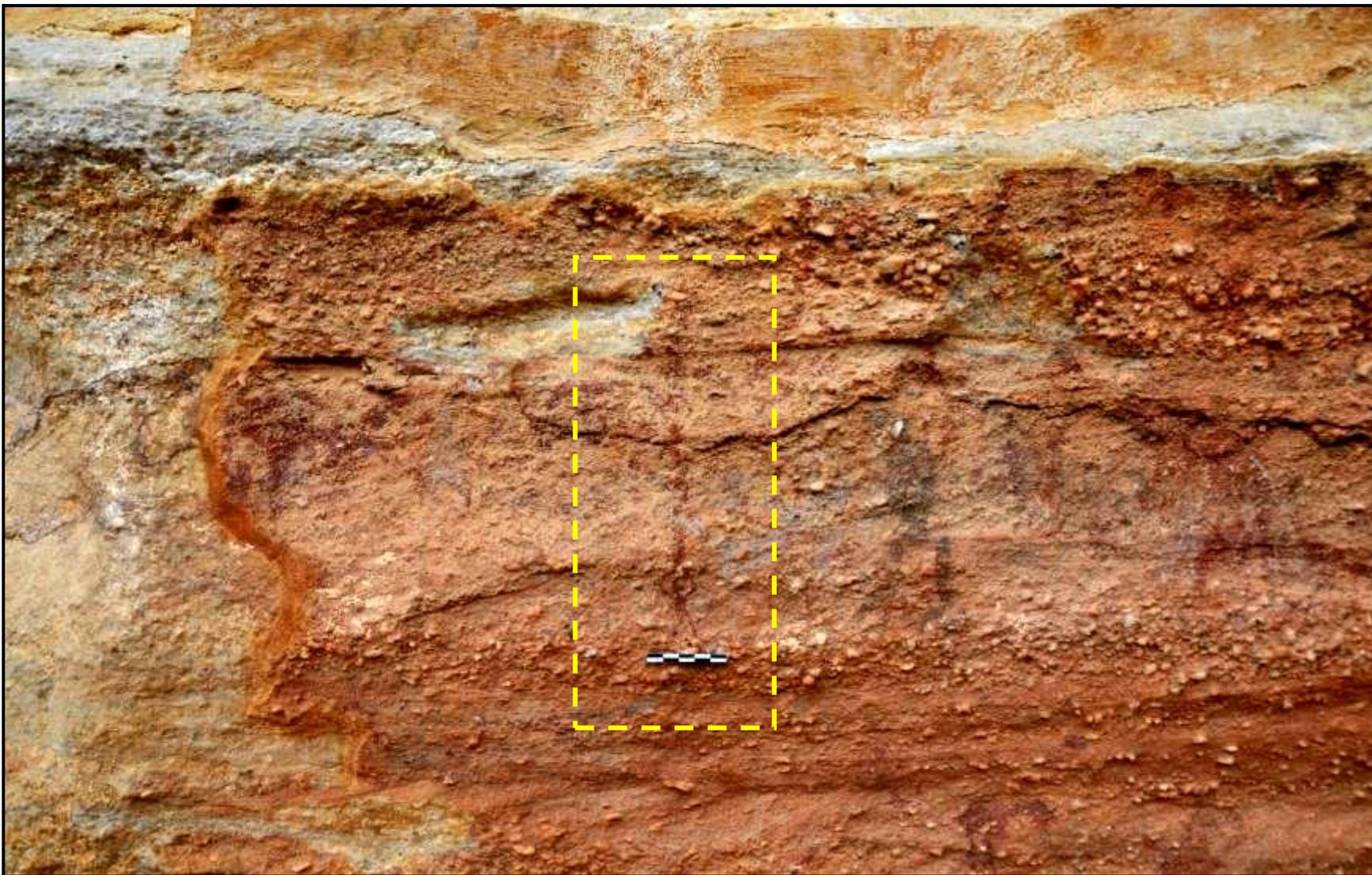


Figura 43: Composição I e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do setor II do sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.

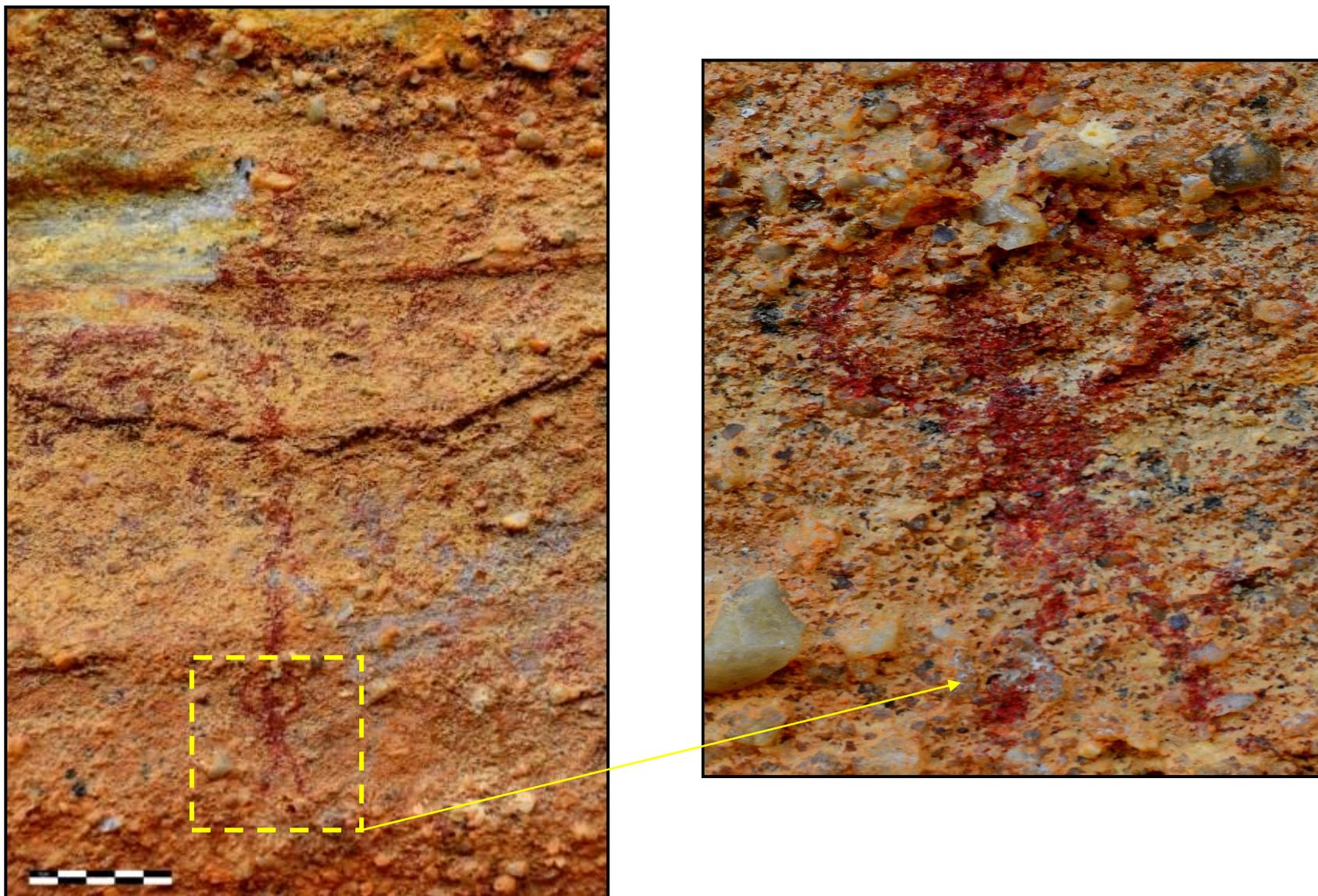


Figura 44: Composição I do setor II. Destaque para a fig. I, a única da composição que mantém caracteres de reconhecimento ainda inteligíveis. Sítio Toca do Baixão Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição II também apresenta um estágio avançado de clareamento, comprometendo sua visualização integral.

A composição está situada numa área de grande densidade gráfica. Sua execução foi realizada sobre uma estreita faixa de siltito, que apresenta superfície menos irregular que outros pontos do suporte de matriz arenítica.

Parte do córtex rochoso foi perdida, por isso algumas figuras estão incompletas. Também é provável que a composição tivesse um desenvolvimento cênico mais extensivo, possivelmente perdido junto com o córtex da rocha.

Ainda assim, foi possível identificar 8 figuras humanas através de elementos básicos como cabeça, tronco, pernas e braços. Possuem dimensões máximas de 2,5 cm largura e 2,8 cm de altura e mínimas de largura e de altura. O que restou da composição mede 18,3 cm de largura e 3 cm de altura.

Mesmo com o tamanho diminuto das figuras, manteve-se certa harmonia entre a proporção dos membros. O mesmo pode-se dizer em relação a morfologia, basicamente caracterizada por cabeças arredondadas, troncos braquiforme e braços e pernas mais longilíneos.

As figuras possuem projeção frontal e eixo horizontal. Estão dispostas de forma paralela compartilhando o mesmo gesto de braços e pernas em abdução. Até onde foi possível observar não existe contato físico, ou seja, há a manutenção de uma distância regular entre elas ou, em termos proxêmicos, há uma construção de uma distância interpessoal.



Figura 45: Composição II - setor II e entorno gráfico. Sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.

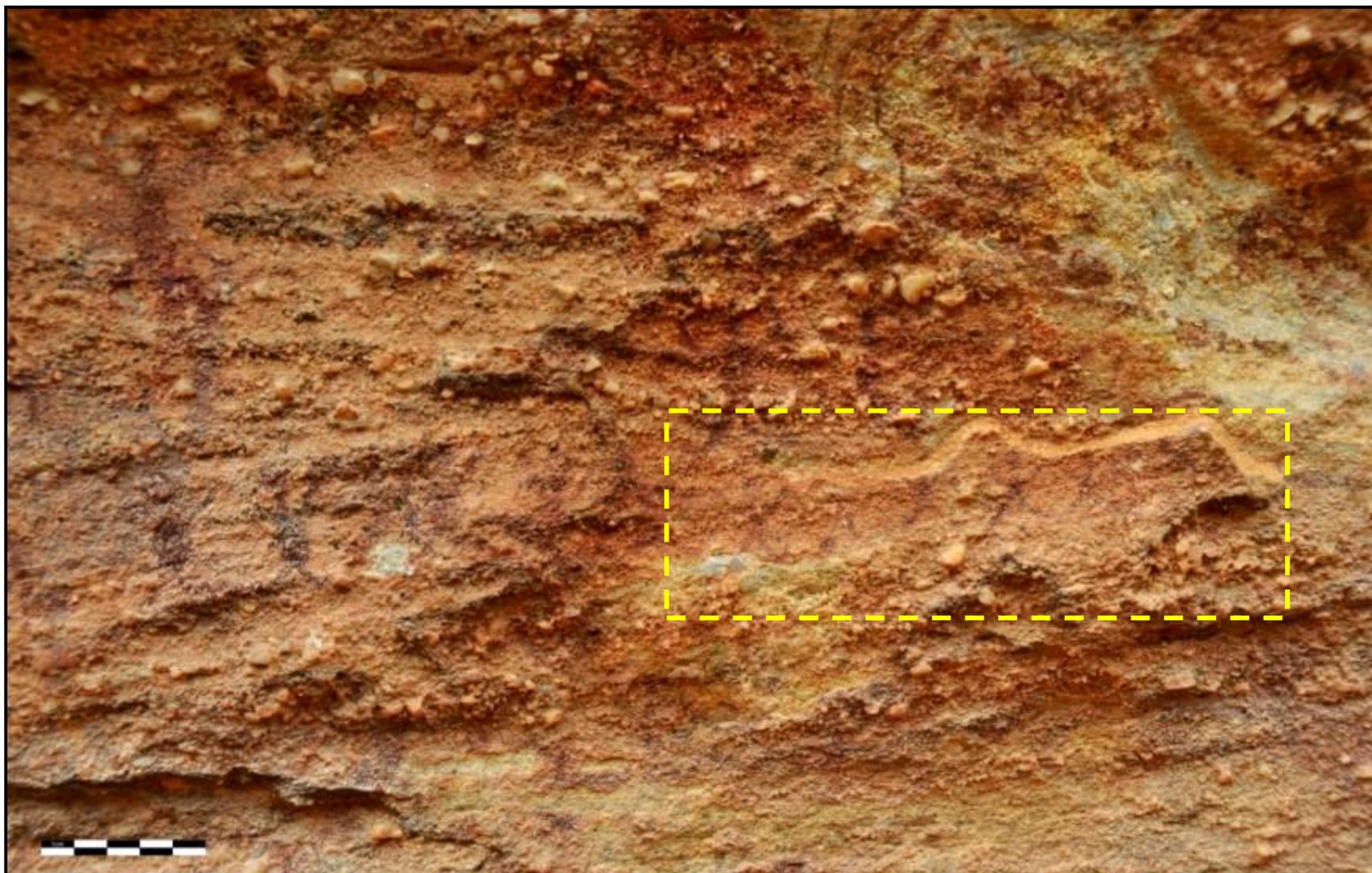


Figura 46: Composição II - setor II do sítio Toca do Baixão do Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.



Figura 47: Detalhe da Composição II. Destaque para a ruptura do córtex rochoso que provocou a perda parcial da composição. Sítio Toca do Baixão Perna I. Foto: Adolfo Okuyama.

4.2.2 TOCA DO BAIXÃO DO PERNA II

A Toca do Baixão do Perna II (272⁴⁷) foi identificada em 1973 no município de São Raimundo Nonato sob as coordenadas UTM E 762643 e N 9021803. Situa-se a uma altimetria de 577m numa área de *cuesta*.

Morfologicamente, apresenta-se como um abrigo de fundo de vale, situando-se em baixa vertente. Sua matriz rochosa é composta pelo arenito, apresentando também intercalações de siltito. Apresenta cerca de 39m de comprimento por 6 m de largura.



Figura 48: Sítio Toca do Baixão do Perna II. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.

O sítio está situado sobre uma plataforma rochosa e não possui um pacote estratigráfico. Acredita-se que no passado o sítio pode ter possuído uma sedimentação mais espessa que foi carreada pelas águas em períodos chuvosos. Entretanto, essa plataforma apresenta algumas partes côncavas onde acumulou algum sedimento. Por ocasião da construção da passarela do sítio, foram encontrados alguns vestígios arqueológicos, como material lítico, por exemplo. O carvão da parte mais profunda da depressão rochosa foi datado em 9.010 ± 50 anos BP, dialogando com outras evidências

⁴⁷ Código atribuído ao sítio pela FUMDHAM.

da área, como a Toca do Baixão do Perna I, que apresentam datações em torno de 10.000 anos BP.

4.2.2.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

De uma forma geral, as pinturas rupestres desse sítio apresentam pequenas proporções. Os grafismos selecionados para esta pesquisa estão situados em dimensões que variam entre 1 e 5 cm e estão distribuídos em oito composições.

A composição I possui 6,2 cm de largura por 4,6 cm de altura. Está composta por 3 antropomorfos com dimensões de 1,9, 2 e 1,2 cm de largura e 4, 4,5 e 3,1 cm de altura.

Está situada sobre um pequeno friso no suporte arenítico de superfície aplanada. O preenchimento foi feito em tinta plana de coloração vermelha, sem demarcação macroscópica de traços de contorno.

Mesmo estando em estágio de clareamento natural foi possível identificar a forma humana dessas figuras por meio de caracteres primários como cabeça, pescoço, tronco, braços e pernas. As cabeças possuem morfologia arredondada; os pescoços apresentam espessura bem marcada; o tronco possui forma ovalada em contraposição com os braços e as pernas que, por sua vez, são mais longilíneos.

As figuras apresentam-se em dois planos. Uma figura central no primeiro plano, seguida de outras duas figuras no segundo plano. Todas apresentam postura similar em projeção frontal e eixo horizontal com braços erguidos e pernas em posição de abdução.



Figura 49: Composição I e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna I.



Figura 42: Composição I do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição II mede 24,2 cm de comprimento por 6,4 cm de altura. É formada por 8 antropomorfos com dimensões entre 1,2 e 3,3 cm de largura e entre 3 e 5 cm de altura. Está situada sobre superfície irregular em virtude de ondulações da rocha, precipitação de grãos e pela sobreposição de superfícies de diferentes camadas de córtices do suporte rochoso. As figuras foram executadas em tinta plana com coloração de matiz vermelha e sem marcação aparente de traço de contorno. Também apresentam diferentes gradações de clareamento. Os elementos primários de reconhecimento da figura humana correspondem a cabeça, tronco, braços e pernas. Há também elementos secundários representados por adornos de cabeça.

As figuras apresentam morfologia padrão como cabeça arredondada sobre as quais sobressaem quatro hastes que representam algum tipo de adorno. Os corpos apresentam morfologia ovalada; os braços têm formas brevilineas em relação às pernas mais longilíneas. Estão agrupadas em fila. As cabeças foram representadas com projeção frontal em eixo horizontal em contraposição aos corpos, projetados de forma lateral e eixo diagonal. Os braços estão erguidos para frente em todas as figuras. As pernas, por sua vez, apresentam representação contra natura nas cinco primeiras figuras. Dispostas de forma paralela apresentam morfologia em forma de arco. As três últimas figuras apresentam pernas com morfologia similar, porém menos curvas, como se as figuras estivessem sentadas. Existe uma distância regular entre as figuras e não há toque entre elas. O conteúdo hermético da composição impede a ascensão da ação representada.



Figura 50: Composição II e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.



Figura 51: Composição II do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição III está situada sobre um tipo de superfície menos irregular do suporte arenítico, mas ainda com ondulações provocadas pela precipitação de grãos da rocha base. As figuras apresentam coloração vermelha e preenchimento em tinta plana.

Apresenta dimensões de 7,3 cm de largura e 10,4 cm de altura. Possui 2 antropomorfos que medem 2,4 e 2,6 cm de largura por 4,9 e 4,3 cm de altura. Há, também, 2 fitomorfos que, do mesmo modo, apresentam pequenas proporções: 2,9 e 2,6 cm de largura e 4,3 cm de altura.

Ambos apresentam morfologia e postura semelhantes. A morfologia desses antropomorfos é mais volumosa que àquelas apresentadas anteriormente. As cabeças são estreitas e compridas e apresentam dimensões e formas similares aos membros. Os membros são braquiformes com extremidades circulares. O corpo é volumoso, ou seja com a morfologia arredondada.

A composição possui dois planos: no primeiro os dois antropomorfos foram posicionados em projeção dorsal. O antropomorfo I está em eixo horizontal e o antropomorfo II em eixo diagonal. Ambos desenvolvem posturas similares: pernas em abdução e braços erguidos. Estão dispostos lado a lado e de frente para os fitomorfos situados em segundo plano. Remetem a uma cena bastante comum no contexto gráfico da Serra da Capivara normalmente chamada de “cena da árvore”.



Figura 52: Composição III e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.

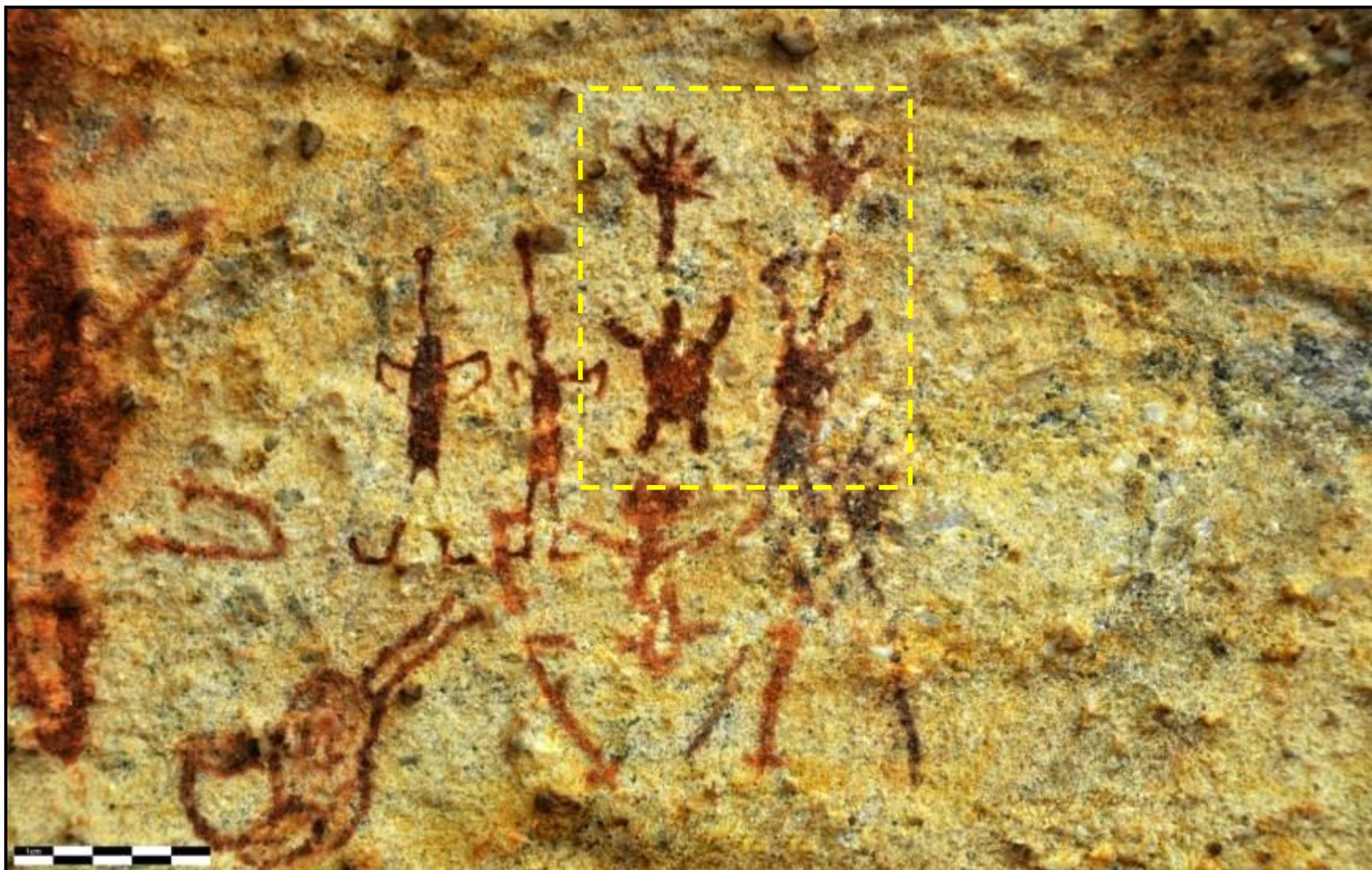


Figura 53: Detalhe da composição III do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição IV é formada por dois grupos de antropomorfos que totalizam quatorze figuras. Possui dimensões de 18 cm de largura e 6 cm de altura. As figuras medem entre 1 e 2,2 cm de largura e 2,9 e 2,1 cm de altura. Está localizada sobre uma superfície aplanada num friso de siltito. As figuras foram executadas com preenchimento completo em coloração vermelha e não apresentam demarcação visual de contorno.

A composição é formada por dois grupos de antropomorfos que se sucedem. Ambos apresentam morfologia díspar, o que implicou na utilização de técnicas de execução também diferenciadas. Em primeiro plano, há um grupo de cinco antropomorfos. Apresentam caracteres básicos de reconhecimento da figura humana como cabeça, tronco, braços e pernas. O padrão morfológico dessas figuras se deu por meio do volume aplicado a cada um desses elementos. As cabeças variam entre arredondadas e cilíndricas, mas o ápice do volume é aplicado ao tronco das figuras, com suas formas arredondadas ou ovaladas que consomem todo o foco visual; tudo isso em dissonância com os braços e as pernas que apresentam aspecto braquimorfo. Foi necessária a utilização de um tipo de instrumento pouco espesso e flexível para a realização dessas formas arredondas em figuras tão diminutas.

Em segundo plano existem nove figuras com morfologia menos volumosa. Neste caso, são as cabeças que se sobressaem em relação ao corpo. Há, nelas, um volume que sugere uma representação capilar ou de algum tipo de adorno. Embora o corpo ainda mantenha formas arredondadas ou ovaladas, houve diminuição da proporção volumétrica, tornando-os mais discretos. Braços e pernas apresentam formas mais rígidas e longilíneas com espessura ínfima de 1mm. Neste caso a utilização de um instrumento rígido parece ter sido mais adequada para a execução desses traços mais retos.

Embora não se reconheça a natureza da ação representada, nota-se bastante movimento. O antropomorfos do primeiro plano foram representados em projeção dorsal com eixo diagonal. As pernas estão em abdução, entretanto o movimento concentra-se na postura dos braços e cabeças, ambos erguidos; Já nas figuras de segundo plano o movimento é mais tênue. Estão dispostas em pares, com exceção de um antropomorfo (em projeção dorsal com eixo diagonal identificados a partir da disposição dos membros). Dessa forma, a projeção varia entre os pares com vistas alternadas entre frontal e dorsal. O eixo foi mantido em projeção diagonal. As pernas variam em posição de adução e abdução; os braços estão erguidos, alguns com os cotovelos fletidos, são os membros mais dinâmicos; já as cabeças permanecem retas.



Figura 54: Composição IV e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.



Figura 55: Detalhe da composição IV. .Sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição V mede 11,4 cm de largura por 4,4 cm de altura. É composta por sete antropomorfos com dimensões que variam entre 1,4 a 2,9 cm de largura e 2,9 a 4 cm de altura entre os pontos mais distais de cada figura. Está situada sobre uma superfície relativamente plana de um friso de siltito intrusivo na matriz rochosa arenítica. A maioria das figuras desta composição está em estágio avançado de clareamento. Algumas figuras chegaram, inclusive, a perder parte da superfície pintada.

Foram executadas com preenchimento, com coloração vermelha e sem demarcação visual de contorno. Apresenta traços muito finos, com espessura de apenas 1 mm aplicados à execução dos membros (braços e pernas). Tal fato exige a adoção de instrumentos com características específicas para que se atinja um resultado desta natureza em representações tão diminutas. As figuras apresentam elementos simples de reconhecimento da figura humana: cabeça, tronco, braços e pernas. Todos mantêm uma morfologia padronizada com cabeças arredondadas, corpo ovalado, apresentado de forma esguia e braços e pernas longilíneos.

As figuras se dispõem apenas em um único plano. Estão dispostas lado a lado em projeção frontal e eixo com alinhamento horizontal. Há um espaçamento entre elas que não é regular, mas é suficiente para que não se toquem. Estão representando gestos similares por meio de uma postura padronizada: cabeças alinhadas para o horizonte; tronco em alinhamento vertical; e pernas em posição de abdução; os braços, por sua vez, concentram o movimento representado. Estão erguidos sobre a cabeça e unidos em forma de arco. Alguns apresentam uma leve flexão do cotovelo. A representação tem caráter hermético, o que limita a ascensão à natureza do conteúdo representado.



Figura 56: Composição V e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.



Figura 57: Detalhe da composição V. Sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição apresenta 8,3 cm de largura por 4,2 cm de altura. É formada por seis antropomorfos do tipo miniatura com dimensões que vão de 1,8 e 2,2 cm de largura e 2,9 e 3,7 cm de altura entre os pontos mais distais de cada figura.

De forma similar com outras composições apresentadas anteriormente, esta composição foi executada dentro de um friso de siltito. Neste tipo de friso, a granulometria é menor, o que gera uma superfície mais aplanada que a arenítica.

A composição apresenta um grupo de sete antropomorfos em projeção frontal com eixo horizontal. Um deles, o primeiro, não possui forma humana clara e tem morfologia destoante das demais figuras. Foi considerado integrante desta composição porque compartilham tamanho, coloração, preenchimento e traços semelhantes aos apresentados pelas demais figuras. As demais figuras compartilham vários elementos entre si. Apresentam traços claros da figura humana e mantêm morfologia padronizada. As cabeças são volumosas e indicam portar um tipo de adereço. Os pescoços são longos e espessos, com o da exceção da figura III, que é braquiforme; os troncos são retangulares;

Em relação a gestualidade, os braços estão com os cotovelos suspensos em alinhamento horizontal e antebraços em posição vertical, direcionados para o solo. Em algumas figuras os cotovelos estão arqueados, mas a postura não destoa das demais. Apenas a última figura tem um dos braços em posição diferente: o braço direito faz um gesto de encontro a cabeça. As pernas por sua vez, estão completamente afastadas, com alinhamento horizontal em relação ao plano do corpo. As figuras apresentam preenchimento realizado em diferentes instâncias em coloração vermelha.

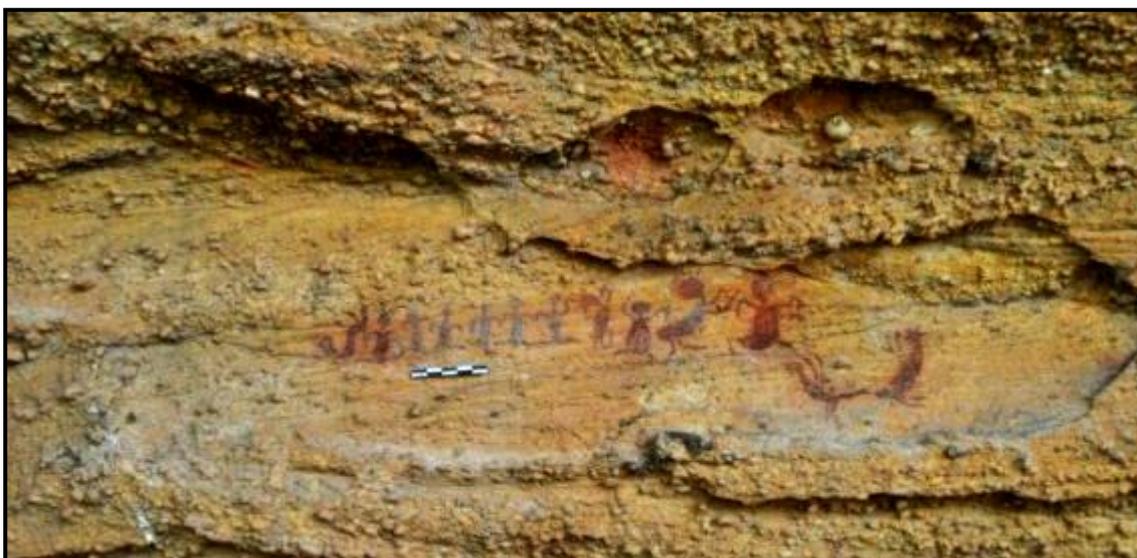


Figura 58: Composição VI e entorno gráfico. Vista parcial da mancha gráfica do sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.



Figura 59: Detalhe da composição VI. .Sítio Toca do Baixão do Perna II. Foto: Adolfo Okuyama.

4.2.3 TOCA DO SÍTIO DO MEIO

A Toca do Sítio do Meio (22)⁴⁸ identificada em 1973 no município de Coronel José Dias sob as coordenadas UTML 770050 e UTMN 9023206. Está situado em baixa vertente a uma altimetria de 454m numa área de *cuesta*.

Morfologicamente, corresponde a um abrigo sob rocha com matriz rochosa de arenito fino intercalado por veios de siltite e conglomerados no topo do abrigo. Possui uma área total de 60 m² com 56m de comprimento por 21m de largura.



Figura 60: Vista do sítio Toca do Sítio do Meio. Foto: Adolfo Okuyama.

A ocupação humana do sítio é bastante longa, apresentando datações pré-históricas pleistocênicas e Holocênicas entre 25170 ± 140 ⁴⁹ e 8100 ± 90 ⁵⁰ (CISNEIROS, 2008) até períodos históricos quando o sítio foi reocupado no final do século XIX até a de sessenta do século XX (MELO, 2003). Como testemunho dessa ocupação final, ainda há um forno no interior do abrigo.

O contexto pré-histórico da Toca do Sítio do Meio é bem mais diversificado e faz dele um dos principais sítios da Área Arqueológica da Serra da Capivara. Grande

⁴⁸ Código estabelecido para o sítio pela FUMDHAM.

⁴⁹ GIF-9542/LSM-9542, 1994.

⁵⁰ GIF-9409, 1995.

parte do sítio foi escavada, excetuando alguns pontos, especialmente os locais em que existem grandes blocos desprendidos do teto⁵¹.

No que tange ao contexto gráfico associado aos demais vestígios arqueológicos, Cisneiros (2008) aponta a presença de restos de pigmentos conservados no sedimento e datado entre 14300 ± 400 e 9110 ± 60 BP; 27 plaquetas pintadas; 168 peças líticas com restos de pigmento além de nódulos de hematita provavelmente utilizados para produção da tinta; e uma peça de ocre com marcas de uso encontrada no nível VII junto a um fragmento de colar de dentes humanos, datada em 8.920 ± 50 BP. A presença dos fragmentos de parede pintados foi dada entre os níveis V e VIII com maior concentração no último.

A mancha gráfica do sítio apresenta cerca de 55m e divide-se em dois setores com registros rupestres compostos por pinturas e gravuras. Os grafismos pintados são representados por figuras que na maior parte apresentam caráter reconhecível. Conforme atestou Cisneiros (2008) no setor I as figuras apresentam-se com bastante dinamismo e compõe cenas bem definidas na sua forma de apresentação sobre o suporte rochoso. Ao passo que no setor II, as figuras apresentam-se com pouco movimento em, não compõem cenas e há intensa superposição, o que dificulta a observação individual das unidades gráficas. A coloração predominante é sempre o vermelho em suas diferentes tonalidades.

4.2.3.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

Os antropomorfos miniaturizados identificados neste sítio apresentam-se numa única composição. A composição foi realizada sobre um friso de siltito intrusivo no suporte de matriz arenítica a 1,25 m de distância do solo atual e a cerca de 12 m do início da mancha gráfica do sítio. As dimensões observadas estão entre 28 cm de largura e 5 cm de comprimento do que se pode perceber para a composição completa e entre 3,5 e 5 cm de altura por 4 cm de largura entre os pontos mais distais de cada figura.

⁵¹As escavações mais antigas foram realizadas entre os anos de 1978 a 1980 e, posteriormente entre 1990 e 1993. Dentre os artefatos arqueológicos encontrados na Toca do Sítio do Meio Martin (2008) destaca relevância para dois fragmentos cerâmicos “de fatura simples e superfície alisada” e uma lâmina de machado polido “em granodiorito, com encabamento central e finamente trabalhado”. O carvão coletado da estrutura de combustão em que estavam associados apresentou datações radiocarbônicas de 8.960 ± 70 e 9.200 ± 60 BP, respectivamente. Para Martin (2008), a importância desses achados se justifica pelo fato de que ambos “modificam as cronologias tradicionais estabelecidas para os começos da cerâmica e da técnica de polimento sobre pedra na pré-história brasileira, fatos nunca admitidos como anteriores ao terceiro milênio para a cerâmica e ao primeiro milênio para os começos da pedra polida”.



Figura 61: Vista parcial da mancha gráfica com composição do tipo miniatura. Detalhe da composição composta por antropomorfos miniaturizados. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição foi realizada sobre dois tipos distintos de superfície. A superfície principal, que detém a maioria das figuras completas, é uma camada naturalmente lisa de siltito. Logo acima, a camada superficial do córtex foi desagregada, deixando uma superfície mais áspera. Essa superfície serviu de base para a parte superior de algumas figuras. entretanto, a precipitação de sais por toda a área da composição e seu entorno, afetou a sua visibilidade na área de superfície mais áspera, deixando-a pouco inteligível. O picoteamento feito sobre algumas figuras também comprometeu a integridade delas.

Pela rigidez dos traços, em virtude das características da superfície base, foi utilizado um instrumento de ponta fina e rígida, para que se obtivessem os traços com espessuras inferiores a 1mm. A matiz utilizada teve base na coloração vermelha.

No total, foram identificadas, nesta composição, treze figuras miniaturizadas com projeção frontal e eixo diagonal. Essas figuras apresentam elementos primários de identificação da forma humana como cabeça, tronco e alguns membros, representados por braços, mãos e pernas. A morfologia geral é filiforme, com braços e pernas longilíneos. A cabeça é diminuta e camufla-se na representação do tronco.

As figuras apresentam um padrão de gestualidade, que é compatível tanto entre as figuras completas como entre o que restou das figuras incompletas: pernas em abdução, tronco ereto, cabeça em posição de repouso e braços suspensos. Estes últimos detém o pouco movimento presente nesta composição.

4.2.4 TOCA DO SÍTIO DO BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA

A Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada (23⁵²) foi identificada em 1973 no município de Coronel José Dias sob as coordenadas UTM E 768877 e N 9022412. Situa-se em baixa vertente a uma altimetria de 437m numa área de *cuesta*.

Morfologicamente, trata-se de um abrigo sob rocha com matriz rochosa de arenito fino intercalado por lâminas de siltito e com concentrações de conglomerado no topo. Possui 78m de comprimento por 22m de largura e 75m de altura.

⁵² Código atribuído ao sítio pela FUMDHAM.



Figura 62: Vista frontal do sítio Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada. Foto: Adolfo Okuyama.

Trata-se de um dos sítios mais importantes para o contexto arqueológico americano em decorrência das datações pleistocênicas que apresenta.

Atualmente, existem 63 datações radiocarbônicas para o BPF⁵³ que situam a ocupação humana local num período compreendido entre 59.000 e 6.150 ± 60 anos BP (MUTZENBERG, 2010). Essa realidade faz do BPF o sítio conhecido mais antigo da área arqueológica da Serra da Capivara, e com um dos principais contextos arqueológicos que se tem disponível para o estudo e discussão da ocupação humana no continente.

O material arqueológico oriundo das escavações é composto predominantemente por artefatos líticos, muitos associados a estruturas de combustão. Concernente à prática gráfica foi encontrado um bloco com traços de pinturas rupestres, associado a uma fogueira datada em 17.000 anos BP, conforme mencionado no primeiro capítulo.

⁵³ As primeiras campanhas arqueológicas do sítio foram realizadas entre 1978 e 1988. Em decorrência disso foram identificadas 15 camadas de ocupação com evidências de presença humana desde o Pleistoceno. Foram estabelecidas seis fases culturais para a ocupação do local: Pedra Furada I, II e III, para a ocupação pleistocênica e Serra Talhada I e II (12 e 6 mil anos BP) e Agreste para as ocupações holocênicas. Atualmente as escavações no BPF vêm sendo continuadas pela Missão Franco-Brasileira na área preservada como testemunho da estratigrafia do sítio.

No que tange ao contexto gráfico do sítio, a mancha gráfica se estende por um único setor de comprimento extenso o que corresponde a 55m. Os grafismos representados foram executados sobre as áreas mais planas e também nos diversos nichos presentes no suporte. Aparentemente não houve um tratamento prévio à execução (CISNEIROS, 2010).

Os grafismos do sítio são, predominantemente, compostos por figuras humanas e animais e poucos grafismos puros. Há bastante superposição entre as figuras, o que indica que o conjunto pictural do sítio é fruto de diferentes momentos gráficos.

Como nos demais sítios da área, a diferente nuancede vermelho predomina, mas também há matizes em branco e amarelo.

Também é perceptível a variabilidade na forma de apresentação e no tamanho das unidades gráficas, com grafismos contendo quase dois metros de altura desde aqueles com medidas inferiores aos 5 cm.

4.2.4.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

Os antropomorfos miniaturizados aparecem distribuídos em três composições neste sítio e estão representados tanto em nicho quanto em superfície mais planas. A primeira composição com antropomorfos miniaturizadas deste sítio possui dimensões de 10,2 cm de largura e 4,8 cm de altura. De forma individual, os antropomorfos medem entre 2 e 2,9 cm de largura e entre 4 e 2,9 cm de altura.

A composição está situada dentro de um nicho formado sobre o paredão arenítico do sítio. A superfície sobre a qual as figuras foram realizadas é plana, mas apresenta irregularidades devido a precipitação de grãos. A demarcação visual do traço de contorno não é perceptível. As figuras foram realizadas com preenchimento em tinta plana com coloração vermelha; e apresenta elementos primários de identificação como cabeça, tronco e membros. Estes últimos representados por braços e pernas. Morfologicamente a figura possui tronco e membros braquiformes e cabeça macrocéfala.

As quatro figuras que formam esta composição possuem projeção frontal com eixo horizontal e foram representadas de ponta-cabeça, com braços suspensos e pernas em abdução. De forma geral, trata-se de uma projeção contra natura com gestos que ressaltam o ápice de um movimento.

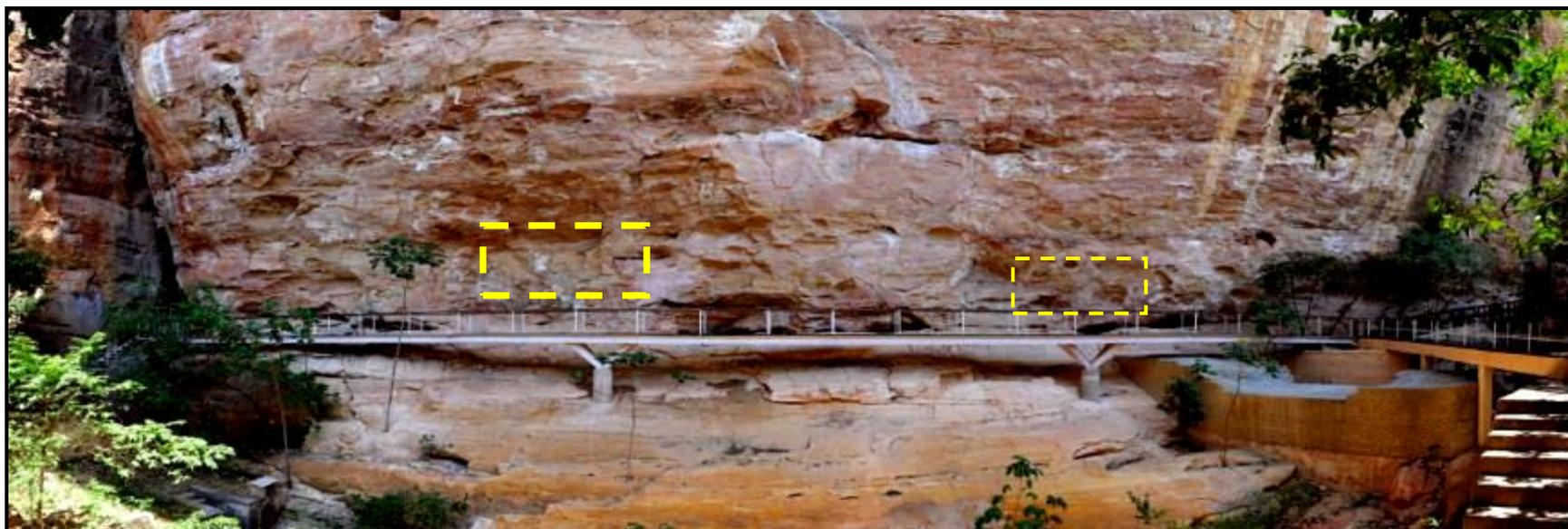


Figura 63: Vista frontal do sítio Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada. Destaque para a localização das composições miniaturizadas e entorno gráfico. Foto: Adolfo Okuyama.

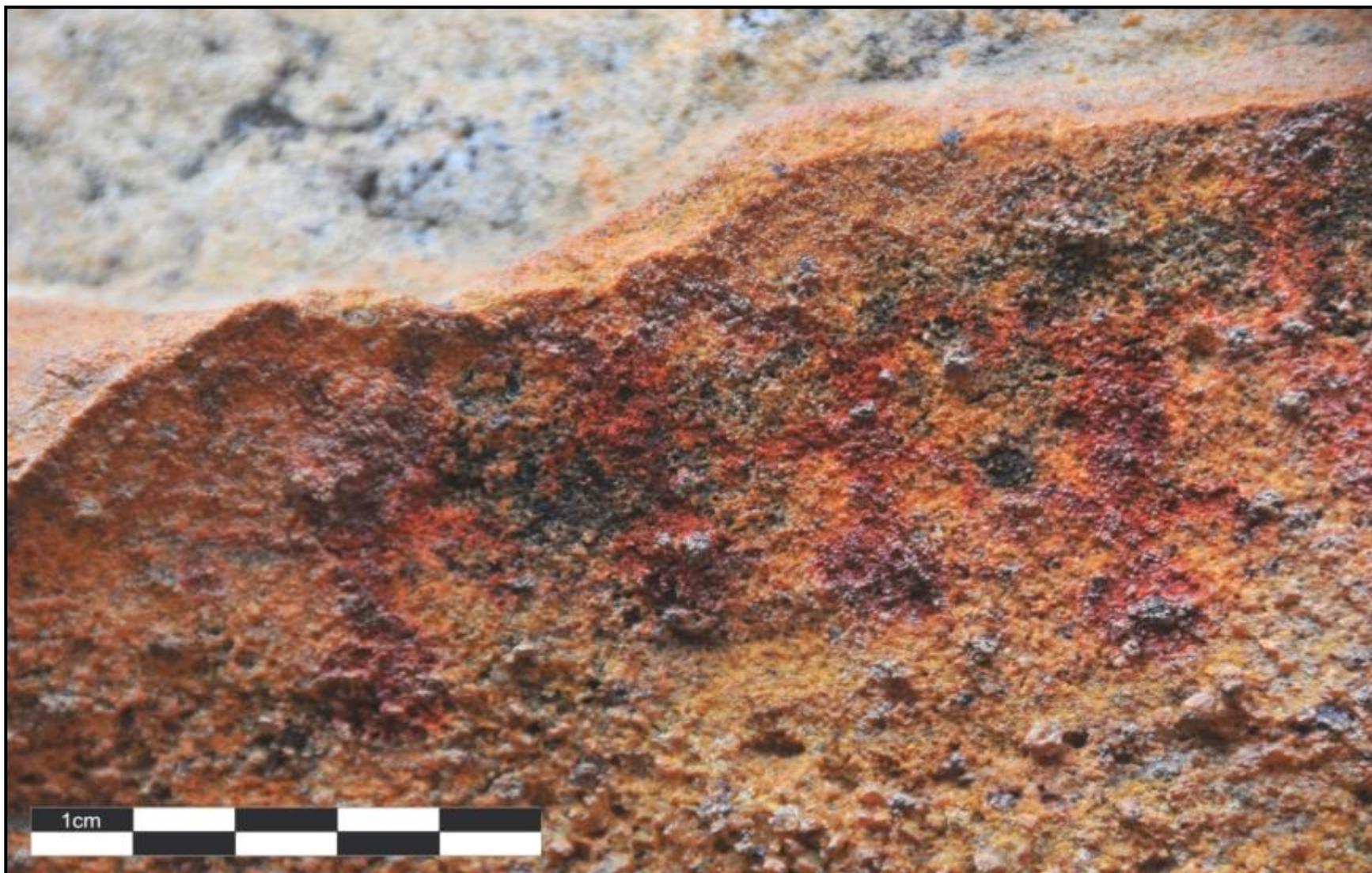


Figura 64: Composição I. Composição formada por antropomorfos do tipo miniatura. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição II mede 18 cm de largura por 3,3 cm de altura. É composta por sete antropomorfos com dimensões entre 1,7 e 2,3 cm de largura por 2,6 e 3,8 cm de altura.

Está localizada na parte inferior do mesmo nicho em que situa a composição descrita no tópico anterior. Dessa forma, a composição localiza-se sobre suporte plano com superfície irregular devido a precipitação de grãos com variação granulométrica. A coloração vermelha apresentada pelo preenchimento dos antropomorfos mostra tonalidade homogênea entre as figuras.

No que diz respeito a morfologia, cabeça e tronco apresentam-se de forma volumosa, com braços e pernas desproporcionalmente mais esguios.

As figuras foram representadas com posturas alternadas: *contra natura*, *in-natura* e assim sucessivamente. As figuras I, II, V e VII estão de ponta-cabeça, com braços suspensos e pernas em abdução. As figuras III, IV e VI apresentam os mesmos gestos de braços e pernas, mas estão em posição natural, de pé. Todas estão dispostas em eixo diagonal. Entretanto, não existem elementos claros que identifiquem se estão projetadas de forma frontal ou dorsal. O movimento foi bastante valorizado nesta composição.



Figura 65: Composição II. Composição formada por antropomorfos do tipo miniatura. Foto: Adolfo Okuyama.

Atualmente, a composição III mede 15,8 cm de largura por 8 cm de altura, dimensões inferiores às aquelas apresentadas originalmente no momento de sua execução. Tendo em vista a presença de fatores como perda parcial de córtex com superfície pintada, pequenas fendas, pátina e precipitação de sais que podem ter ocultado figuras, pode-se pensar, seguramente, que a composição está incompleta em dias de hoje. Ainda assim, foi possível identificar 10 antropomorfos com dimensões entre 0,8 e 2,2 cm de largura e 2 e 4,5 cm de altura.

A composição foi realizada sobre suporte plano com superfície irregular provocada não só pela textura natural da rocha, mas também pela sobreposição de córtices.

Os antropomorfos apresentam formas claras da figura humana com elementos primários de identificação: cabeça, tronco, braços, pernas. A morfologia apresenta certa constância, sem grandes distorções físicas. As cabeças têm formas arredondadas, os troncos são braquiformes e a maioria dos membros são longilíneos nas figuras de segundo plano e braquiformes nas figuras de primeiro plano.

A composição está representada em dois planos. O primeiro é composto por sete figuras: as quatro primeiras formam dois pares com uma figura de frente para a outra (figuras I e II e figuras III e IV). Na sequência, seguem três figuras enfileiradas (figuras V, VI e VII) projetadas para a esquerda. Todas possuem projeção lateral e eixo diagonal.

Em relação a gestualidade, os braços estão erguidos para frente e as pernas em abdução.

No segundo plano, as figuras foram pintadas com projeção frontal e eixo horizontal. O diferencial está por conta da projeção *contra natura* das três figuras que o completam. A figura VIII está incompleta, pois parte de sua superfície pintada que representava sua porção inferior, foi perdida.

Em relação aos gestos, as pernas estão em abdução e os braços estão erguidos.



Figura 66: Composição III. Composição formada por antropomorfos do tipo miniatura. Foto: Adolfo Okuyama.

4.2.5 TOCA DA ROÇA DO BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA OU DA FUMAÇA I

O sítio arqueológico Toca da Fumaça I (24)⁵⁴, foi descoberto em 1974 no município de Coronel José Diassob as coordenadas UTM E768988 e UTM N 9022851. Situa-se a uma altimetria de 411m numa área de *cuesta*.

No século passado, o sítio foi usado como abrigo por algumas pessoas da região. Fogueiras realizadas durante essa ocupação originaram uma camada negra de fuligem sobre alguns grafismos pintados.



Figura 67: Vista geral do sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.

Morfológicamente, corresponde a um abrigo sob rocha com matriz rochosa de arenito fino intercalado por veios de siltito situado em fundo de vale, portanto, à baixa vertente. Possui 70016m de comprimento por 8m de largura.

O paredão do sítio apresenta um processo acentuado de desfolhamento, o que ocasionou uma superfície repleta de nichos. Nesses vários nichos estão concentradas as pinturas rupestres do sítio, o que inclui, desse modo, as miniaturas.

A mancha gráfica do sítio possui cerca de 6m de comprimento por 1,5m de largura. As pinturas apresentam-se em tonalidades branca, amarela e vermelha. A maioria das figuras são passíveis de reconhecimento e apresentam diversidade temática e de tamanho.

⁵⁴ Código atribuído ao sítio pela FUMDHAM.

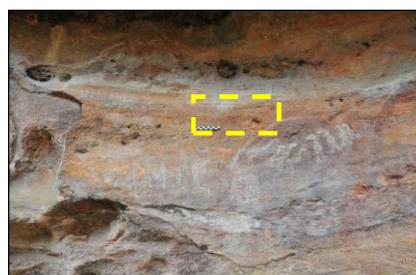


Figura 68 : Vista da mancha gráfica e segregação dos painés com composições de antropomorfos do tipo miniatura. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.

4.2.5.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

De uma forma geral, o tamanho médio das pinturas desse sítio gira em torno de 20 cm. No tocante as representações com antropomorfos miniaturizados, foram identificadas 5 composições. As dimensões variam entre 1,5cm e 5 cm para as figuras antropomórficas.

A primeira composição possui 8 cm de altura por 15 cm de largura, a 1,96m de distância do solo atual.

Está situada no início da mancha gráfica sobre a porção mais plana do interior de um nicho formado sobre a parede rochosa do sítio. A superfície rochosa apresenta granulometria fina, com intrusões de grãos médios.

O nicho apresenta orientação sudoeste, divergindo do conjunto gráfico central, que possui orientação coincidente com a abertura do abrigo, voltada para o sul. Dessa forma, além das poucas proporções, a sua localização lhes confere pouca visibilidade e exige um posto de observação específico.

A composição é formada por cinco antropomorfos com altura compreendida entre 3,7 e 3 cm e largura entre 0,8mm e 1,7cm e mais três figuras não identificadas, apresentando coloração vermelha, preenchimento completo e sem demarcação visual dos traços de contorno.

A composição foi construída de forma hermética, não podendo ser identificada a temática representada e está circundada por grafismos de maiores proporções, a maioria com traços antropomórficos.

É importante frisar que esta representação possui figuras de difícil identificação morfológica, com áreas de clareamento e formas pouco definidas que se assemelham a “borrões”. Em detrimento disso a análise foi complementada pelo tratamento imagético aplicado a imagem digital.

A composição foi construída com projeção dorsal e eixo diagonal. Os antropomorfos estão distribuídos em dois planos sucessivos, o que confere a ideia de profundidade à composição. O primeiro plano é formado por apenas uma única figura disposta de forma oblíqua. A figura apresenta os elementos mínimos necessários para o seu reconhecimento antropomórfico: cabeça, tronco, braços e pernas; é a mais completa.

A morfologia do corpo e da cabeça é retangular e as pernas possuem posição de adução⁵⁵ representadas por dois traços finos. A estaticidade do tronco ereto, cabeça reta e pernas aduzidas é suavizada pelo movimento sugerido através dos braços fletidos em direção ao grupo composto pelos demais antropomorfos.

No segundo plano está um grupo de figuras alinhadas lateralmente. Estão dispostas num plano oblíquo paralelo a figura I. São figuras que apresentam traços de identificação limitados ao corpo e a cabeça e apresentam morfologia similar àquela apresentada na figura I. As figuras II, III e IV foram assim delimitadas hipoteticamente por meio dos espaços que separam as três formas não identificadas. As figuras V, VI, e VII foram consideradas como figuras antropomórficas por apresentarem morfologia similar a figura I, o que equivale a representação do tronco e da cabeça. À figura VIII acrescenta-se a representação dos braços erguidos em forma de U.

Existe uma figura de maiores proporções que foi posicionada entre os dois planos dessa composição. Entretanto, foi considerada aqui como intrusiva, por apresentar forma e proporção destoante das demais.

⁵⁵ Alinhamento de acordo com o plano mediano do corpo.



Figura 69: Composição I. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição II possui 10,5 m de altura por 4 cm de largura e está composta por cinco antropomorfos. Também se insere no início da mancha gráfica do sítio e está situada logo abaixo da composição I a 1,87cm de distância do solo atual.

Por ter sido executada no mesmo nicho, apresenta as mesmas limitações de visibilidade encontradas na composição anterior e, conseqüentemente, exige um posto de observação específico que deve ser situado no setor direito do sítio.

A composição foi realizada sobre um suporte arenítico de grãos finos com algumas intrusões de grãos médios, cujos limites da extremidade esquerda são marcados pela perda parcial do córtex rochoso.

O processo de clareamento da pigmentação da pintura somado a oxidação natural comum nas rochas areníticas comprometeram a integridade da composição, o que limita a definição morfológica de cada unidade gráfica. Com o auxílio obtido através do tratamento aplicado a imagem digital foi possível dar continuidade a algumas etapas do procedimento analítico.

Em primeiro plano, há um antropomorfo de maiores proporções com altura de 6 e largura de 2,5cm. Está disposto de perfil em plano oblíquo, com corpo, cabeça e pernas em alinhamento horizontal e braços erguidos em direção aos demais elementos da composição. A morfologia da cabeça arredondada e a morfologia do corpo é ovoide.

Em segundo plano estão as figuras alinhadas de forma paralela. As figuras I e II representam os antropomorfos miniaturizados com altura de 3 e 2,5 cm e espessura de 2,5 e 3 cm entre os pontos mais distais das figuras.

As duas figuras foram executadas sob projeção frontal e eixo diagonal. Apresentam-se de forma dinâmica com movimentos acentuados nos braços e pernas: a figura I tem seus braços em postura de abdução com ombros suspensos; a figura II apresenta braços também em abdução, porém erguidos. Em ambas as pernas estão abduzidas. Não são gestos idênticos, mas exprimem animação com a mesma intensidade. Também apresentam morfologia similar, com cabeça arredondada, corpo volumoso e membros braquimorfos.

As figuras IV e V possuem morfologia comprometida e não foi possível determinar com precisão os limites de cada uma dessas unidades, que apresentam traços que sugerem formas antropomórficas.

As figuras foram executadas com coloração vermelha, com preenchimento em diferentes instâncias e sem visualização dos traços do contorno.

As diferenças entre aspectos morfológicos e de tonalidade sugere que parte dos grafismos desta composição foram realizados em diferentes momentos gráficos. As figuras IV e V, que apresentam dimensões mais reduzidas possuem mais elementos semelhantes entre si do que com as demais. Entretanto, trata-se de uma observação hipotética, tendo em vista que para identificar a atemporalidade entre essas unidades gráficas seria necessário uma análise com análise físico-química ou instrumentos que possibilitassem resultados com maior precisão métrica.



Figura 70: Detalhe da Composição II. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.

A **composição III** é formada por 2 antropomorfos miniaturizados com dimensões entre 2,9 e 3,9cm de altura por 3 e 3,2cm de largura. A composição completa possui 3,9cm de altura por 5,5cm de largura, distando cerca de 2m do início da mancha gráfica e a 1,90 m do solo atual.

Estão situados próximos a extremidade mais alta da mancha gráfica e foram executados no interior de um nicho com de granulometria fina com algumas intrusões de grãos maiores e salientes, gerando uma superfície relativamente regular.

Os antropomorfos apresentam elementos primários de reconhecimento da figura humana como cabeça, tronco, braços e pernas. No que diz respeito a morfologia, cabeça e tronco apresentam formas curvilíneas, enquanto braços e pernas têm aspecto mais retilíneo.

Os antropomorfos foram executados em projeção dorsal e eixo diagonal. Estão dispostos frente a frente e compartilham um gesto similar através do direcionamento dos braços erguidos para frente. Entre ambas as figuras há um objeto para onde os braços são direcionados como se uma figura estivesse passando algo para outra. Trata-se de uma cena emblemática que ocorre tanto na Área Arqueológica da Serra da Capivara quanto na Área Arqueológica do Seridó.



Figura 71: Detalhe da Composição III. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.

A **composição IV** é formada por 7 antropomorfos miniaturizados com dimensões entre 2 e 4,6 cm de altura por 1,5 e 5,2cm de largura. A composição completa possui 6 cm de altura por 73,5cm de largura, distando cerca de 3m do início da mancha gráfica e a 2,25m do solo atual.

Foram executados sobre uma faixa do paredão rochoso que apresenta granulometria fina com intrusões de grãos maiores e salientes e superfície relativamente regular. Além da similaridade macroscópica do tom em vermelho escuro de ambos os componentes.

Não há indícios de sobreposição no contexto dessa representação.

A composição completa se desenvolve em alinhamento horizontal, embora as figuras antropomorfas estejam dispostas de forma oblíqua com projeção que varia em dorsal e lateral com eixo horizontal.

Trata-se de uma representação bastante. Os elementos essenciais de identificação da figuras humana são representados de formas simples: cabeça, tronco, braços e pernas. Os aspectos morfológicos apresentam traços curvilíneos com cabeça arredondada e corpo ovoide e membros curvilíneos.

As figuras antropomorfas alternam-se em posturas e orientações diferentes, mas compartilham um gesto similar a partir da flexão do tronco e do erguimento dos braços. As diferentes posturas são manifestadas por meio do alinhamento do tronco com figuras que se apresentam com flexão em projeção dorsal e lateral. A projeção também é variável entre dorsal, lateral.

Trata-se de uma composição cuidadosamente realizada, seja sobre seus traços de execução, seja sobre a valorização do que é representado. Um exemplo disso foi o cuidado dedicado a construção proxêmica do espaço. As figuras não se tocam e mantém intervalos relativamente regulares entre si. O forte hermetismo da representação impede ascensão sobre o conteúdo da mensagem informada. Limita até mesmo a identificação da temática representada.

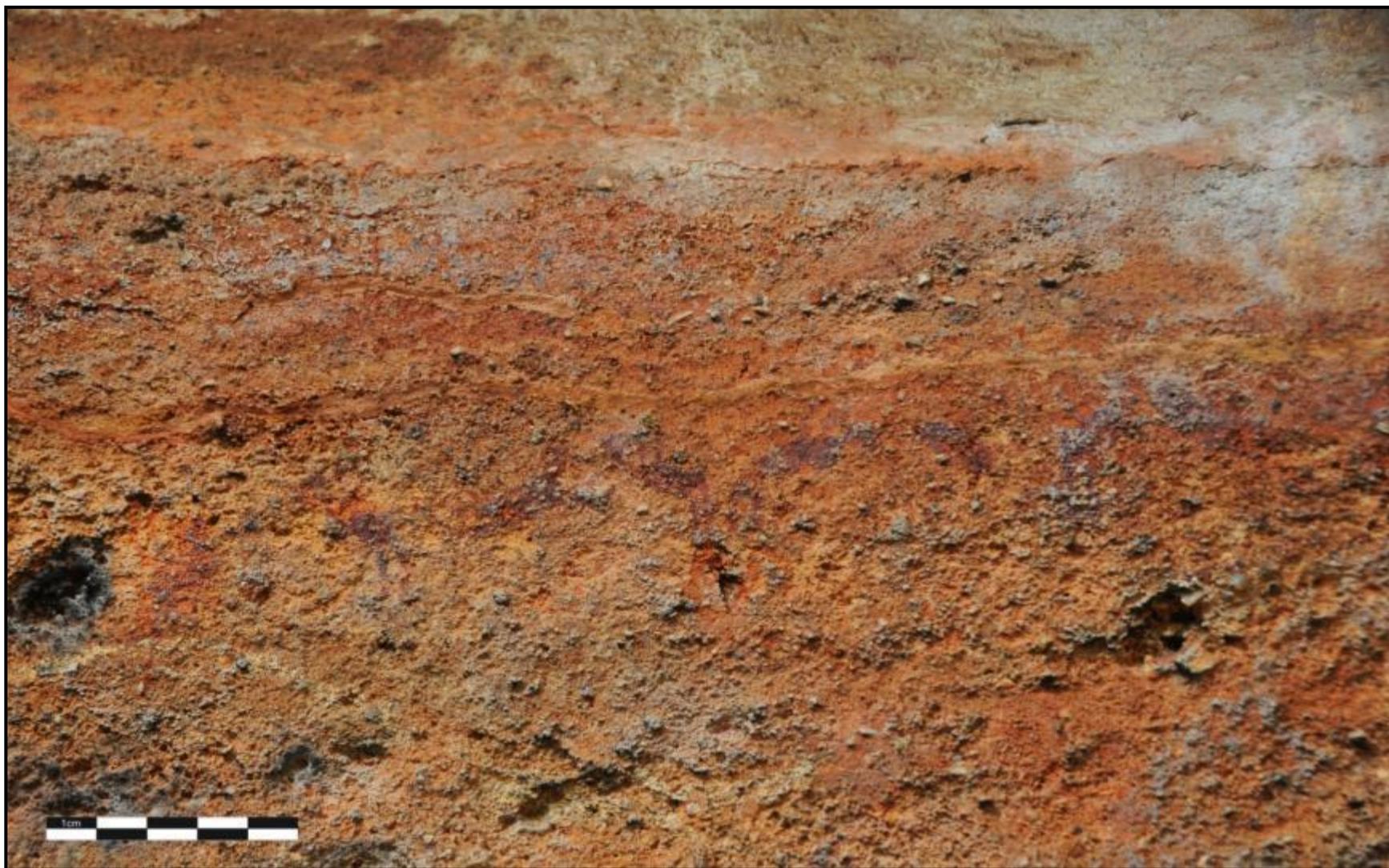


Figura 72: Detalhe da Composição IV. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.

A **composição V** é formada por 19 antropomorfos miniaturizados com dimensões entre 2 e 3 cm de altura por 0,6 e 1,2cm de largura. A composição completa possui 3,5cm de altura por 20 cm de largura, distando cerca de 2m do início da mancha gráfica e a 1,80m do solo atual.

Estão situados próximos a extremidade mais alta da mancha gráfica e foram executados sobre uma faixa do paredão rochoso que apresenta granulometria fina com intrusões de grãos maiores e salientes. Não há indícios de sobreposição no contexto dessa representação, assim como não existe concentrações de outros tipos de grafismos no seu entorno imediato. Isso lhes confere boa visibilidade, desde que o observador esteja a poucos metros de distância em virtude do tamanho reduzido que esses grafismos apresentam.

A composição completa busca um alinhamento horizontal, embora as figuras antropomorfas estejam dispostas de forma oblíqua em diferentes planos que se sucedem, possibilitando a percepção da profundidade construída na representação.

Trata-se de uma representação bastante dinâmica formada por dois grupos separados por um espaço vazio. Os dois grupos foram identificados como produtos da mesma composição por partilharem elementos importantes, como morfologia do corpo com volume ovoide, morfologia arredondada da cabeça, morfologia dos braços e pernas, além da similaridade macroscópica do tom em vermelho escuro de ambos os componentes.

O primeiro marca o início da composição através de duas figuras dispostas de forma lateral, com os braços fletidos em direção aos demais antropomorfos. A figura II porta um objeto semelhante a um chocalho.

O grupo seguinte é mais complexo e é composto por 17 figuras antropomorfas que se alternam em posturas e orientações diferentes, mas compartilham um gesto similar a partir da flexão dos braços. As diferentes posturas são manifestadas por meio do alinhamento do tronco com figuras que se apresentam com flexão em projeção dorsal e ventral e outras em alinhamento vertical. A projeção também é variável entre dorsal, lateral e até mesmo contra natura (como a figura IV representada de ponta-cabeça), com o eixo mantido sempre em diagonal. O ponto de vista da composição completa está representado sob uma ótica superior.

Trata-se de uma composição cuidadosamente realizada, seja sobre seus traços de execução, seja sobre a valorização do que é representado. Um exemplo disso foi o cuidado dedicado a construção proxêmica do espaço. As figuras não se tocam e mantêm intervalos relativamente regulares entre si. O forte hermetismo da representação impede ascensão sobre o conteúdo da mensagem informada. Limita até mesmo a identificação da temática representada.



Figura 73: Detalhe da composição V. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.



Figura 74: Detalhe da Composição V. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.

A **composição VI** apresenta, atualmente, apenas seis antropomorfos miniaturizados completos. Isso porque parte do suporte rochoso em que foi executada perdeu o seu córtex e junto com ele, também pelo menos um grafismo da sua composição.

Na porção superior do suporte, há restos da parte inferior de dois antropomorfos que apresentam proporções compatíveis com os antropomorfos miniaturizados. Distam poucos centímetros da composição VI, e poderiam estar representando uma única cena.

Ainda assim, a composição VI foi incluída na análise porque apresenta elementos que foram observados em outras composições do sítio.

As dimensões dos grafismos que a compõe estão situadas entre 2,2 e 4,2cm de altura e 1,2 e 3 cm de altura, além de um antropomorfo intrusivo com altura de 6,3cm e os pontos mais distais entre 5 cm. No total, as dimensões do que restou dessa composição situam-se entre 3,6 cm de altura por 19,3 cm de largura. Distam a 4,6m do início da mancha gráfica e a 1,73 do solo atual. A visibilidade da composição é limitada pelas pequenas proporções da composição.

As figuras estão situadas numa faixa do suporte rochoso que apresenta granulometria fina, que é delimitada, nas extremidades horizontais, por outras duas faixas com grãos médios e salientes. Esses grãos apresentam-se intrusivos em alguns pontos do friso de siltito.

As figuras foram executadas sob projeção frontal e eixo diagonal. Possuem preenchimento completo em tonalidade vermelha e não foi identificado nenhum traço delimitando o contorno. Estão sobrepondo figuras realizadas em momento anterior, inclusive outros antropomorfos miniaturizados.

O primeiro momento gráfico é representado por antropomorfos miniaturizados em processo avançado de clareamento. Apenas dois antropomorfos podem ser identificados. Os demais foram sobrepostos ou se perderam junto com o córtex da superfície rochosa em que foram executados.

As miniaturas que formam a composição VI são compostas por antropomorfos que se apresentam de forma bastante dinâmica e possuem características semelhantes como tonalidade, morfologia do corpo volumoso e cabeça arredondada e membros com 3 mm de espessura. As cinco figuras da sequência partilham similaridades nos gestos executados pelos braços por meio de abdução em forma de arco com os ombros suspensos. A postura do tronco varia entre o alinhamento vertical e projeção dorsal e

lateral. Todas as figuras estão com as pernas em abdução padrão, com exceção de uma que possui apenas a perna direita apoiada no solo; a perna esquerda está ligeiramente erguida.

A representação da cabeça na figura III distingue-se das demais por não apresentar preenchimento interno, assim como os antropomorfos do momento gráfico anterior.

A figura I apresenta-se com os mesmos padrões morfológicos que as demais, divergindo apenas em relação ao movimento apresentado pelos braços, simplesmente erguidos.

No que tange a relação interpessoal construída no espaço gráfico, observou-se que as distâncias entre as figuras muito próximas, havendo, inclusive o toque.

De uma forma geral, possuem características similares àquelas percebidas nos antropomorfos do momento gráfico anterior.

O último momento gráfico é representado por um antropomorfo de maiores proporções com morfologia similar, porém com traços mais longilíneos que as miniaturas. Todo o corpo possui preenchimento em tom de vermelho, ligeiramente mais claro que aquele observado nos antropomorfos com exceção da cabeça, apenas contornada.

Esta figura apresenta-se num estágio de animação perceptível através dos movimentos dos braços abduzidos com ombros suspensos, das pernas em posição de abdução e através da projeção do tronco. A figura orienta-se de forma oblíqua em relação aos antropomorfos menores. Apresenta-se em sobreposição parcial da figura I, o que indica que se trata de uma feitura realizada em momento gráfico diferente daquele apresentado pelos antropomorfos menores.



Figura 75: Detalhe da Composição II. Sítio Toca da Fumaça I. Foto: Adolfo Okuyama.

4.2.6 TOCA DO BAIXÃO DA SUBIDA DA SERRINHA I

A Toca do Baixão da Subida da Serrinha I (44⁵⁶) foi identificada em 1973 no município de Coronel José Dias sob as coordenadas UTME 774783 e UTMN 9026415. Situa-se a uma altimetria de 502 m numa área de *cuesta*.

Morfologicamente, trata-se de um abrigo sob rocha formado por um paredão arenítico ligeiramente escarpado. Situa-se em fundo de vale, portanto, a baixa vertente. Possui uma área total de 260 m² com 37m de comprimento por 7m de largura.



Figura 76: Vista do sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. Foto: Pâmara Araújo.

A mancha gráfica do sítio está dividida em três setores. O primeiro setor é o que apresenta maior densidade pictural, com seus 16,30m de comprimento. Os outros dois setores são menores e apresentam comprimento de 2,70m para o setor II e 2,73m para o setor III.

O conjunto gráfico do sítio apresenta temáticas diversificadas e coloração predominante em tons de vermelho. Possui composições miniaturizadas com representações antropomórficas e também zoomorfas.

⁵⁶ Código cadastral atribuído ao sítio pela FUMDHAM.

4.2.6.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

A maior parte do conjunto gráfico distribui-se na porção mais alta do sítio. Os antropomorfos miniaturizados com altura inferior aos 5 cm estão nessa área, distando pouco mais de 3m do solo atual.

A composição I mede 18,6 cm de largura por 5,5 cm de altura. É composta por 10 figuras humanas com miniaturização entre 1,7 e 2,9 cm de largura e 5,3 e 3,2 cm de altura.

Está situada sobre suporte arenítico de superfície relativamente plana no interior de um nicho. Algumas figuras possuem imagem pouco compreensível pela ploriferação de fungos e perda da superfície pintada.

As figuras possuem morfologia e postura padronizadas. Apresentam maior variedade de elementos na composição da forma humana, pois, além dos traços primários como cabeça, tronco braços, pernas e pés há, também, aspectos de ordem secundária representados pelo tanto pelo falo, um indicador de gênero, como pelo adorno de cabeça, um elemento cultural. Sobre o padrão morfológico, cabeças têm formas arredondadas; todas usando um adorno, representado por um traço curvo. O tronco, por sua vez é volumoso e os membros são mais longilíneos.

Os antropomorfos apresentam-se dispostos em fila com projeção lateral e eixo diagonal. As cabeças estão alinhadas ao horizonte; tronco ereto e pernas em adução. O movimento concentra-se na postura dos braços postos para frente.

No entorno imediato desta composição existem mais três antropomorfos. Estes, não foram aqui considerados integrantes da mesma composição por apresentarem elementos que não comungam com a representação descrita aqui. Apresentam traços mais espessos, construção da forma humana diferenciada e postura também distinta.



Figura 77: Sobreposição de imagens demonstrando diferentes projeções da localização das composições com antropomorfos do tipo miniatura: o painel em relação à mancha gráfica; e as composições I e II, respectivamente, em relação ao painel. Sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. Foto: Adolfo Okuyama.

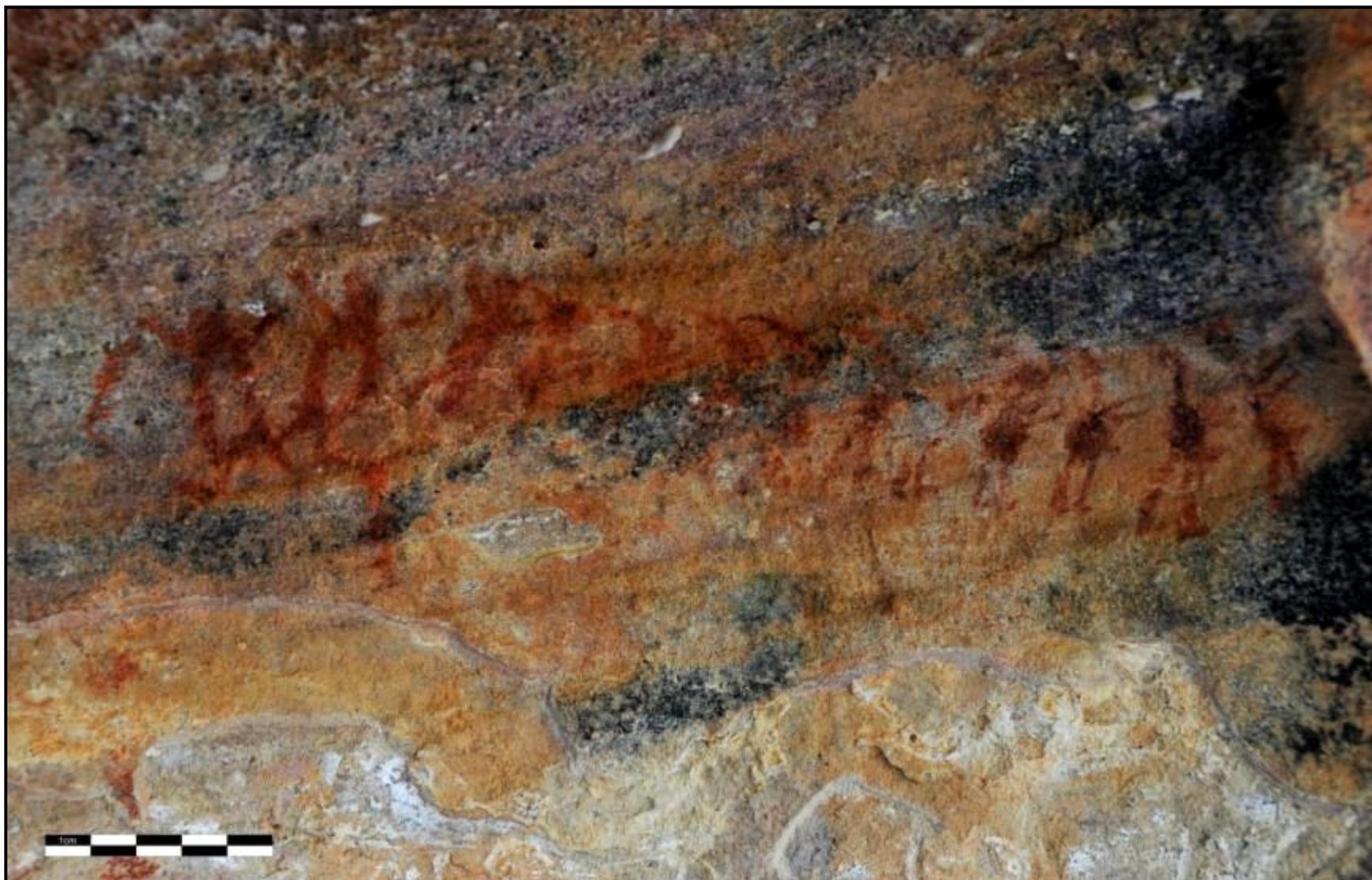


Figura 78: Detalhe da Composição I. Sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. Foto: Adolfo Okuyama.

A composição II mede 17,7 cm de largura por 5,7 cm de altura. É formada por 10 antropomorfos com dimensões entre 1,6 e 3 cm de largura por 2,3 e 4,8 cm de altura.

A composição está situada sobre friso siltítico no interior de um nicho formado pela sucessão de deslocamentos parciais do suporte arenítico.

Seu estado de conservação está bem mais preservado que aquele apresentado pela composição anterior, pois, apesar da presença de fungos nas suas imediações e do picoteamento sobre alguns pontos de dadas figuras, a composição ainda possui inteligibilidade satisfatória.

A morfologia mantém-se constante, tanto nos elementos primários de identificação da forma humana. As cabeças são arredondadas, troncos volumosos, braços e pernas longilíneos, com exceção da figuras IX em que são braquiformes e pés retos e pouco espessos. Os elementos secundários foram representados pelo falo, um indicador de gênero; e por dois tipos de indicadores culturais: os adornos de cabeça e um objeto de mão, semelhante a um chocalho que aparece apenas na figura X.

Os antropomorfos mantém postura similar, bastante semelhante àquela apresentada na composição I. Estão enfileirados em planos alternados. Oito figuras estão em primeiro plano e duas delas em segundo (as figuras IV e V). Estão dispostas em fila com projeção lateral e eixo diagonal. Apresentam os braços erguidos para frente, com cabeça alinhada ao horizonte e algumas variações da postura das pernas entre movimento de adução (figuras III, IV, V, VI e VII) e de abdução (figuras I, II, VII, IX e X). O tronco, por sua vez, apresenta-se de forma ereta, exceto na figura V, em que apresenta inclinação para frente.



Figura 79: Detalhe da Composição I. Sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. Foto: Adolfo Okuyama.

4.2.7 TOCA DO BAIXÃO DAS CABACEIRAS

A Toca da Baixa das Cabaceiras (170⁵⁷) foi identificada em 1985 no município de Coronel José Dias sob as coordenadas UTM E 773311 e N 9027762. Situa-se no alto da chapada a uma altimetria de 615m.

Morfologicamente, corresponde a abrigo sob rocha arenítica, com intercalações de siltito. Possui 25m de comprimento e 9m de largura.



Figura 80: Vista lateral do sítio Toca do Baixão das Cabaceiras. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.

Nas escavações realizadas em 2001 foram coletas amostras de carvão de três estruturas de fogueiras apresentando datações situadas entre 10.150 e 8.560 BP.

O Sítio possui dois setores. A mancha gráfica do setor II estava parcialmente recoberta por sedimento e foi totalmente evidenciada após as escavações.

Os antropomorfos miniaturizados do sítio estão distribuídos em duas composições situadas no setor I e apresentam variação de tamanho entre 6 e 1,4 cm.

⁵⁷ Código cadastral atribuído ao sítio pela FUMDHAM.

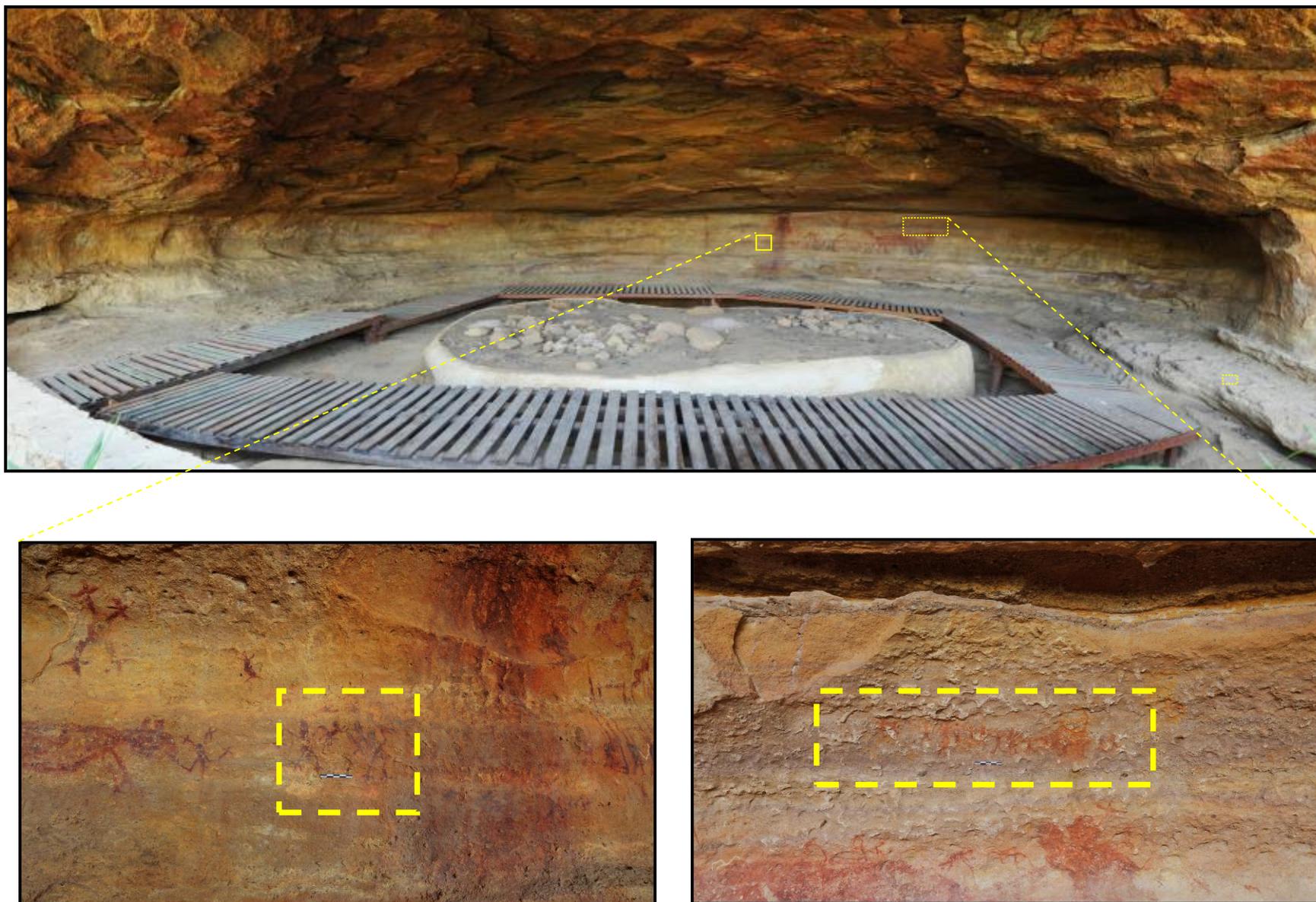


Figura 81: Vista da mancha gráfica e segregação paulatina das composições com antropomorfos miniaturizados. Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras. Foto: Adolfo Okuyama.

4.2.7.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

A **composição I** mede 11,7cm de largura por 16,4cm de altura. É composta por seis antropomorfos com dimensões entre 3,4 e 4,5cm de largura e entre 3,9 e 2,5 cm de altura entre os pontos mais distais de cada figura.

As figuras estão situadas sobre a parede do abrigo. Foram executadas com coloração de tom de vermelho escuro. Não há visualização de traços de contorno e os traços menos espessos equivale a representação dos pés, em torno de 2mm.

Existe um padrão morfológico entre as figuras com cabeça, tronco oval e membros curvilíneos e todas são representadas por elementos primários da figuras humana. Os pés aparecem apenas nas figuras I e III.

As figuras estão alinhadas de forma diagonal, dispostas em quatro planos sucessivos que garantiram profundidade à representação. Dessa forma, a figura I seria a única em primeiro plano; as figuras III, IV e V estariam em segundo plano; a figura II e o fitomorfo estariam em terceiro plano; as figuras IV, V estariam em terceiro plano; figura VI em quarto plano e a figura VII em quinto plano.

Nesta composição há uma estrutura cênica com figuras humanas associadas a um fitomorfo. Apenas a figura I parece está tocando o fitomorfo. As demais se apresentam circundando a figura central, o fitomorfo.

Todas as figuras mantêm movimento similar: cabeça em erguida, tronco ereto ou em projeção frontal, braços erguidos, pernas em abdução.



Figura 82: Detalhe da composição. Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras. Foto: Adolfo Okuyama.

A **composição II** mede 45,8 cm de largura por 14,2 cm de altura. É composta por 17 antropomorfos com dimensões entre 1,1 e 3,8 cm de largura e entre 2,1 e 4,3 cm de altura entre os pontos mais distais de cada figura.

A composição apresenta estágios de degradação e 4 das 17 figuras que foi possível identificarem apresentam-se apenas de forma parcial e não são passíveis de análise.

As figuras estão situadas sobre superfície irregular do paredão rochoso. Foram executadas com coloração de tom vermelho. Não há visualização de traços de contorno e os traços menos espessos equivale a representação dos pés, em torno de 2mm.

Apresentam tanto elementos primários de identificação (cabeça, tronco, membros, braços, pernas e pés) quanto secundários. Estes últimos são representados por adornos de cabeça de morfologia padrão entre as figuras compostas por três hastes.

Existe um padrão morfológico entre as figuras com cabeça pequena e arredondada. O tronco tem formato ovalado e os membros (braços, pernas e pés) são retilíneos. A transição do traço entre pernas e pés apresenta ângulos bem marcados.

As figuras estão alinhadas de forma horizontal, mas compõe diferentes planos. Individualmente, as figuras foram projetadas em posição frontal e eixo diagonal.

Todas as figuras mantêm movimento similar: cabeça em posição neutra, tronco ereto, braços e pernas erguidos e pés em dorsiflexão.

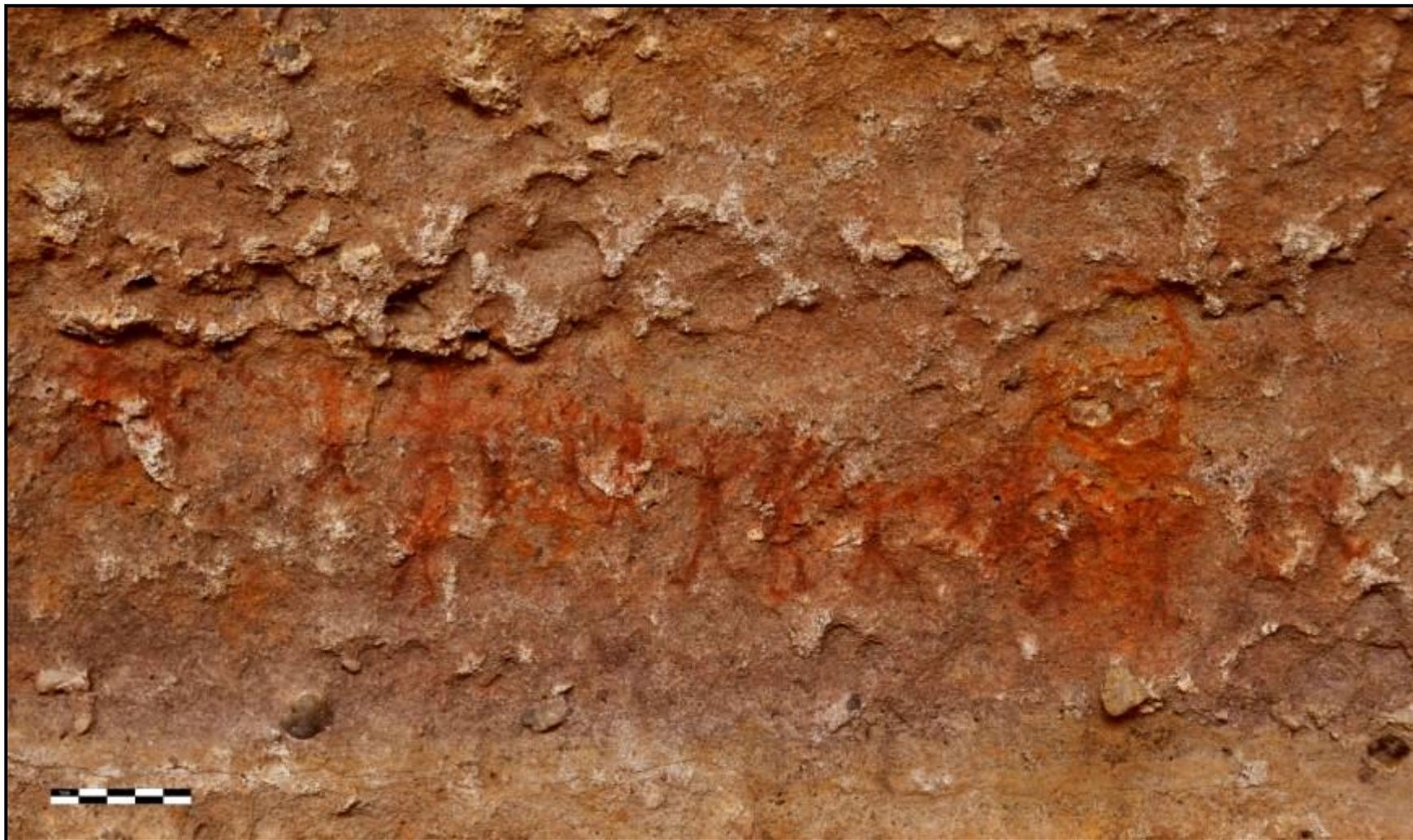


Figura 83: Detalhe da composição. Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras. Foto: Adolfo Okuyama.

4.3 SERRA DA CAPIVARA

4.3.1 TOCA DA ENTRADA DO PAJAÚ OU PAU D´ALHO

O sítio Toca da Entrada do Pajaú (06)⁵⁸ foi descoberto em 1970, no município de Coronel José Dias. Situa-se sob as coordenadas UTML 777249 e UTMN 9029531 aos 440m de altitude numa área de *cuesta*.

Trata-se de um abrigo de fundo de vale situado a média vertente com litologia predominante em arenito fino intercalado por siltito e conglomerado. Possui cerca de 260 m² com 29m de comprimento por 13m de largura.



Figura 84: Vista do Sítio Toca da Entrada do Pajaú. Foto: Adolfo Okuyama.

Este sítio apresenta um alto grau de degradação e boa parte da superfície pintada do sítio foi perdida. Lage (2006) aponta que os principais aspectos negativos que têm provocado o comprometimento da integridade desse sítio estão correlacionados a fatores térmicos, eólicos e hídricos somados a ação de microrganismos, e insetos por exemplo. A autora observou que a grande variação térmica presente na face externa do abrigo favoreceu a abertura de fendas e fissuras sobre a rocha. No período chuvoso, esses

⁵⁸ Código cadastral estabelecido para o sítio pela FUMDHAM.

espaços recebem uma grande quantidade de água que, por sua vez, age no cimento rochoso provocando sua dissolução e a conseqüente desagregação da rocha.

Por conta disso, vem sofrendo intervenções em prol de sua conservação desde o início da década de noventa, como limpeza e consolidação dos painéis deslocados, desvio da água das chuvas e cobertura da superfície do solo para atenuar a abrasão provocada pela ação eólica sobre a superfície rochosa pintada.

A mancha gráfica do sítio apresenta um único setor. Os grafismos que compõem este sítio correspondem a figuras humanas e animais representadas com bastante dinamismo. Majoritariamente os grafismos rupestres apresentam coloração vermelha em diferentes nuances com algumas intrusões em amarelo e cinza.

4.3.1.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

Há variabilidade de tamanho, com figuras executas com dimensões próximas aos 50 cm até as representações em miniaturização. Os antropomorfos miniaturizados aparecem em duas composições distintas com altura entre 2 e 3,5 cm.

A composição I está situada a 2,45m do solo atual distando cerca de 2m do início da mancha gráfica do sítio. Mede 3 cm de altura por 10 cm de largura. Os antropomorfos que a compõem possuem dimensões entre 1 e 1,5 cm de largura por 2,5 e 3 cm de altura.

A composição encontra-se em estágio avançado de clareamento. Está situada sobre suporte arenítico relativamente plano, com presença de rachaduras e fungos.

Os elementos primários de identificação são correspondentes a cabeça, tronco, braços, pernas e pés. Os membros são desproporcionais entre si: cabeça arredondada e diminuta; tronco volumoso; braços filiformes e pernas e pés braquiformes.

As figuras foram representadas com projeção frontal em alinhamento vertical. Apresentam postura similar cabeça alinhada ao horizonte, tronco reto e pernas em abdução, porém com pequena variação no movimento dos braços. As figuras I e II estão com os cotovelos suspensos, ou seja, braço suspenso com antebraço voltado para o solo; as figuras III e IV estão com os braços suspensos pro alto.

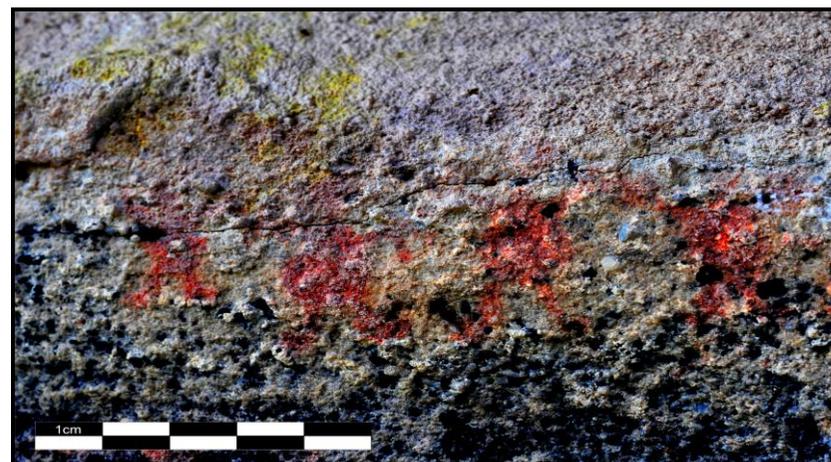
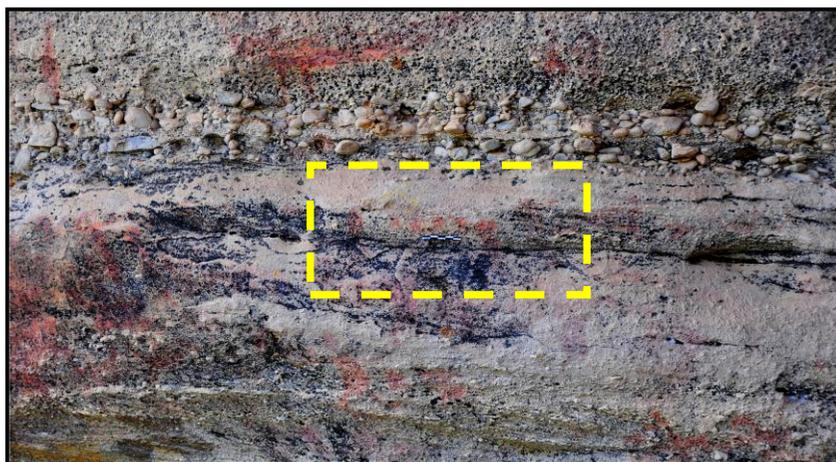
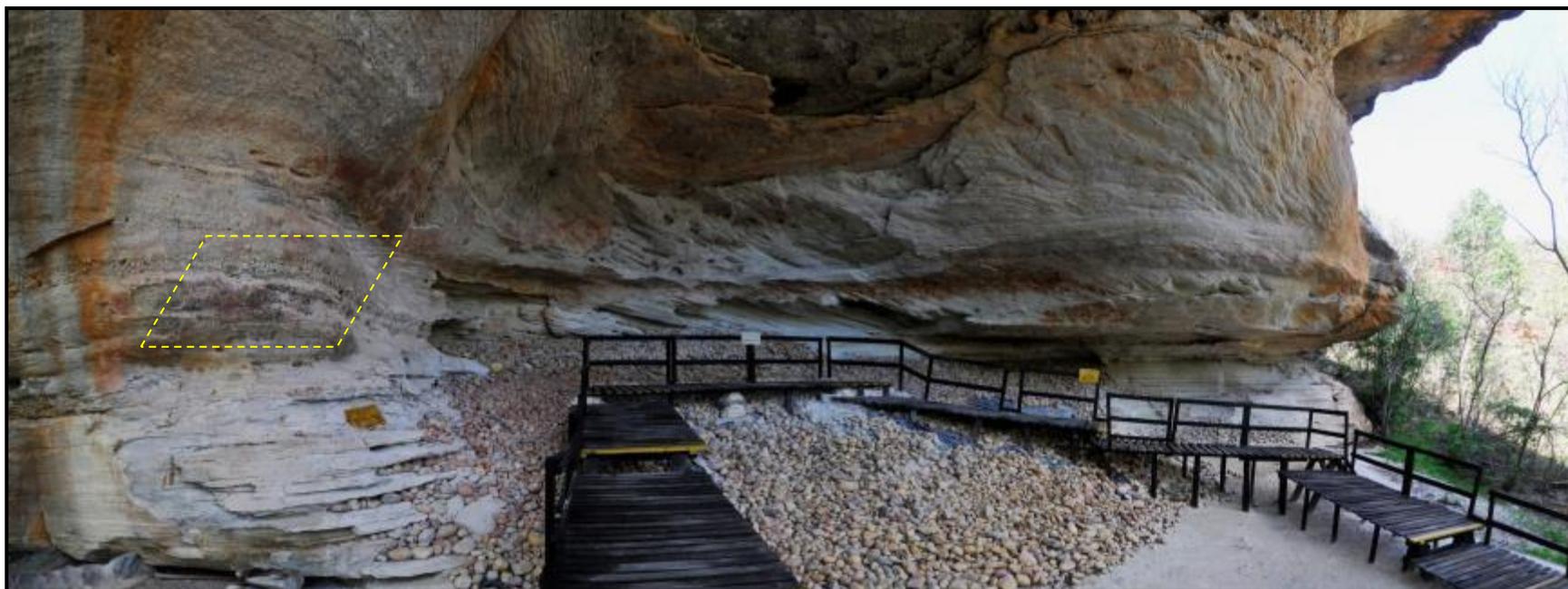


Figura 85: Vista parcial da mancha gráfica do sítio e segregação dos painéis com composições com antromorfos miniaturizados. Sítio Toca da Entrada do Pajau. PNSC Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.

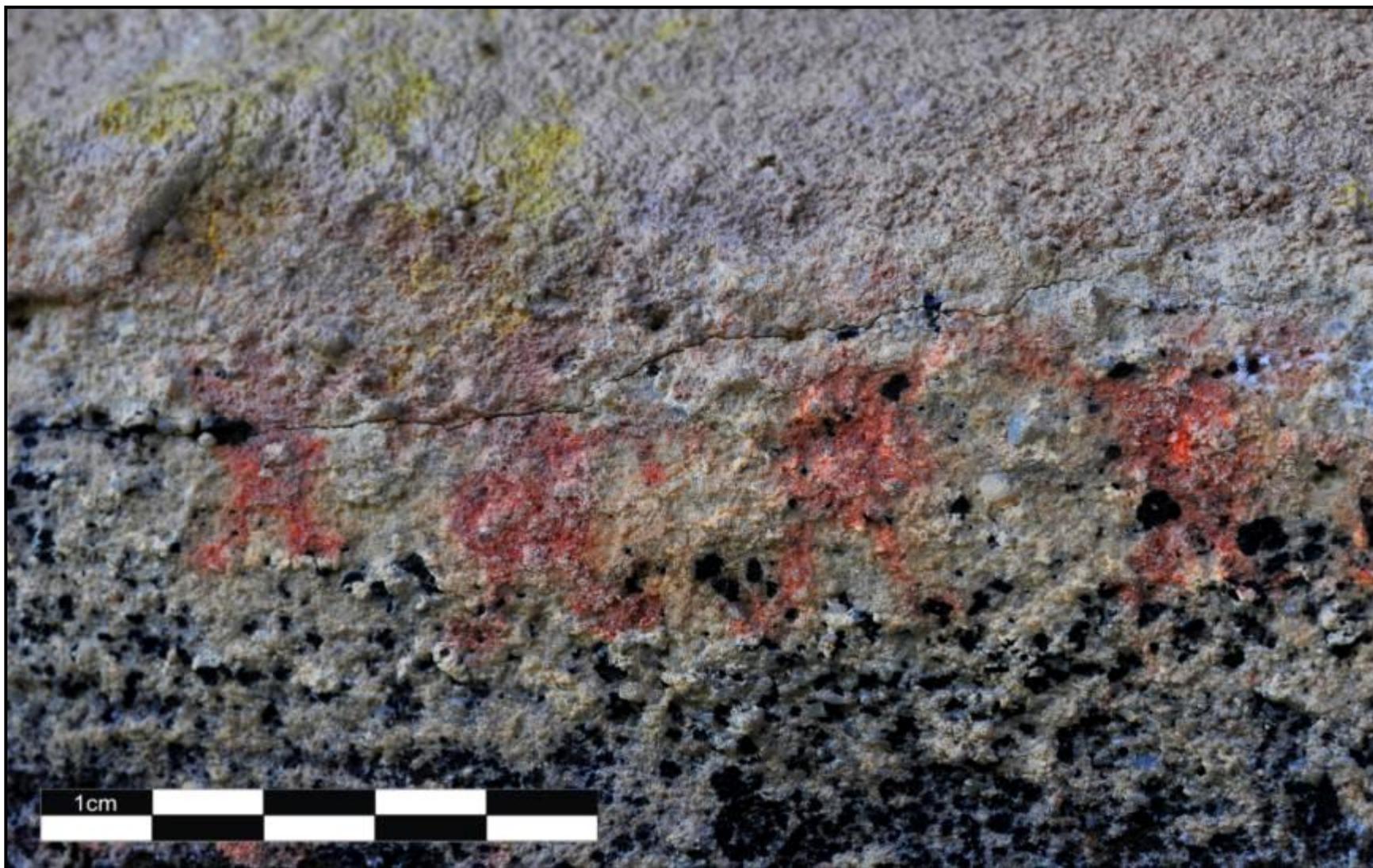


Figura 86: Detalhe da composição I. Sítio Toca da Entrada do Pajaú. Foto: Adolfo Okuyama.

4.3.2 TOCA DA ENTRADA DO BAIXÃO DA VACA OU DA CHIQUINHA

A Toca da Entrada do Baixão da Vaca (02)⁵⁹ foi identificada em 1970 no município de Coronel José Dias sob as coordenadas UTM E 776095 e N 902887 aos 428m de altitude numa área de *cuesta*.

Morfológicamente, corresponde a um abrigo sob rocha de matriz rochosa arenítica, intercalada por veios de siltito, além de conglomerado. Apresenta uma extensão de 113m de comprimento por 10m de largura.



Figura 87: Vista do sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Parque Nacional Serra da Capivara-PI. Foto: Adolfo Okuyama.

O remanescente arqueológico deste sítio se compõe apenas por registros rupestres pintados. A condição morfológica do sítio não favoreceu o acúmulo de sedimentação sobre a sua base rochosa. Em consequência disso, foi inviável as intervenções arqueológicas de subsuperfície de qualquer natureza, neste local.

A mancha gráfica total deste sítio é de 78,25m de comprimento por 4,18m de largura e divide-se em dois setores. A coloração vermelha é dominante, embora haja intrusões de amarelo.

⁵⁹O código cadastral estabelecido pela FUMDHAM.

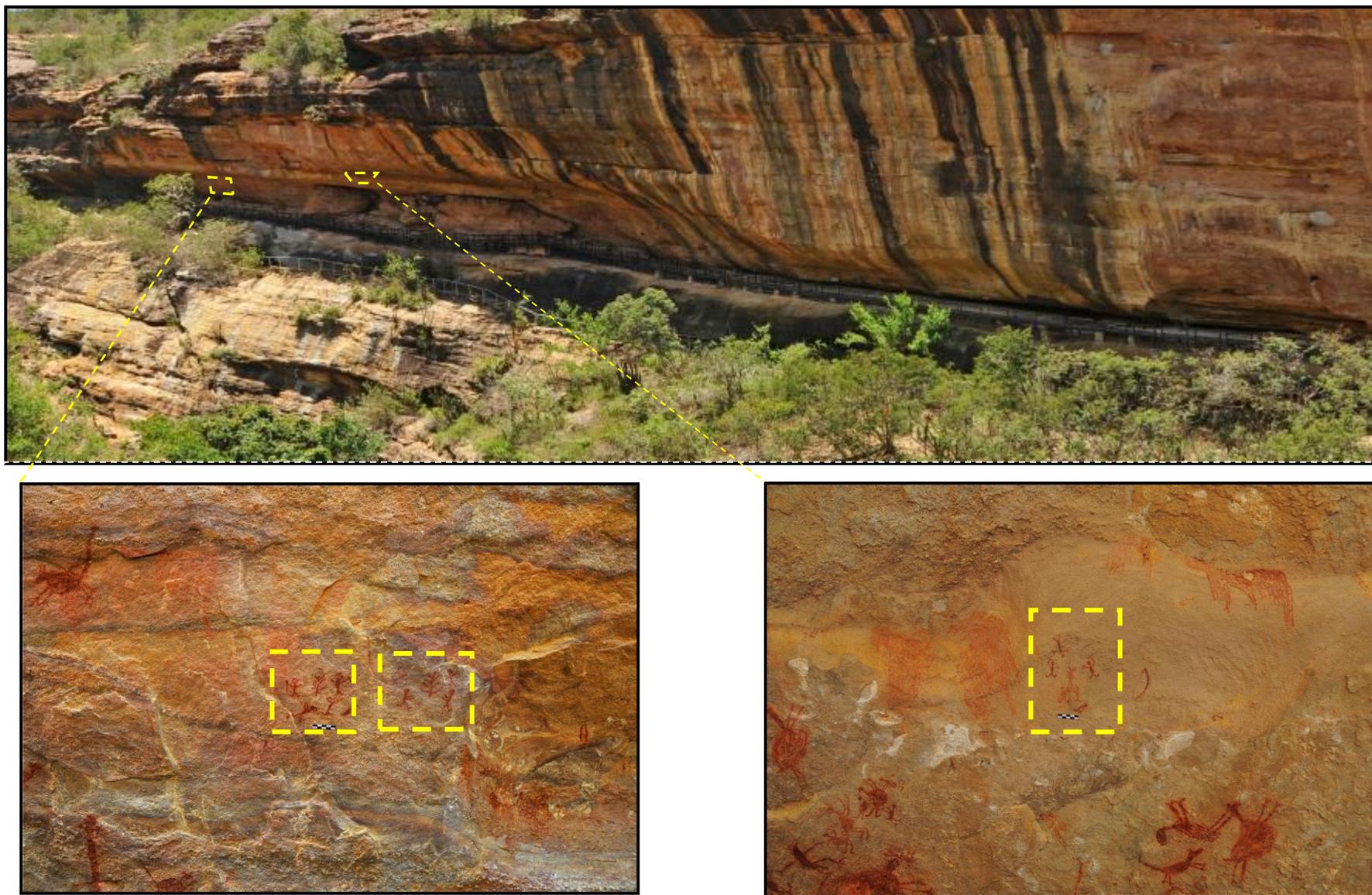


Figura 88: Vista da mancha gráfica do sítio e segregação paulatina das composições com antropomorfos miniaturizados. Sítio Toca Entrada do Baixão da Vaca. Foto: Adolfo Okuyama.

Também são dominantes os grafismos reconhecíveis⁶⁰ em detrimento dos grafismos puros. Neste sítio foram identificadas 4 cenografias compostas por antropomorfos miniaturizados.

4.3.2.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

Duas das cenas correspondem a uma representação supostamente cerimonial de figuras humanas em torno de uma figura central, um tipo de fitomorfo, por isso é comumente chamada de “cena da árvore”. Ambas estão localizadas a poucos metros do início da mancha gráfica⁶¹, a pouco mais de 1m do solo atual. Apresentam uma disposição bastante próxima entre si, com distância de apenas 8 cm sobre o mesmo suporte arenítico ondulado. Na primeira representação, o fitomorfo, ponto central da cena, tem sua morfologia composta por uma linha central levemente sinuosa (caule) que apresenta em suas laterais 4 pares de retas menores e oblíquas (hastes). Na parte inferior da lateral direita desse fitomorfo, há outra reta que se apresenta em direção opostas às demais, pois a sua extremidade volta-se para baixo, dando-lhe uma configuração diferenciada.

Em torno do fitomorfo, por sua vez, estão agenciadas 5 figuras antropomorfas. Destes, um apresenta configuração diferenciada (figura **f**), podendo tratar-se de um elemento intrusivo.

Com exceção da figura **f** (2,6cm), os grafismos que compõem esta cena apresentem altura relativamente proporcional. A morfologia do corpo é filiforme.

As figuras **a**, **c**, **d** e **e** apresentam dimensões e morfologia semelhantes. A altura do corpo é relativamente proporcional (a- 3,7; b- 3,5; c- 4 cm; d- 5,6cm; e- 4,5cm), e apresentam morfologia filiforme. Nas quatro figuras há indicação de gênero, todas do sexo masculino, perceptível pela presença do falo. É comum, ainda, a angularidade no ponto entre as pernas (afastadas) e os pés.

As figuras **a** apresentam-se de frente para o observador e a figura **c** de costas. Ambas estão com os braços e pernas abertas e têm as mãos apenas sugeridas pelo porte de

⁶⁰Monzon (1984) realizou uma análise acerca dos traços de identificação de alguns grafismos de ação e de composição deste sítio, em seu contexto global.

⁶¹ Cerca de 5m.

um objeto. Este último é representado por um traço verticalizado na mão direita das figuras.

As figuras **d** e **e**, por sua vez, apresentam-se de perfil, perceptível através do ângulo dos pés e pela postura dos braços estendidos em direção a figura **a** e a figura **b** (fitomorfo), respectivamente. À figura **e** é importante ressaltar que há uma probabilidade desse antropomorfo ter executado uma ação diferenciada dos demais: entre o seu braço esquerdo e a figura **b**, há uma pequena reta que toca parcialmente o fitomorfo. Isso sugere que se trata de um objeto em arremesso e não mais uma haste do fitomorfo, pois a sua representação é distinta das demais, e sua forma é similar aos objetos portados pelas figuras **a** e **c**.

Quanto a morfologia da cabeça, esta é circular e sem preenchimento nas figuras **a**, **c** e **d**. No caso da figura **d**, à cabeça circular acrescenta-se o adorno: há o preenchimento interno composto por duas linhas e um elemento externo representado por uma linha curva que desponta da cabeça em direção à nuca.

A figura **f** apresenta uma configuração à parte. Esta disposta entre as figuras **c** e **e**, mas numa distância excludente em relação às demais figuras antropomórficas da cena. As dimensões inferiores (2,6cm) ressaltam essa dissociação. De forma geral, o tratamento dado à sua execução é negligenciado em relação às outras figuras da cena: o contorno do corpo ovoide possui traços mais espessos e tem preenchimento incompleto; a cabeça é representada por uma forma circular com preenchimento completo; macroscopicamente, a coloração da cabeça e do contorno do corpo está mais densa que aquela apresentada nos membros das extremidades e pescoço, podendo ser fruto de retoques posteriores à execução da figura original. Esses membros têm sua forma apenas sugerida por traços pouco visíveis.

A cena completa tem 10 cm de largura por 14,5cm de altura.



Figura 89: Detalhe da Composição com antropomorfos miniaturizados do sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Foto: Adolfo Okuyama.

A segunda cena apresenta um agenciamento similar àquele descrito na cena anterior, apesar de apresentar algumas especificidades. O fitomorfo mantém-se como a figura central da cena e sua morfologia é bastante similar com relação ao anterior: uma reta vertical (caule) pouco sinuosa com quatro pares de retas menores e oblíquas (hastes), com extremidades voltadas para cima. Há quatro antropomorfos agenciados ao redor do fitomorfo, com indicação de gênero e porte de armas para alguns.

As figuras antropomorfas apresentam corpo delgado e angularidade bem marcada entre as pernas e os pés. As figuras **a** e **c** apresentam em comum a indicação de gênero, o porte de armas na mão direita, além da morfologia da cabeça circular e sem preenchimento.

A figura **a** está disposta de forma oblíqua, com “face” voltada para o fitomorfo, mas ainda possível ser visualizada pelo observador. As demais figuras, também voltadas para o fitomorfo, apresentam-se ao observador em completo perfil.

A figura **d** possui indicação do sexo masculino e a cabeça adornada. Neste caso, a morfologia da cabeça se mantém circular, porém em proporções menores e apresentando preenchimento. Sobre a cabeça, três hastes verticais corresponderiam a um tipo de ornamento. Os braços dispõem-se de forma estendida em direção a figura fitomorfa.

A figura **e** também tem seus braços estendidos em direção a figura central da cena, a diferença que apresenta em relação aos demais antropomorfos é de que neste caso, não há indicação de gênero e todo o corpo possui preenchimento.

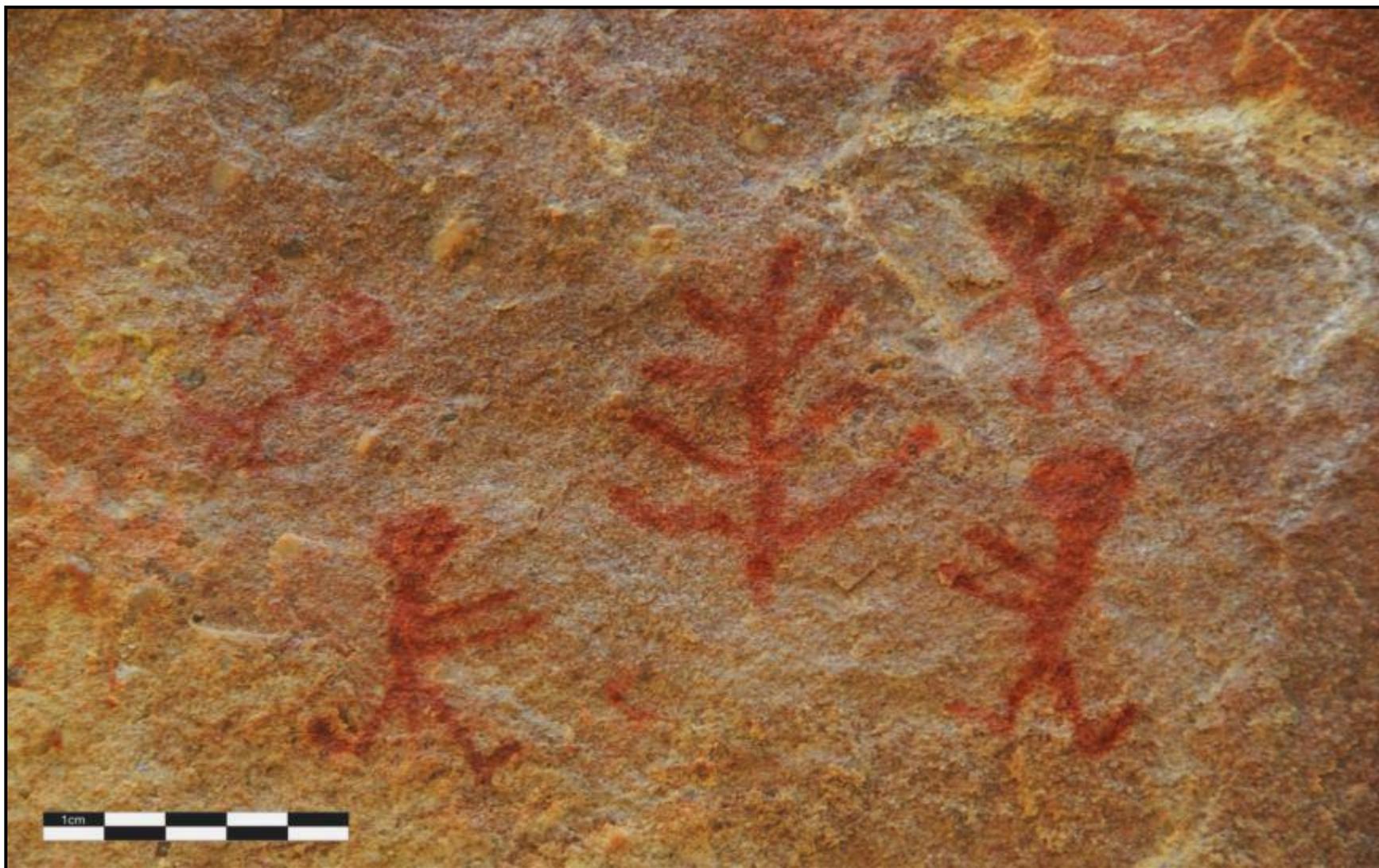


Figura 90: Detalhe da Composição II. Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Foto: Adolfo Okuyama.

A **composição III** mede 19,6cm de largura por 12,9cm de altura. É composta por seis antropomorfos com dimensões entre 3,4 e 4,5cm de largura e entre 3,9 e 2,5 cm de altura entre os pontos mais distais de cada figura.

As figuras estão situadas sobre a superfície regular situada no teto do sítio. Foram executadas com coloração de tom de vermelho em diferentes tonalidades, o que sugere que a execução da cena foi realizada em diferentes instâncias de tempo. Não há visualização de traços de contorno e os traços menos espessos equivale a representação dos pés, em torno de 2mm.

Existe um padrão morfológico entre as figuras com cabeça, tronco oval e membros retilíneos. A transição do traço entre pernas e pés apresenta ângulos bem marcados com pés em dorsiflexão.

As figuras estão alinhadas de forma diagonal, dispostas em quatro planos sucessivos que garantiram profundidade à representação. Dessa forma, a figura I seria a única em primeiro plano; as figuras II e III estariam em segundo plano; sucedidas pelas demais: figura IV e V em terceiro plano; figura VI em quinto plano.

Nesta composição há uma estrutura cênica com figuras humanas associadas a um fitomorfo. Duas figuras estão dispostas lado a lado, com os braços estendidos em direção a um fitomorfo. Circundando estas, há mais quatro figuras. Três delas apresentam as extremidades de seus braços em forma de cruz, sugerindo que se trata do porte de algum tipo de objeto.

Todas as figuras mantêm movimento similar: cabeça em posição neutra, tronco ereto, braços erguidos, pernas em abdução e pés em dorsiflexão.



Figura 91: Detalhe da Composição com antropomorfos miniaturizados do sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Foto: Adolfo Okuyama.

4.4 SERRA BRANCA

4.4.1 TOCA DA EXTREMA II OU DO GATO

A Toca da Extrema II ou do Gato (33⁶²) está dentro dos limites municipais de Brejo do Piauí através das coordenadas UTM E 752023 e N 9044718. Aos 389m de altitude.

A matriz rochosa do sítio é o arenito de granulometria fina intercalado por lâminas de siltito. Situa-se no fundo de vale, no sopé de serra. Corresponde a um pequeno abrigo que apresenta cerca de 260m²com 28m de comprimento por 9m.

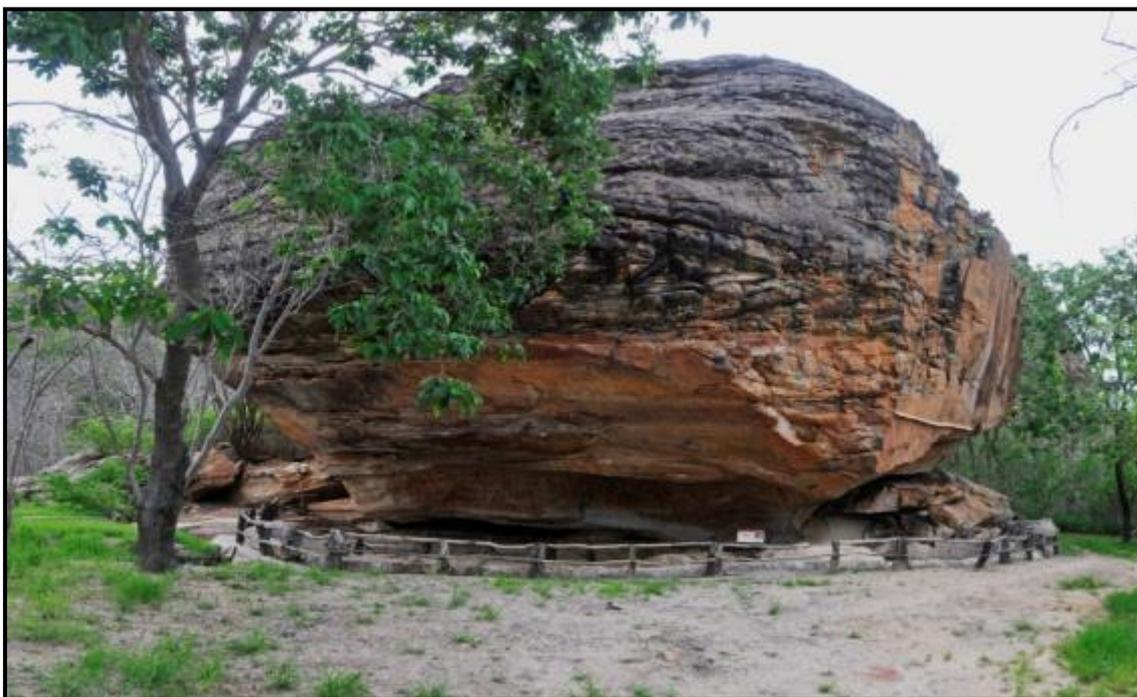


Figura 92: Vista do sítio Toca da Extrema II. Parque Nacional Serra da Capivara, PI. Foto: Adolfo Okuyama.

O suporte rochoso apresenta-se com algumas fraturas próximas as lâminas de siltito, além de infiltrações de sais minerais e fungos de coloração negra provocada pelo escorrimento de água.

Existiam no interior do abrigo quatro grandes blocos que apresentavam grafismos gravados sobre sua superfície. Mais da metade desses grafismos estavam

⁶² Código cadastral atribuído ao sítio pela FUMDHAM.

cobertos por uma pátina provocada pela reação do sal com o arenito da rocha. A proveniência do sal era resultante da carne salgada por caçadores atuais que acampavam no abrigo há alguns anos. Para atenuar o processo de degradação desses grafismos, os blocos foram transportados para o Museu do Homem Americano em 1997 onde foram submetidos a um processo de consolidação.

Nas escavações realizadas neste sítio foram identificados sete estratos naturais e em todos eles há indícios da presença humana. Os vestígios arqueológicos são mais abundantes nas camadas IV e V. O material arqueológico encontrado corresponde a fogueiras, que serviram material para datação por C^{14} , além de artefatos litocerâmicos e, sobretudo alguns painéis deslocados que continham algumas pinturas rupestres, o que foi de suma importância por fornecer algumas informações sobre a prática gráfica local. Posteriormente, esses painéis foram consolidados e estão expostos no sítio.

Por meio dessas escavações foi possível identificar uma ocupação humana situada entre 4730 ± 110^{63} a 1420 ± 50^{64} anos BP. De acordo com Cisneiros (2008) houve duas datações relativas para a produção gráfica do sítio. Foi possível datar um escorrimento de tinta (composta por óxido de ferro) no solo arqueológico em 3350 ± 60^{65} anos BP, além da data de 3130 ± 50^{66} obtida para a queda de blocos com grafismos pintados e gravados encontrado também em solo arqueológico.

No que diz respeito ao contexto gráfico exposto do sítio, foram identificados três setores com suas respectivas manchas gráficas voltadas Norte, Noroeste e Oeste. Os antropomorfos miniaturizados deste sítio foram localizados na mancha gráfica do setor II, que possui dimensões de 22,25m de comprimento por 2,85 de largura. Trata-se do setor com maior densidade pictural, superfície mais plana com muitas sobreposições, intrusões de tons amarelos em relação ao vermelho (dominante) onde se evidencia também a diversidade de tamanhos.

⁶³ GIF – 5401, 1980.

⁶⁴ BETA – 115911, 1998.

⁶⁵ BETA – 223089, 1998.

⁶⁶ BETA - 114015, 2006

4.4.1.1 DESCRIÇÃO DAS MINIATURAS

As figuras miniaturizadas fazem parte de uma única composição com antropomorfos em tom de amarelo e com comprimento inferior aos 5 cm.

A composição mede 12,4 cm de largura por 4,4 cm de altura. É composta por sete antropomorfos com dimensões entre 1,9 e 2,5 cm de largura e entre 3 e 4,8 cm de altura entre os pontos mais distais de cada figura.

As figuras estão situadas sobre superfície irregular pela existência de diferentes camadas de córtices provocadas pelo deslocamento parcial do suporte arenítico.

As figuras foram executadas com coloração de tom amarelo. Não há visualização de traços de contorno e os traços menos espessos equivalem a representação dos pés, em torno de 2mm.

Existe um padrão morfológico entre as figuras com cabeça pequena e arredondada, sobre a qual representa-se um tipo de adorno em forma de V. O tronco tem formato retangular e os membros (braços, pernas e pés) são braquiformes. A transição do traço entre pernas e pés apresenta ângulos bem marcados.

As figuras estão alinhadas de forma diagonal, dispostas em diversos planos sucessivos que garantiram profundidade à representação. Dessa forma, a figura I (a segunda figura da esquerda para a direita) seria a única em primeiro plano; a figura II (única a ser representada do lado oposto ao restante do grupo) e a figura III estariam em segundo plano; sucedidas pelas demais: figura IV em terceiro, figura V em quarto plano; figura VI em quinto plano e figura VII em sexto e último plano.

Todas as figuras mantêm movimento similar: cabeça em posição neutra, tronco ereto, braços erguidos, pernas em abdução e pés em dorsiflexão.



Figura 93: Vista da mancha gráfica do sítio e segregação paulatina da composição com antropomorfos miniaturizados. Sítio Toca da Extrema II. Foto: Adolfo Okuyama.



Figura 94: Detalhe da Composição com antropomorfos miniaturizados do sítio Toca da Extrema. Foto: Adolfo Okuyama.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DA APRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS ANTROPOMORFOS MINIATURIZADOS

Da mesma forma que não há duas obras de arte iguais, não há também dois painéis rupestres repetidos, pois o que se repete são as ideias e os comportamentos, plasmados graficamente de forma subjetiva. MARTIN, G.; GUIDON, N. (2010).

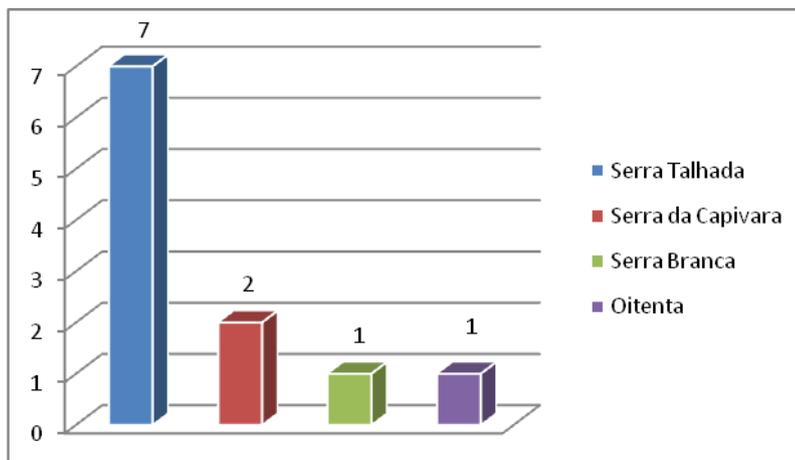
Este capítulo tem por base apresentar a análise concedida a esta pesquisa de forma pormenorizada. Desse modo, buscou-se demonstrar, a partir do comportamento das variáveis selecionadas, como foi possível identificar recorrências de certas características que resultaram em padrões definidores de perfis entre as figuras antropomorfas miniaturizadas.

5.1 DISTRIBUIÇÃO DAS MINIATURAS

Dos 11 sítios trabalhados nesta pesquisa 67% estão concentrados no topônimo Serra Talhada e 17% no topônimo da Serra da Capivara. Apenas 8% equivale a representação de sítios na Serra Branca e a mesma percentagem é apresentada na região dos Oitenta. Todas configuram áreas, no interior dos limites do PNSC, e apresentam relativa proximidade entre si.

É importante ressaltar que a não identificação ou mesmo a pouca representatividade de sítios com antropomorfos em diferentes topônimos dessa área arqueológica não significa, necessariamente, sua inexistência ou baixa densidade nesses locais. Esses indicadores dependem tanto da longevidade alcançada pelos grafismos, considerando os processos tafonômicos que podem ter atuado contra a sua preservação ao longo dos tempos; como também dos próprios procedimentos operacionais elencados por esta pesquisa.

Gráfico 1: Distribuição espacial dos sítios com antropomorfos miniaturizados em diferentes topônimos no Parque Nacional Serra da Capivara.

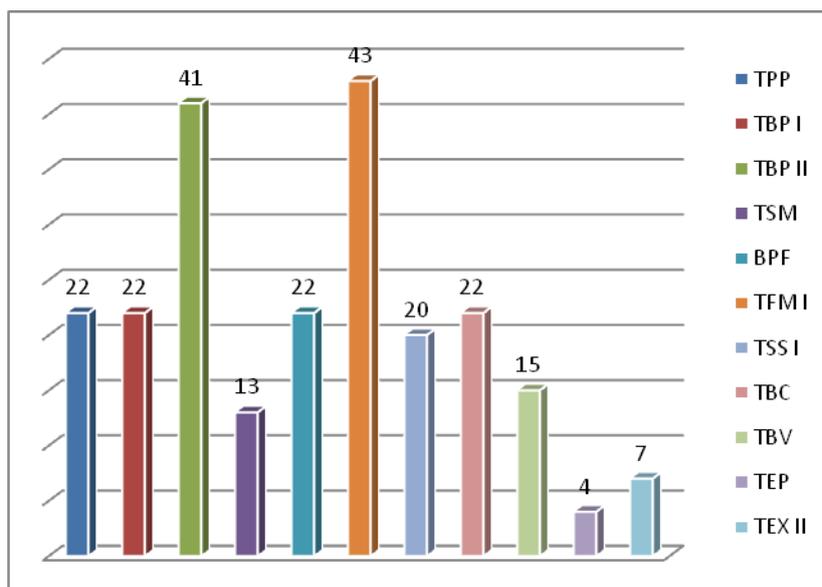


Foi observada a recorrência de antropomorfos miniaturizados por sítio. A maioria dos sítios pesquisados apresenta variabilidade tanto morfológica quanto de tamanho entre as unidades gráficas, de uma forma geral, o que inclui as figuras antropomorfas.

Também há alguns sítios que demonstraram uma tendência à diminuição de tamanho para o seu contexto gráfico. Essa tendência foi observada na Serra Talhada e é mais incisiva nos sítios da região do Baixão do Perna. O sítio Toca do Baixão do Perna II tem seu contexto gráfico todo em pequeno porte com composições que chegaram a miniaturização.

Entretanto, foi na Toca das Pedrinhas Pintadas, localizada nos Oitenta, que a miniaturização predominou como a forma de apresentação mais recorrente sobre o contexto gráfico de um sítio. Certamente este sítio apresenta um dos contextos gráficos miniaturizados mais importantes de toda a Área Arqueológica em questão pela quantidade e representatividade gráfica.

Gráfico 2: Relação da quantidade de antropomorfos miniaturizados por sítio. Parque Nacional Serra da Capivara-PI⁶⁷.



5.2 ELEMENTOS DE RECONHECIMENTO

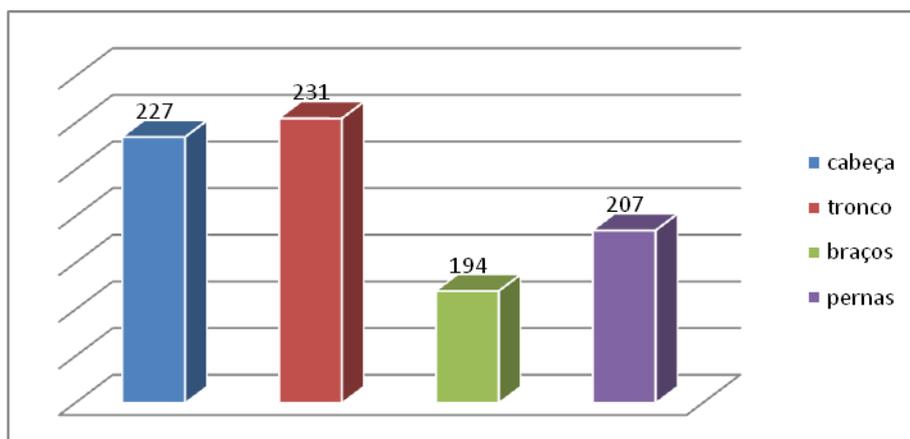
Em relação aos elementos essenciais de reconhecimento da figura humana, mantém-se o predomínio da representação das figuras através de cabeça, tronco, braços e pernas. Essa constância ocorre em todos os sítios.

Tabela 5: Relação dos elementos primários de reconhecimento da figura humana.

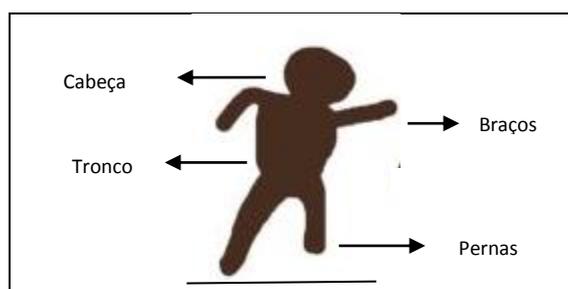
Sítio Arqueológico	Cabeça	Tronco	Braços	Pernas
TPP	21	22	18	22
TBP I	10	14	14	14
TBP II	41	41	40	40
TSM	0	13	7	
BPF	21	22	21	
TFM I	42	43	37	37
TSS I	20	20	20	20
TBC	21	22	17	21
TBV	15	15	13	15
TEP	4	4	21	4
TEX II	7	7	7	7

⁶⁷ Aqui estão dispostos o quantitativo de figuras em miniaturas independentes de sua forma de apresentação, isoladas ou agrupadas. Este tipo de apresentação será reportado mais adiante nesse mesmo capítulo.

Gráfico 3: Elementos primários de reconhecimento da figura humana presentes na apresentação gráfica dos antropomorfos.



Quadro 4: Figura com elementos primários de reconhecimento



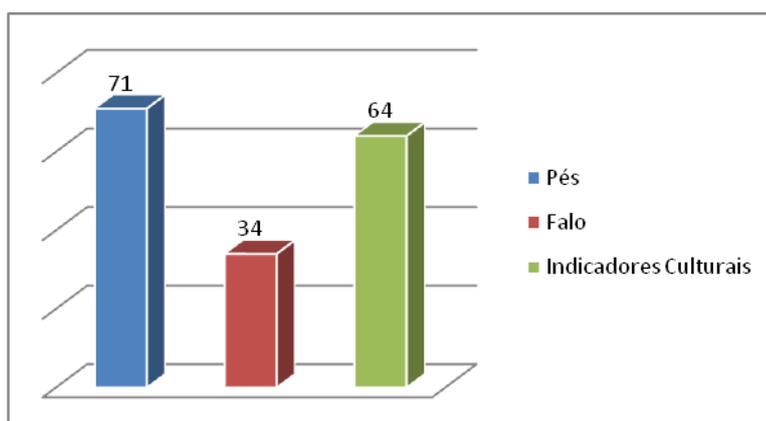
Em menor escala acrescenta-se às figuras outros elementos da anatomia humana como em pé e, em alguns casos, mãos incluindo a representação dos dedos.

Em algumas figuras adicionam-se outros atributos, geralmente indicadores de gênero, representado pelo falo e indicadores culturais, representados, por adornos de cabeça. Poucas figuras portam objetos de mão. Isso ocorreu em apenas três sítios: na Toca do Baixão da Vaca e na Toca da Baixa da Subida da Serrinha I e na Toca das Pedrinhas Pintadas, em que uma figura isolada segura, em cada mão, algo semelhante a um fitomorfo . Esse tipo de representação em que figuras humanas estão associadas, geralmente ao redor de um fitomorfo, é recorrente nessa Área Arqueológica, mas geralmente isso ocorre com as figuras em composição, apresentado uma estrutura cênica.

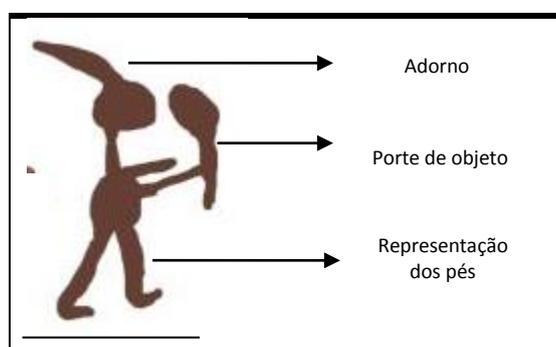
Tabela 6: Relação dos elementos secundários de reconhecimento da figura humana mais recorrentes.

Sítio Arqueológico	Pés	Falo	Indicadores Culturais
TPP	11	7	6
TBP I	-	-	0
TBP II	-	-	8
TSM	-	-	-
BPF	-	-	-
TFM I	-	-	-
TSS I	20	20	20
TBC	15	-	15
TBV	14	7	6
TEP	4	-	-
TEX II	7	-	7

Gráfico 4: Elementos secundários de reconhecimento da figura humana presentes na apresentação gráfica dos antropomorfos.



Quadro 5: Figura com elementos secundários de reconhecimento



5.3 ELEMENTOS TÉCNICOS

Dentre as variáveis relacionadas aos elementos técnicos, buscou-se aspectos relacionados às escolhas realizadas em relação ao suporte rochoso e a espessura de traço produzido.

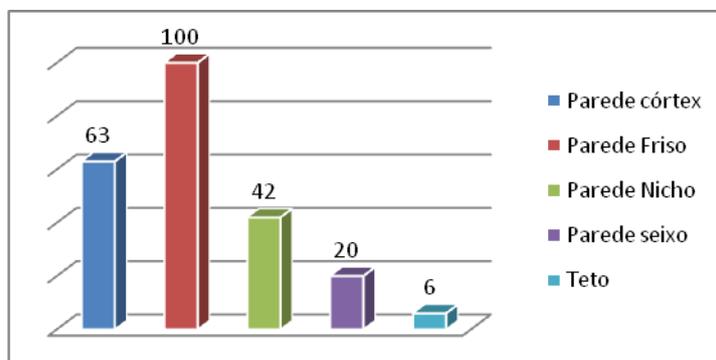
A **litologia** predominante é o arenito. Apenas um sítio apresenta-se possui o conglomerado como rocha predominante, que é a Toca das Pedrinhas Pintadas, onde as figuras aparecem representadas ora nos seixos, ora na cimentação do conglomerado.

Foram observadas diferentes **localizações no suporte** eleito para a execução das miniaturas. Neste caso, o tipo de suporte mais recorrente entre sítios é o friso. Em menor escala, optou-se por nicho, parede e teto.

Tabela 7: Relação entre os tipos de suporte com antropomorfos miniaturizados.

Sítio Arqueológico	Parede córtex	Parede Friso	Parede Nicho	Parede seixo	Teto
TPP	2	-	-	20	-
TBP I	6	8	-	-	-
TBP II	10	31	-	-	-
TSM	-	13	-	-	-
BPF	11	-	11	-	-
TFM I	7	25	11	-	-
TSS I	-	-	20	-	-
TBC	7	15	-	-	-
TBV	9	-	-	-	6
TEP	4	-	-	-	-
TEX II	7	-	-	-	-

Gráfico 5: Relação entre os tipos de suporte com antropomorfos miniaturizados.



Em relação ao **tratamento prévio dado ao suporte** antes da execução da pintura, foi observado macroscopicamente ausência de tratamentos, como alisamento, pintura, picoteamento. No entanto, observou-se que houve uma busca mais frequente por suportes que apresentam texturas mais regulares. Como foi o caso dos frisos de siltito que apresentam granulometria menor que o arenito e geralmente aparecem como intrusões na litologia predominante dos sítios.

Da mesma forma, a superfície externa dos seixos apresenta uma textura regular que favorece o controle do traço almejado para a produção das figuras, principalmente quando se trata de traços com espessuras de poucos milímetros.

Apesar de se observar a preferência por superfícies mais regulares para a execução de grafismos miniaturizados, o percentual de 39% ainda é um dado considerável, tendo em vista que quanto menor o grafismos for, maior será a dificuldade de sua execução. Realizá-los sobre superfície irregular requer um grau de habilidade ainda maior. Apesar disso, tal dificuldade não se representou, necessariamente um impecílio.

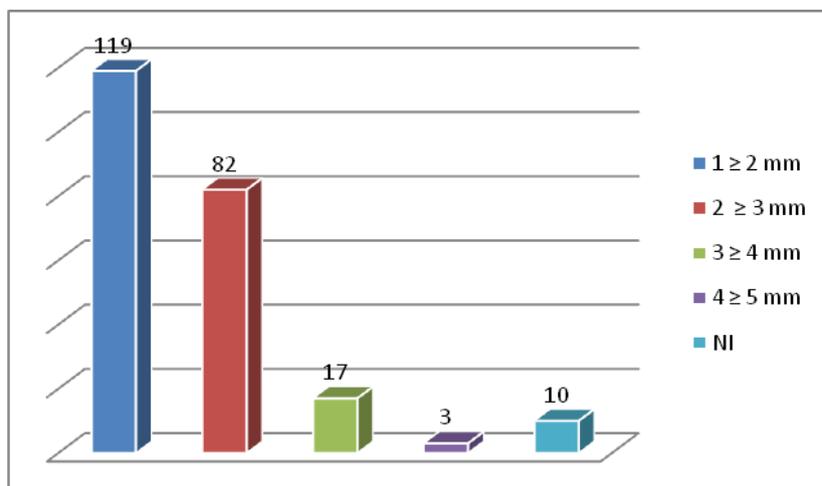
Também observou-se a ausência da visualização macroscópica de traços de contorno entre as figuras, salvo algumas exceções: Toca das Pedrinhas Pintadas e Toca do Baixão da Vaca. Dessa forma, para medir a espessura mínima do traço aplicado à execução dos grafismos miniaturizados, levou-se em conta os traços menos espessos entre as figuras, normalmente representado por membros. A título de padronização, optou-se pela dimensão da espessura do traçado do membro mais recorrente dos antropomorfos que são as pernas.

Constatou-se que a **espessura** dominante do traço é entre 1 e 2mm. Essa medida representa 52% dos antropomorfos miniaturizados. A segunda medida recorrente está entre 2 e 3mm, representando 36% dos traços e apenas 11% desse montante situa-se entre 3 e 5mm de espessura.

Tabela 8: Relação da espessura dos traços entre os antropomorfos miniaturizados.

Sítio Arqueológico	<1 mm	1 ≥ 2 mm	2 ≥ 3 mm	3 ≥ 4 mm	4 ≥ 5 mm	Não Identificado
TPP		13	5	3		1
TBP I		10		5		5
TBP II		16	23	2		
TSM		13				
BPF		18	4			
TFM I		30	8			5
TSS I		10	10			
TBC			15	7		
TBV		9	6			
TEP			4			
TEX II			7			

Gráfico 6: Relação da variabilidade da espessura dos traços por sítio.



5.4 ELEMENTOS CENOGRÁFICOS

Para a análise da dimensão cenográfica a variável principal é referente ao **tamanho**. Para tal, foram tomadas as medidas mais distais entre as extremidades verticais, para o estabelecimento da altura e das extremidades horizontais, para a identificação da largura de cada antropomorfo.

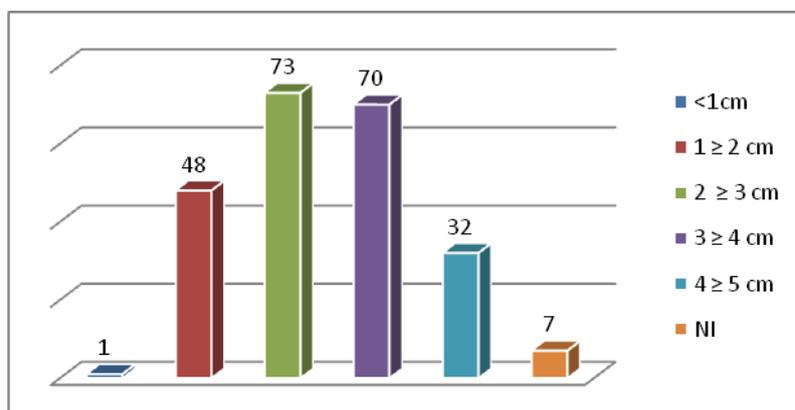
De uma forma geral, a medida mais recorrente para altura desses grafismos está entre 2 e 3 cm, representando 32% das miniaturas analisadas e com ampla distribuição entre os sítios. A segunda altura mais recorrente apresenta dimensões entre 3 e 4 cm e

também é bem distribuída entre os sítios. As maiores dimensões para altura situam-se entre 4 e 5 cm. Representam 14% das figuras analisadas e ocorrem em diferentes pontos do PNSC através de 7 dos sítios seleccionados. Por sua vez, os antropomorfos com menor altura estão entre 1 e 2 cm, correspondendo a 21% da análise e distribuem-se em sítios da região da Serra Talhada e na Toca das Pedrinhas Pintadas, na área dos Oitenta.

Tabela 9: Relação da variabilidade da altura dos antropomorfos miniaturizados por sítio.

Sítio Arqueológico	<1 cm	1 ≥ 2 cm	2 ≥ 3 cm	3 ≥ 4 cm	4 ≥ 5 cm	Não Identificado
TPP		5	7	3	7	
TBP I				8	3	3
TBP II		16	12	13		
TSM				13		
BPF		1	12	6	3	
TFM I		7	23	11		2
TSS I			2	8	10	
TBC		9	5	5	3	
TBV			1	7	7	
TEP			4			
TEX II			2	4	1	

Gráfico 7: Relação da variabilidade da altura dos antropomorfos miniaturizados por sítio.



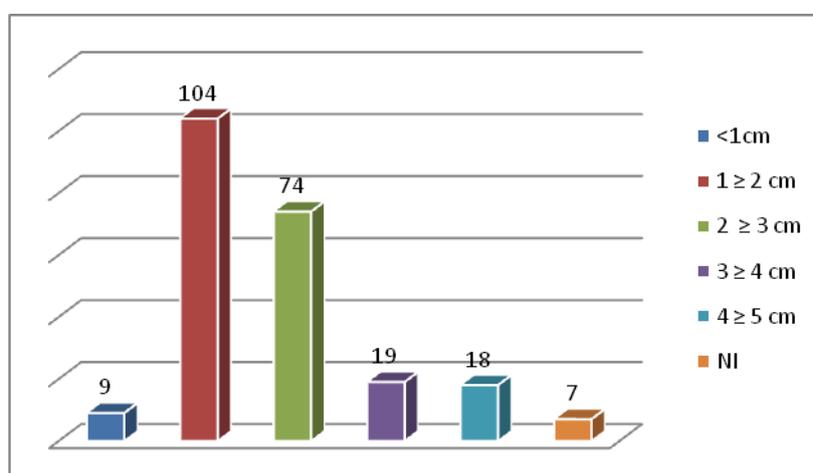
Com relação a largura, as dimensões tendem a ser menores. A medida mais recorrente (entre 1 e 2cm) equivale a 45% dos antropomorfos analisados e possui ampla distribuição entre os sítios seleccionados. A segunda medida mais recorrente (entre 2 e 3cm), representa 32% dos grafismos analisados e recorre nos mesmos sítios que a medida anterior. Grafismos entre 3 e 4cm e entre 4 e 5cm de largura recorrem em pouco mais da

metade dos sítios e representam 8% do montante analisado, cada um. As menores dimensões são inferiores a 1cm e possuem distribuição restrita. Representam 4% dos antropomorfos analisados. A categoria não identificada tem pouca representatividade e ocorre apenas em dois sítios.

Tabela 10: Relação da variabilidade da largura dos antropomorfos miniaturizados por sítio.

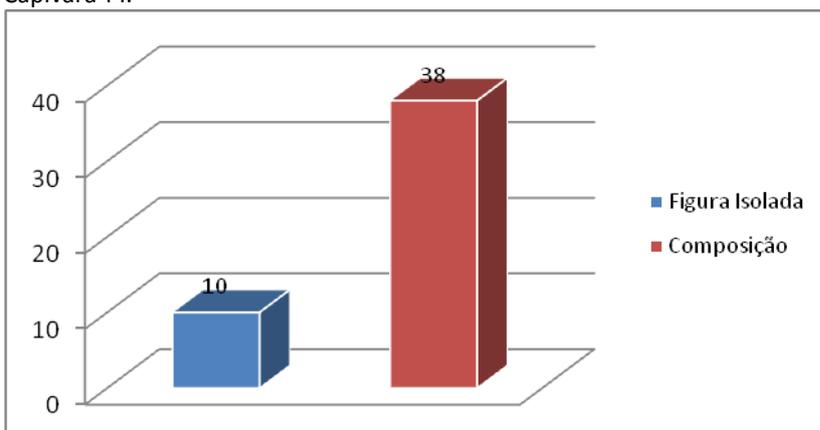
Sítio Arqueológico	<1 cm	1 ≥ 2 cm	2 ≥ 3 cm	3 ≥ 4 cm	4 ≥ 5 cm	NI
TPP	2	10	6	1	3	
TBP I		2	12			
TBP II		23	15	3		
TSM		13				
BPF	1	12	8	1		
TFM I	5	20	14	2		2
TSS I	1	8	11			
TBC		5	10	1	6	
TBV		1	2	6	6	
TEP		4				
TEX II		2	4		1	

Gráfico 8: Relação da variabilidade da largura dos antropomorfos miniaturizados por sítio.



Quanto **a forma de apresentação** foi observado que em todos os sítios a miniaturização das figuras antropomorfas se apresenta através de composições. Nesta análise, os sítios mais representativos desse tipo de composição são a Toca do Baixão do Perna II e a Toca da Fumaça I, na Serra Talhada, com 6 composições cada. Outras formas de apresentação como a representação por cena e figuras isoladas são menos recorrentes.

Gráfico 9: Distribuição das formas de apresentação dos antropomorfos. Parque Nacional Serra da Capivara-PI.



A representação através de cena se manifestou com pouca densidade em 4 sítios. A chamada “cena da árvore” é a mais recorrente e a sua estrutura é construída de forma variada.

Já a miniaturização por meio de figuras isoladas apresentou-se apenas na Toca das Pedrinhas Pintadas através de 10 antropomorfos.

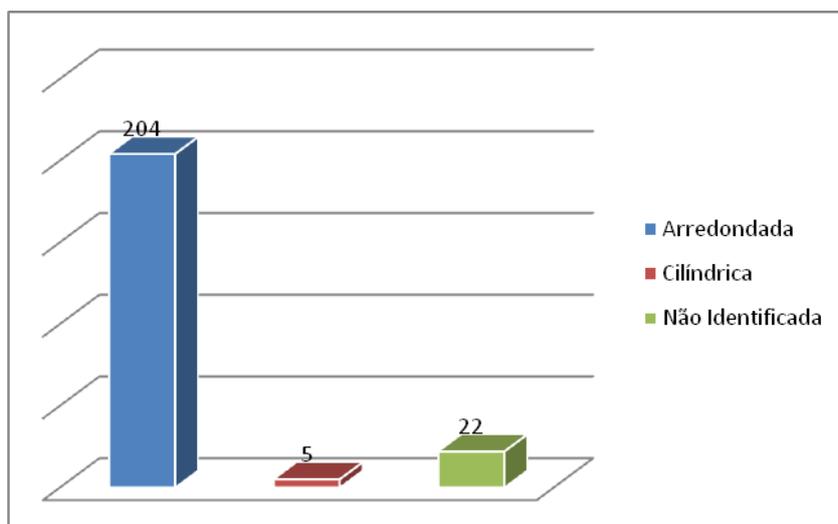
De forma complementar ao tamanho, os aspectos relacionados **amorfologia** das figuras resultaram em dados importantes para o processo de identificação de padrões para essa classe gráfica. Os aspectos morfológicos foram observados de forma isolada nas principais partes anatômicas equivalentes a **cabeça e tronco**.

Apenas dois tipos morfológicos foram observados para a cabeça. O tipo predominante é a forma arredondada (que corresponde a 88% das figuras) e apresenta-se em 10 dos 11 sítios analisados. O tipo cilíndrico é pouco representativo, pois ocorre em apenas dois sítios e corresponde a casos pontuais em duas composições, o que equivale a apenas 2% das figuras. Os 10 % restante correspondem a figuras que apresentavam algum tipo de limitação para a identificação precisa desse elemento anatômico.

Tabela 11: Relação da variabilidade morfológica da cabeça.

Sítio Arqueológico	Arredondada	Cilíndrica	Não se aplica
TPP	17	3	2
TBP I	14		
TBP II	41	2	
TSM			13
BPF	22		
TFM I	41		2
TSS I	20		
TBC	22		
TBV	15		
TEP	4		
TEX II	7		

Gráfico 10: Variabilidade morfológica da cabeça.



Quadro 6: Morfologia da cabeça.

Morfologia da Cabeça	
Cilíndrica	Arredondada
	

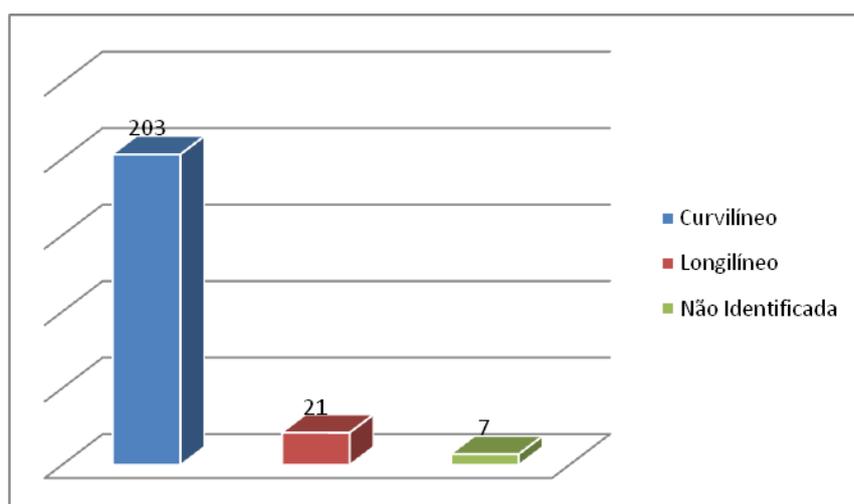
No que diz respeito a morfologia do tronco também foram identificados dois tipos: o curvilíneo e o longilíneo. O tipo predominante é o curvilíneo, que está presente em todos os sítios analisados, correspondendo a 88% das figuras analisadas. O tipo

longilíneo possui distribuição mais restrita. Ocorreu de forma pontual em 3 sítios e teve um pouco mais de representatividade no sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Equivale a apenas 9 % das figuras analisadas. A categoria não identificada, composta por figuras em processo de clareamento, não puderam ter sua morfologia analisada e representa apenas 3% da amostra.

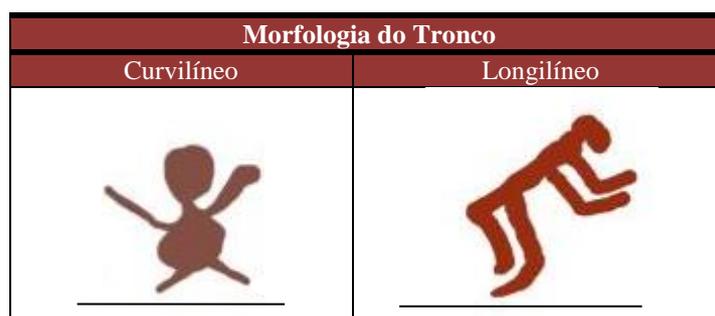
Tabela 12: Relação da variabilidade morfológica dos tipos de tronco.

Sítio Arqueológico	Curvilíneo	Longilíneo	Não Identificada
TPP	10	12	
TBP I	17		5
TBP II	39	2	
TSM	13		
BPF	22		
TFM I	40	1	2
TSS I	20		
TBC	22		
TBV	9	6	
TEP	4		
TEX II	7		

Gráfico 11: Variabilidade morfológica dos tipos de tronco.



Quadro 7: Morfologia do tronco.



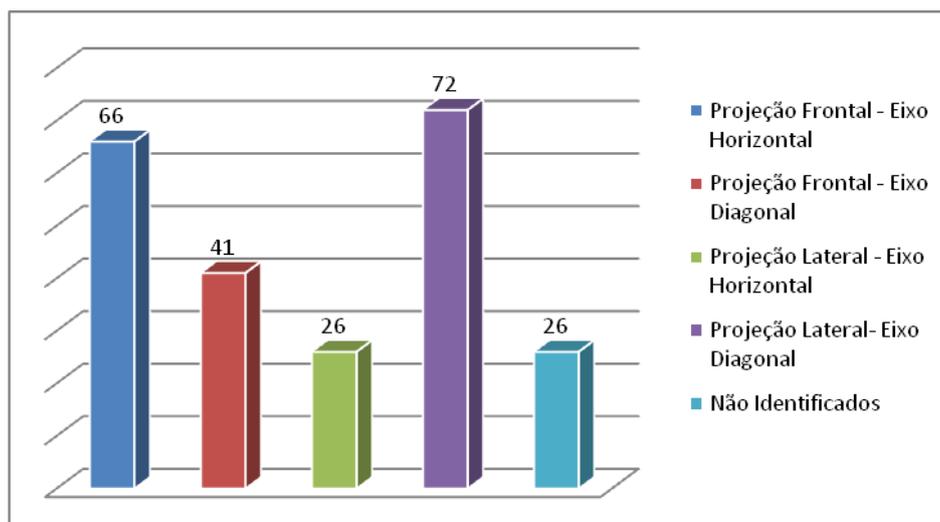
No tocante a **projeção** apresentada pelos antropomorfos miniaturizados é possível identificar dois tipos: frontal e lateral. No interior de cada projeção, observa-se o eixo sobre os quais cada figura foi posicionada: eixo horizontal e eixo diagonal.

Os antropomorfos miniaturizadas apresentam variabilidade de certa forma equilibrada nesse aspecto. A projeção predominante é lateral – eixo diagonal (31%), seguida da frontal - eixo horizontal (29%), e frontal – eixo diagonal (18%). A projeção frontal – eixo diagonal representa apenas 11% da amostra. Outros 11% equivalem a figuras que apresentam características limitantes para esta análise.

Tabela 13: Relação dos tipos de projeção identificados entre os antropomorfos miniaturizados.

Projeção Frontal		Projeção Lateral		NI
eixo horizontal	eixo diagonal	eixo horizontal	eixo diagonal	
7	1	2	10	1
9			1	12
23	3	1	15	
13				
4	4		9	5
2	10	23		8
			20	
	14		8	
4	2		9	
4				
	7			

Gráfico 12: Relação dos tipos de projeção identificados entre os antropomorfos miniaturizados.



Quadro 8: Formas de projeção.

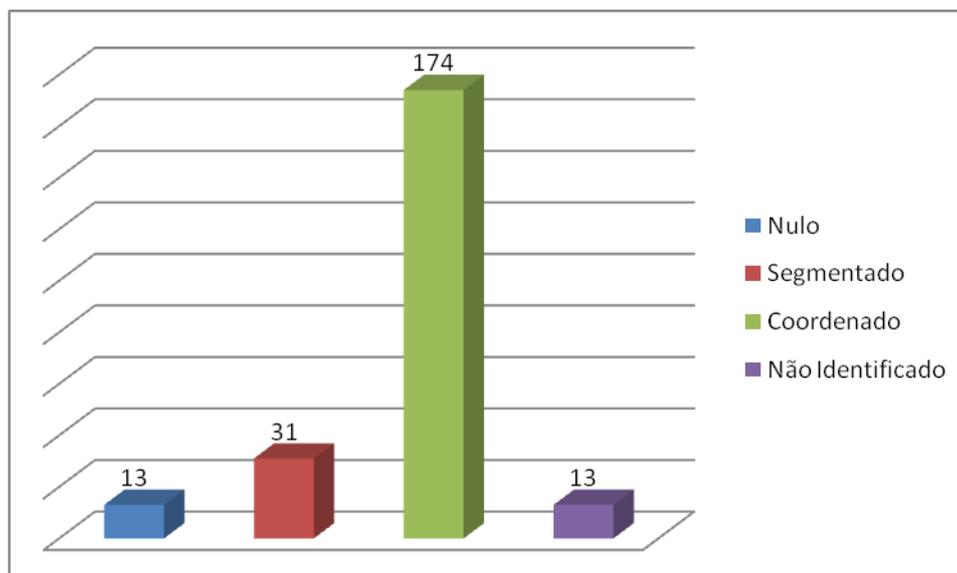
Projeção Frontal		Projeção Lateral	
Eixo Horizontal	Eixo Diagonal	Eixo Horizontal	Eixo Diagonal
			

A correlação dos tipos de posturas identificadas entre os diferentes setores anatômicos das figuras (cabeça, tronco, braço e pernas) propiciou a identificação de diferentes tipos de **movimentos**, tornando perceptível o padrão e o grau de animação desenvolvido por cada figura conforme se observa na tabela a seguir.

Tabela 14: Relação dos tipos de animação identificados nos antropomorfos miniaturizados.

Sítio Arqueológico	Nulo	Segmentado	Coordenado	Não Identificado
TPP	2	7	12	1
TBP I	8		9	5
TBP II		7	34	
TSM			13	
BPF			22	
TFM I	3	14	22	4
TSS I			20	
TBC		2	17	3
TBV		1	14	
TEP			4	
TEX II			7	

Gráfico 13: Relação dos tipos de animação identificados nos antropomorfos miniaturizados.



5.5 Os PERFIS GRÁFICOS

5.5.1 Perfil I

Em relação a amostra selecionada, foi possível identificar três perfis.

O Perfil I é o mais recorrente principalmente na região da Serra Talhada e é composto por 129 figuras humanas, o que equivale a 55% dos antropomorfos

selecionados para análise. Essas figuras estão distribuídas em sítios como a Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, Toca da Fumaça I, Toca da Baixa da Subida da Serrinha I, e nas Tocas do Baixão do Perna I e II. Também aparece no sítio Toca da Entrada do Pajau, no topônimo Serra da Capivara.

Neste perfil, as representações estão estruturadas em forma de composição com figuras humanas enfileiradas seja em projeção frontal ou lateral. O desenvolvimento da composição está em alinhamento horizontal.



Figura 95: Composição com figuras humanas miniaturizadas representativas do Perfil I. Sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada. A escala é de 2cm.



Figura 96: Composição com figuras humanas miniaturizadas representativas do Perfil I. Sítio Toca da Fumaça I. A escala é de 2cm.

O tamanho, que é a variável mais relevante varia entre 1 e 3 cm de altura com volume corporal, mais especificamente a espessura do volume do tronco e membros inferiores a 0,5 mm. A proporção entre os membros é mantida, exceto quando se pretende

dar um volume excessivo ao tronco, deixando-o extremamente volumoso. É neste perfil que estão agrupadas as menores figuras encontradas na área do PNSC.

No tocante ao tamanho da composição, as dimensões também são reduzidas. Além do próprio tamanho diminuto, optou-se por composições com poucas figuras, menos de dez. Dessa forma, as composições pouco ultrapassam os 20 cm de extensão. Apenas uma composição tem um número maior de indivíduos, chegando a atingir mais de 70 cm de extensão e faz parte do sítio Toca da Fumaça I. Nas demais, houve a preferência da manutenção de um desenvolvimento cênico mais compacto e intensivo.

Para a realização dessas composições, optou-se pela escolha de uma superfície aplanada, com poucas irregularidades. Para tal foram selecionados, preferencialmente, os frisos de siltito e nichos formados pelo deslocamento parcial do suporte rochoso.

O tipo de superfície rochosa é um dos elementos que tem influência direta na qualidade do traço a ser executado, juntamente com a consistência da pigmentação preparada para pintar e do tipo de instrumento selecionado. A avaliação mais precisa desses aspectos exigiria a utilização de recursos tecnológicos mais sofisticados com precisão métrica maior a nível microscópico. Entretanto, mesmo com a análise macroscópica foi possível perceber que para ter como resultado figuras diminutas com traços curvos foi necessária a utilização de um instrumento de ponta maleável e flexível, por exemplo.

No interior das composições, os antropomorfos obedecem a certos padrões. Apresentam traços curvos com morfologia arredondada, as vezes ovalada. Alguns antropomorfos ganham bastante volume no tronco, tornando-o completamente redondo, como pode ser observado em algumas das figuras que comoem a imagem a seguir.



Figura 97: Composição com figuras humanas miniaturizadas representativas do Perfil I. Sítio Toca da Baixa da Subida da Serrinha I. A escala é de 2cm.

As figuras reproduzem o mesmo gesto, se postam de forma semelhante e apresentem os mesmos elementos de reconhecimento da forma humana. Neste perfil, a maioria dos elementos de reconhecimento são de ordem primária, ou seja, são aqueles essenciais para a identificação de que o antropomorfo representa uma figura humana, algumas figuras porém apresentam pequenos adornos e identificação do falo.

O hermetismo é característica marcante nesta forma de apresentação gráfica, o que impede, na maioria das vezes, identificar até mesmo o tema representado. Os temas poderiam, muito bem, ser atribuídos à esferas de ordem lúdica ou cerimonial.

5.5.2 Perfil II

O perfil II foi observado em dois sítios: na Toca da Baixa das Cabaceiras, que fica na região da Serra Talhada e na Toca da Extrema II, situada na área da Serra Branca através de duas composições, totalizando 22 figuras (10% do montante analisado).

As representações foram estruturadas em composição a partir do agrupamento de figuras humanas alinhadas horizontalmente, mas em planos diferentes. Os planos sucessivos dão uma noção de profundidade à composição, assim como as variações de

tamanho utilizadas dentro da composição. A projeção dos antropomorfos foi construída com vista frontal e eixo diagonal.



Figura 98: Composição com figuras humanas miniaturizadas atribuídas ao Perfil II. Sítio Toca da Extrema II.



Figura 99: Composição com figuras humanas miniaturizadas atribuídas ao Perfil II. Sítio Toca da Baixa das Cabaceiras.

O tamanho, varia entre 2 e 5 cm de altura com volume corporal, mais especificamente a espessura do volume do tronco e membros inferiores a 0,5 mm e mantém a proporção entre os membros.

As figuras foram executadas sobre suporte de superfície que, apesar de plana, apresenta textura com pequenas irregularidades.

A composição da Toca da Baixa das Cabaceiras apresenta um desenvolvimento cênico extensivo para os padrões apresentados no contexto gráfico miniaturizado. Com mais de 40 cm de largura possui o dobro da largura apresentadas pela composição da Toca da Extrema II, de apenas 18 cm.

Existe um padrão morfológico entre as figuras de ambas as composições. Corpo com tendência à retangularização, mas com ângulos arredondados, cabeça diminuta e arredondada portando adorno em forma de “V” e, braços e pernas retilíneos e ângulos bem marcados na articulação dos pés.

Da mesma forma que a postura também é similar: tronco ereto, cabeça em posição neutra, braços erguidos em abdução, assim como as pernas também em abdução e pés com ângulos marcados.

Diferentemente do que ocorre no Perfil anterior, o movimento representado pelas figuras ganham uma certa rigidez ressaltada pela angularização dos seus traços. As figuras apresentam postura que sugere um tipo de apresentação cerimonial. Entretanto, o hermetismo característico dessas composições impede a identificação precisa do tema representado.

5.5.3 PERFIL III – O CASO DA TOCA DAS PEDRINHAS PINTADAS

Na segregação dos perfis, observou-se uma particularidade de figuras identificadas no Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. Esse sítio apresenta figuras em miniaturas bastante variadas, com características que não recorrem nos demais sítios analisados, por isso a escolha de apresentá-lo neste tópico à parte.

As representações analisadas são compostas por 22 figuras (10% do montante analisado) que estão estruturadas de forma isolada e em composição. As figuras apresentam-se tanto em projeção projeção frontal como lateral.

O tamanho, varia entre 1 e 5 cm de altura com volume corporal, mais especificamente a espessura do volume do tronco e membros inferiores a 0,5 mm. A proporção entre os membros é mantida, exceto quando se pretende dar um volume excessivo ao tronco.



Figura 100: Figura Isolada relacionada ao sítio Toca das Pedrinhas Pintadas. A escala é de 2cm.



Figura 101: Composição relacionada ao sítio Toca das Pedinhas Pintadas. A escala é de 2cm.

Para a realização dessas figuras, optou-se em sua maioria pelos seixos, mas também aparecem composições na parte cimentada do conglomerado.

Nenhuma figura apresentada nesse sítio é igual a outra e todas possuem gestualidade e corpos diferenciados. Este sítio apresenta um perfil próprio que seleciona imagens executadas com o mesmo traço técnico, mas com apresentação cênica diferenciada. A miniaturização não parece ter sido uma opção e sim estar relacionada com o limitado espaço da superfície, tanto o seixo quanto o cimento entre o seixos. Este sítio representa assim um perfil bastante particular.

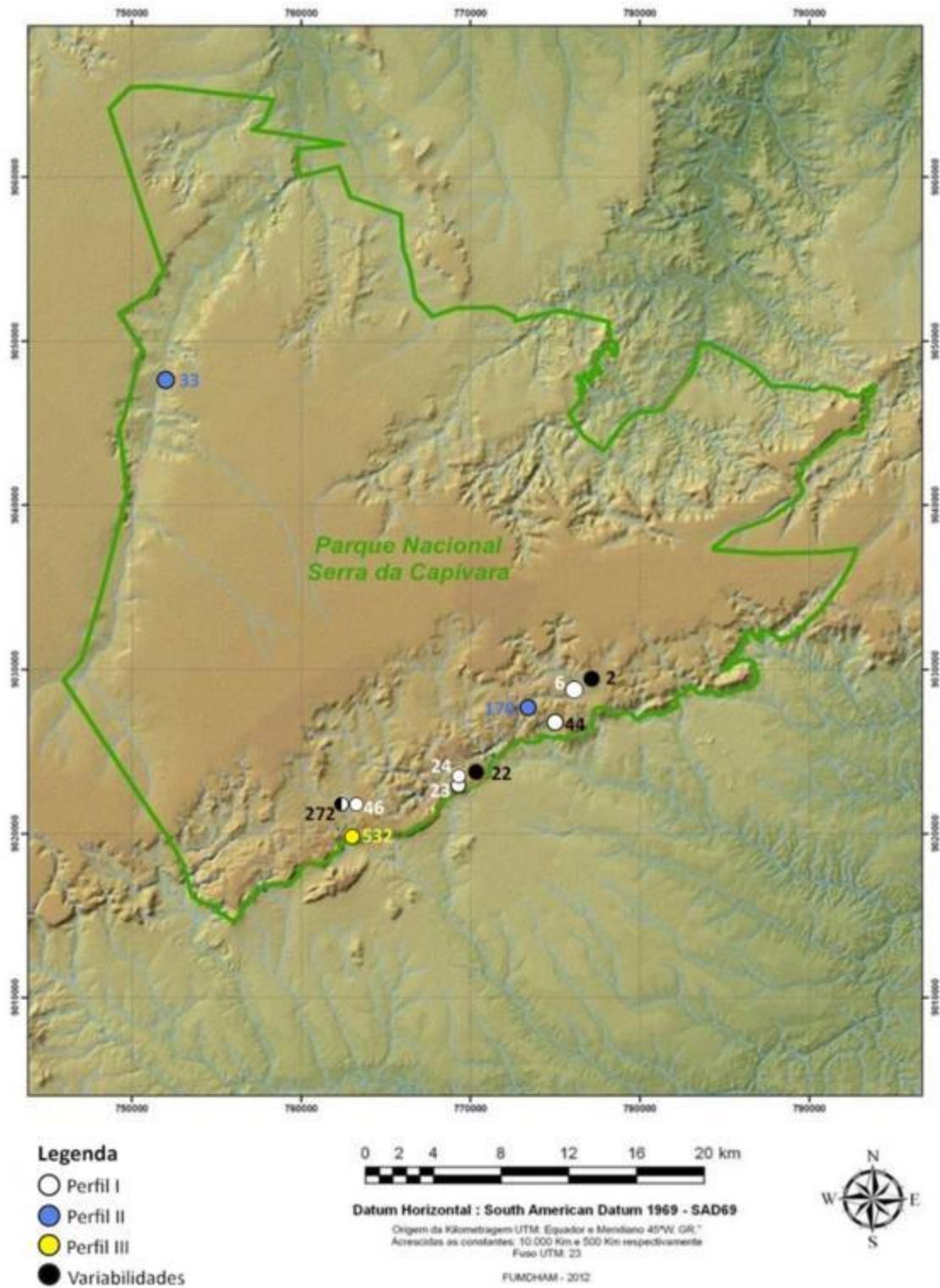


Figura 102: Distribuição dos perfis entre os sítios analisados. Elaboração: Adolfo Okuyama (2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi apresentado, este trabalho abordou o estudo dos padrões relacionados à dos antropomorfos miniaturizados inseridos no conjunto gráfico de onze sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara.

Tomou-se por base teórica as concepções propostas por Pessis (2003) de que os grafismos rupestres foram realizados segundo regras que refletem formas de expressão com as quais se participa de uma rede de comunicação social. Por representar comportamentos pautados, possibilitam identificar o modo como se apresentam diferentes culturas e, assim, descobrir os temas mais valorizados. São, justamente, esses modos de apresentação que interferem nas atividades da representação gráfica.

Levando em consideração a diversidade gráfica dispersa em toda a Área Arqueológica da Serra da Capivara trabalhou-se com a hipótese de que a apresentação gráfica dos antropomorfos miniaturizados possuem variabilidades recorrentes que resultariam na identificação de diferentes perfis gráficos.

Para tal, adotou-se o emprego de uma metodologia composta por variáveis analíticas sistematizadas a partir das dimensões propostas para análise do fenômeno gráfico: temática, técnica e cenográfica.

O primeiro objetivo alcançado foi a identificação de sítios com antropomorfos miniaturizados. Dessa forma pôde-se delimitar a área de concentração de estudo e, conseqüentemente elucidar aspectos concernentes a distribuição espacial dos antropomorfos miniaturizados no contexto gráfico do PNSC.

Os dados obtidos permitiram o reconhecimento de três perfis gráficos relacionados a forma de apresentação gráfica dos antropomorfos miniaturizados. A identificação desses perfis se deu pela recorrência de certas características que variam em determinados aspectos, a depender do sítio, mas que não comprometem a identidade final do padrão representado, conforme se propôs na hipótese lha.

Tabela 15: Síntese da correlação entre os perfis de antropomorfos miniaturizados.

CARACTERIZADORES	PERFIL I	PERFIL II	PERFIL III	VARIABILIDADES
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	Serra Talhada	Serra Talhada/Serra Branca	Sítio Toca das Pedrinhas Pintadas (Região dos Oitenta)	Serra Talhada/Desfiladeiro da Capivara
RECONHECIMENTO	Conteúdo hermético com tendência ao lúdico	Conteúdo hermético	Conteúdo hermético com tendência ao	Conteúdo hermético
TAMANHO DOMINANTE	Entre 1 e 3 cm	Entre 2 e 5 cm	Entre 2 e 5 cm	Entre 2 e 5 cm
ESPESSURA DO TRAÇO	Até 5mm	Até 04mm	Até 5mm	Até 4mm
FORMA DE APRESENTAÇÃO	Composições	Composições	Figuras Isoladas/Composições	Composições
COR DOMINANTE	Monocromia de vermelho em diferentes nuances	Monocromia de vermelho e amarelo	Monocromia de vermelho em diferentes nuances	Monocromia de vermelho em diferentes nuances
MORFOLOGIA	Curvilínea	Tendência a angularização das extremidades	Curvilínea/Retangular	Curvilínea/Retangular
PROJEÇÃO	Frontal e lateral	Frontal	Frontal e lateral	Frontal e lateral
MOVIMENTO	Predomínio do dinamismo com movimentos coordenados	Movimentos rígidos – segmentados	Movimentos segmentados ou nulos	Movimentos segmentados ou nulos
SUPORTE	Friso/nicho	Friso córtex / parede	seixo	Teto / friso / parede córtex
SUPERFÍCIE	regular	irregular	Regular/irregular	Regular/irregular

Já se sabia, de antemão, que a miniaturização no PNSC estava vinculada a utilização de um procedimento técnico específico que possibilita resultar em traços “finos e delicados”. Entretanto seria necessário precisar o quão pequenas são essas miniaturas e quão finos são esses traços.

Os elementos essenciais para a identificação desse grupo gráfico estão vinculados às suas dimensões. Portanto, neste trabalho, o reconhecimento de uma miniatura ocorre, principalmente, pela altura, que não deve ultrapassar os 5 cm e pela espessura dos seus traços que deve ser inferior aos 5mm. Mesmo que uma figura apresente altura inferior aos 5 cm, se seus traços possuírem espessura superior aos 3mm ela será considerada um grafismo de pequeno porte ao invés de uma miniatura.

Num segundo momento observa-se o predomínio de composições que possuem conteúdo hermético. Apesar disso, o padrão predominante apresenta figuras desempenhando o ápice de movimentos coordenados e possuem uma carga de representação mais lúdica. Em contrapartida existem padrões mais pontuais, que se restringem a poucos sítios, em que as representações possuem carga cinética mais contida

com movimentos mais segmentados e uma carga de representação com tendência ao hierático. Esses aspectos são os principais elementos vinculados a apresentação gráfica dos antropomorfos miniaturizados.

Quando se relaciona esses perfis às macroclassificações não se poderia defini-los dentro do contexto de um estilo. Pelo contrário, esses perfis reúnem elementos compatíveis com aspectos tanto do estilo Serra da Capivara, como do estilo Serra Branca e, até mesmo, outras características identificadas dentro da variabilidade gráfica do Complexo Estilístico Serra Talhada, como figuras filiformes ou àquelas de corpo extremamente volumosos que ainda assim não perdem a essência das miniaturas.

Tabela 15: Síntese comparativa entre os caracteres gerais apresentados pelos antropomorfos miniaturizados em relação aos estilos Serra da Capivara e Serra Branca no contexto da Área Arqueológica da Serra da Capivara.

CARACTERIZADORES	MINIATURA	SERRA DA CAPIVARA	SERRA BRANCA
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	Em todas as áreas/concentração na Serra Talhada	Em todas as áreas	Em todas as áreas/concentração no vale da Serra Branca.
RECONHECIMENTO	Diversidade de perfis	Valorização de elementos primários que constituem figuras simples.	Valorização de elementos de ordem secundária, como ornamentos e decoração interna.
TAMANHO DOMINANTE	< 5 cm	Média de 5 a 30 cm.	Até > 1m.
ESPESSURA DO TRAÇO	Inferior aos 5mm.	Ausência de contorno identificado macroscopicamente. A espessura dos membros situa-se em torno de 5mm.	Pode ultrapassar os 10mm
FORMA DE APRESENTAÇÃO	Predomínio de composições, mas há ocorrência de figuras isoladas.	Composição	Figuras isoladas
COR DOMINANTE	Vermelho em diferentes nuances. Figuras monocromáticas.	Dominância de figuras monocromáticas em vermelho com diferentes nuances. Branco e amarelo são pouco recorrentes.	Vermelho em diferentes nuances. Predomínio de figuras monocromáticas.
MORFOLOGIA	Predominância de traços curvilíneos, mas há ocorrência de figuras retangularizadas.	Traços curvilíneos e ângulos suavizados.	Traços retilíneos e ângulos marcados.
PROJEÇÃO MOVIMENTO	Projeção frontal e lateral. Presença de movimentos segmentos e predomínio de movimentos coordenados.	Projeção frontal e lateral. Presença de movimentos segmentos e coordenados.	Projeção frontal e lateral. Valorização dos movimentos.

No contexto gráfico da Área Arqueológica da Serra da Capivara, a miniaturização dos antropomorfos se apresenta como um modo específico de representação. Ao passo que diminui as proporções da figura aumenta a dificuldade de sua execução e, conseqüentemente, exige um procedimento técnico específico, capaz de reproduzir sobre superfícies limitadas, como a de um seixo, por exemplo, o mesmo conceito visual empregado em figuras de tamanho dezenas de vezes superior.

Assim, o objetivo desse trabalho foi o de testar uma construção metodológica e procedimentos analíticos, aplicando-os a um tipo de grafismo recorrente, mas recessivo, nos abrigos pintados do Parque Nacional Serra da Capivara, a fim de caracterizá-los. Os perfis levantados atestam a diversidade desses grafismos não representando necessariamente horizontes culturais distintos.

As considerações aqui expostas representam um caminho analítico possível a ser seguido para a compreensão dos grafismos rupestres como forma de expressões visuais de comunicação. Face aos perfis apontados, conclui-se que a ideia da miniaturização das pinturas evidenciadas no Parque Nacional Serra da Capivara, encontra-se fortemente articulada com a técnica de representação de figuras de pequenas dimensões, mas inclui abordagens cênicas diversificadas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Alice. Tradições e Estilos na Arte Rupestre no Nordeste Brasileiro. In: **Clio – Revista do Curso de Mestrado em História**. Recife: UFPE, 1982.
- BERRA, Júlia Cristina de Almeida. Nova Área de Arte Rupestre: Serra do Lajeado, Tocantins. In: **Anais do 13th International Congress of Speleology; 4th Speleological Congress of Latin América and Caribbean; 26th Brazilian Congress of Speleology**. Brasília-DF: SBE, 2001. p.345-348.
- BERRA, Júlia Cristina de Almeida. **A Arte Rupestre na Serra do Lajeado, Tocantins**. 2003. 173f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BIRDWHISTELL, Ray L. Cinese e Comunicação. In: CARPENTER, Edmund; McLuhan, Marshall (Org.). **Revolução na Comunicação**.3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 76-86.
- BUNGE, Mário. **La Investigación Científica: su estratégia e su filosofía**.Barcelona: Crítica, 1994.
- CISNEIROS, Daniela. **Similaridades e Diferenças nas Pinturas Rupestres Pré-históricas de Contorno Aberto no Parque Nacional Serra da Capivara - PI**. 2008. 322 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- CONSENS, Mário. **Arte Prehistórico em Uruguay**. Montevideo: Torre delVigía, 2007. 169 p.
- CUNHA, Claudia. Tendency to Miniaturisation in Same Styles in Rock Art Within the Corpus Nordeste Tradition in the State of Bahia, Brazil. In: **Apontamentos de Arqueologia e Patrimônio**. Coimbra, 2010. pág. 15-22. Disponível em www.nia-era.org. acessado em 15/08/2012
- CUNHA, Claudia *et al.* Arte Rupestre do Complexo de Sítios Arqueológicos do Rodrigão, Morro do Chapéu, Bahia, Brazil. In: **Annalidell' Universitàdi Ferrara**. v.6. Ferrara: Museologia Scientifica e Naturalista, 2010. pag. 163-174.
- DUNNELL, Robert C. **Classificação em Arqueologia**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.
- ETCHEVARNE, Carlos. **Escrito na Pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia**.Rio de Janeiro: Versal. 2007. 312p. : il.
- ETCHEVARNE, Carlos. Novas Imagens Sobre as Particularidades das Expressões Gráficas Rupestres da Tradição Nordeste, em Morro do Chapéu, Bahia. **Revista Fundamentos IX**. São Raimundo Nonato: Congresso Internacional da IFRAO, 2010. p. 27-32.
- FIGUEIREDO, Diva; PUCCIONI, Silvia. **Consolidação Estrutural da Toca da Entrada do Pajau: diagnóstico e proposta de intervenção**. Teresina: IPHAN, 2006. 123p.
- GUIDON, Niède. **L'art rupestre du Piauí dans le context sudaméricain. Une première proposition concernant méthodes et terminologie**. Paris, Université de Paris I, Panteón-Sorbonne, 1984.
- GUIDON, Niède. A Sequência Cultural da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí. **Revista Clio** (Série Arqueológica), Recife, 1986 p. 137-164.
- GUIDON, Niède.Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. **Revista Clio**,Recife, n. 05, p. 05-10, 1989. Série Arqueológica.
- GUIDON, Niède. Peintures Préhistoriques du Brésil – l'art rupestres du Piauí. Paris: *RechercheCoopérativesurProgramme*, ADPF. 1991.

- GUIDON, Niède. Escavação na área do Parque Nacional Serra da Capivara – Resultados recentes. Notas sobre a pré-história do Parque Nacional Serra da Capivara. **FUMDHAMENTOS** - 2002.
- GUIDON, Niède; et al. Zone 3: Brésil – Nordeste – Étatsdu Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte et Paraíba. In: **Thematic Study of Rock Art: Latin America & The Caribbean**. ICOMOS: Paris, 2006. págs. 122-137.
- HALL, Edward Twitchell. **A Dimensão Oculta**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 258 p.
- HOSTNIG, Rainer. Macusani y Corani, repositórios de Arte Rupestre Milenario en la Cordillera de Carabaya, Puno – Perú. In: **RupestreWeb**. Arte rupestre en América Latina. (Publicación electrónica especializada en la investigación del arte rupestre de América Latina).
- JORGE, Marcos; PROUS, André; RIBEIRO, Loredana. **Brasil Rupestre**. Arte Pre-histórica brasileira. Curitiba: Zen Crane Livros, 2007. p.210
- LAGE, Maria Conceição Soares Meneses. 1997. Análise Química de Pigmentos de arte rupestre do sudoeste do Piauí. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, Suplemento 2.
- LEACH, Edmund. **Cultura e Comunicação**. Rio de Janeiro: 70, 1992. 142 p.
- LEROI-GOURHAN, A. **Arte e Grafismos em la Europa Prehistórica**. Madrid, Edições Istmo, 1983.
- LEROI-GOURHAN, A. **Simbolos, Artes y Creencias de La Prehistoria**. Madrid: Istmo, 1984.
- LÓPEZ-MONTALVO, Esther. Imágenes en La Roca: Del calco directo a La era digital en el registro gráfico Del arte rupestre levantino. **Revista Clio Arqueológica**, v.25. n1. Recife: UFPE, 2010. p. 153-173.
- MARANCA, Silvia. Níveis e categorias com vistas a uma classificação preliminar de abrigos com arte rupestre”. **Revista do Museu Paulista (Nova Série)**. V.29. São Paulo: USP, 1984, p.201-213.
- MARANCA, Silvia. Pinturas rupestres da Toca da Entrada do Pajaú – Estado do Piauí – Análise das figuras zoomorfas. **Revista do Museu Paulista (Nova Série)**. V. 27. São Paulo: USP, 1980.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: UFPE, 2008.
- MARTIN, Gabriela; GUIDON, Niède. A Onça e as Orantes : uma revisão das classificações das tradições dos registros rupestres do Nordeste do Brasil. **Revista Clio Arqueológica**, v.25. n1. Recife: UFPE, 2010. p. 11-30.
- MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.
- MONZON, Suzana. Des rapports entre lessignes et les représentations anthropomorphes dans les peintures rupestres du Brésil In: **Journal de la Société des Américanistes**. Tome 67, 1980. pp. 125-140.
- MONZON, Suzana. A representação humana na arte rupestre do Piauí: comparações com outras áreas. **Revista do Museu Paulista (Nova Série)** V. 28. São Paulo: USP, 1982.
- MONZON, Suzana. Análise dos traços de identificação – estudo de um caso: a Toca da Entrada do Baixão da Vaca. **CLIO – Série Arqueológica**, n. 1. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1984.
- MONZON, Suzana. **L’Arte Rupestre Sud-Américain: préhistoire d’un continent**. Monaco: Le Rocher, 1987. 127 pags.
- MUTZENBERG, Demétrio da Silva. **Ambientes de Ocupação Humana Pré-histórica no Boqueirão da Pedra Furada, Parque Nacional da Serra da Capivara-PI**. Recife: o Autor, 2010. Dissertação (doutorado), Universidade Federal de Pernambuco. 256 folhas: Il., fig., tab. CFCH. Arqueologia, 2010.

- OLIVEIRA, Cláudia Alves. O Perfil Técnico Cerâmico de Grupos Étnicos Pré-Históricos. In: **Revista Clio**, vol. 1, n.7. (Série Arqueológica). Recife: UFPE, 1991. p. 64-66.
- PACHECO, Mirian Liza Alves Forancelli. As Diferentes Abordagens Sobre Estilo e Função em Arqueologia. In: **História: Questões & Debates**, n. 48/49, Curitiba: UFPR, 2008. p. 389-425,
- PALOMARES, Daniel Cabrel. Cañas: Arte rupestre tardío en el valle medio de Huaura. In: **Arkeos: Revista Eletrónica de Arqueología**, vol.2, n1. Lima: PUCP, 2007. 17 pags.
- PARELLADA, Claudia Inês. Arte Rupestre do Paraná. In: **R.cient./FAP**. vol.4. Curitiba: FAP, 2009. pag.1-25.
- PASCUA TURRIÓN, Juan Francisco. El Arte Paleolítico: historia de la investigación, escuelas interpretativas, y problemática sobre su significado. **Revista Rupestreweb**, n.7 (2), Noviembre / Diciembre de 2005.
- PELLERIN, Joel. Missão Geomorfológica em São Raimundo Nonato, Sudeste do Piauí, Brasil. **Cadernos de Pesquisa 3**, Série Antropológica II. Teresina: UFPI, 1982. P. 201-225.
- PESSIS, Anne-Marie. **Art rupestre préhistorique: premiers registres de la mise en scène**. Nanterre: Université de Paris X, 1987.
- PESSIS, Anne-Marie. Apresentação gráfica e representação social na Tradição Nordeste de pintura rupestre do Brasil. **CLIO - Série Arqueológica**, n.5. Recife: UFPE, 1989.
- PESSIS, Anne-Marie. Contexto e Apresentação Social dos Registros Visuais na Antropologia Pré-histórica. In: ANAIS DO I SIMPÓSIO DE PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE BRASILEIRO, 1987. In: **Clio Série Arqueológica** n 4 – Extra: Recife, 1991. p.133-136
- PESSIS, Anne-Marie. Registros gráficos de caçadores-coletores. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra da Capivara**. Brasília: 1991. Pág. 256-282.
- PESSIS, Anne-Marie. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. **CLIO - Série Arqueológica**, n.8. Recife: UFPE, 1992.
- PESSIS, Anne-Marie. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. **CLIO – Série Arqueológica**, v.1, n.9. Recife: UFPE, 1993.
- PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da pré-história**. Parque Nacional Serra da Capivara. FUMDHAM/PETROBRAS, 2003.
- PESSIS, Anne-Marie. Arqueologia de gênero: Teoria e fato arqueológico. **CLIO – Série Arqueológica**, n. 18. Recife: UFPE, 2005.
- PESSIS, Anne-Marie; Guidon, Niède. Dating rock art paintings in Serra de Capivara National Park: combined archaeometric techniques. In: **Scandinavian Society for Prehistoric Art**. 2009. p. 49-59.
- PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília – DF: Universidade de Brasília, 1992.
- PROUS, André. **Brasil Rupestre**. Arte pré-histórica brasileira. Curitiba: Zen Crane Livros, 2007. p.210
- RIBEIRO, Loredana. **Os significados da similaridade e do contraste entre estilos rupestres: um estudo regional das gravuras e pinturas do alto médio São Francisco**. 2006. Tese. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- RIBEIRO, Loredana. Arte rupestre da Serra Geral de Monte Alto – Bahia: Relatório Técnico. Belo Horizonte: MHN/UFGM, 2007.
- RIBEIRO, Loredana. Repensando a Tradição: a variabilidade estilística na arte rupestre do período intermediário de representações no alto-médio rio São Francisco. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo**. São Paulo: MAE, 2007. P. 127-147.
- SANCHIDRIAN, José Luis. **Manual de Arte Prehistórico**. Barcelona: Ariel Prehistoria. 2001.

- SANJUÁN, Leonardo García. **Introducción al Reconocimiento y Análisis Arqueológico del Territorio**. Barcelona: Ariel, 2005. 356 págs.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacher, 2004. 202p.
- SANTOS, Janaína C. dos. 2008. **O Quaternário do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil: morfoestratigrafia, sedimentologia, geocronologia e 312 paleoambiente**. Tese (Doutorado em Geologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- SANZ, Inés Domingo. La Figura Humana, Paradigma de Continuidad y Cambio en el Arte Rupestre Levantino. In: **Archivos de Prehistoria**. Vol. XXVII. Valencia: 2006. pag. 161-191.
- SANZ, Inés Domingo. **Archaeologies of Art: time, place, identity**. California: Left Coast Press, 2008.
- SCHOBINGER, Juan; GRADÍN, Carlos J. **Arte Rupestre de la Argentina: cazadores de la Patagonia y agricultores andinos**. Madrid: Encuentro, 1985. 163 págs.
- SEPÚLVEDA, Marcela A.; SAINTENOY, Thibault; FAUNDES, Wilfredo. Rock paintings of the precordillera region of northern Chile. In: *Revista Rupestreweb*, 2012. 26p.
- STRECKER, Matthias. Arte Rupestre de Betanzos, Depto. de Potosí, Bolivia. Aproximación a su cronología. En **Rupestreweb**. Disponível em: <http://www.rupestreweb.info/betanzos.html>. Acessado em 10 de agosto de 2012.
- TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2011.
- VALLS, Marcela Paccini. **Similaridades e Diferenças Indicativas de Identidade e Evolução Cultural no Estilo Serra Branca de Pinturas Rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí – Brasil**. 2007. 278 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- VIALOU, Denis. A Arte Rupestre e a Paisagem da Cidade de Pedra. In: VILHENA-VIALOU, Águeda. **Pré-História do Mato Grosso: Cidade de Pedra**, vol.2 São Paulo: EDUSP, 2006. p.51-69
- WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: Da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1998. 216 pags.

APÊNDICE A

MODELO DE PROTOCOLO DE CAMPO

LOCALIZAÇÃO			
Sítio Arqueológico: Toca da da Entrada do Pajaú ou Toca do Pau D'arco			Código: 06
UR: Serra da Capivara	Município: Coronel José Dias		UF: PI
Coordenadas UTM Zona 23L erro:5 m	E: 0777249	N: 9029531	Alt.: 440 m Margem de
Datum: SAD 69		GPS: Garmin Etrex	
Acesso: BR 020			
O SÍTIO			
Categoria: <input checked="" type="checkbox"/> Pré-histórico <input type="checkbox"/> Histórico <input type="checkbox"/> De contato	Tipo de Exposição: <input checked="" type="checkbox"/> Abrigo <input type="checkbox"/> Céu aberto <i>Cuesta</i> <input type="checkbox"/> Outro:	Unidade Geomorfológica: Matriz Rochosa: Arenito com veios de siltito e	
Dimensões Altura: 6m Largura: 13m Comprimento: 29m	Compartimentação Topográfica <input type="checkbox"/> Alta vertente <input checked="" type="checkbox"/> Média vertente <input type="checkbox"/> Baixa vertente <input type="checkbox"/> Fundo de vale	Unidade de Relevo <input type="checkbox"/> Planalto <input checked="" type="checkbox"/> Vale <input type="checkbox"/> Planície <input type="checkbox"/> Morro <input type="checkbox"/> Montanha	
Fonte d'água mais próxima: Caldeirão Bacia Hidrográfica: Rio Parnaíba	Vegetação <input type="checkbox"/> Savana estépica (hiperxerófila) <input type="checkbox"/> Capoeira <input checked="" type="checkbox"/> Savana estépica (hipoxerófila) <input type="checkbox"/> Floresta Ombrófila		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO			
Fatores de Destruição			
Natural		Antrópico	
<input checked="" type="checkbox"/> erosão eólica <input checked="" type="checkbox"/> fungos <input checked="" type="checkbox"/> salitre <input checked="" type="checkbox"/> desagregação <input checked="" type="checkbox"/> rachaduras	<input type="checkbox"/> erosão fluvial <input type="checkbox"/> vegetal <input checked="" type="checkbox"/> mancha d'água <input type="checkbox"/> escamatação	<input type="checkbox"/> erosão pluvial <input type="checkbox"/> insetos <input type="checkbox"/> pátina	<input type="checkbox"/> construção de estrada <input type="checkbox"/> construção de moradia <input type="checkbox"/> extrativismo mineral <input type="checkbox"/> extrativismo vegetal <input type="checkbox"/> atividades agrícolas
<input checked="" type="checkbox"/> pecuária <input type="checkbox"/> vandalismo <input checked="" type="checkbox"/> fuligem			
Tipos de Intervenções			
<input checked="" type="checkbox"/> Consolidação		<input checked="" type="checkbox"/> limpeza <input checked="" type="checkbox"/> pingadeira	
Abertura à visiação turística: Sim			
INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS			
Data de descoberta: 1973		Qtd. Setores identificados: 0	
Intervenção Arqueológica: <input type="checkbox"/> escavação superfície ampla <input type="checkbox"/> trincheira <input checked="" type="checkbox"/> sondagem <input checked="" type="checkbox"/> coleta de superfície <input checked="" type="checkbox"/> coleta de amostras	Período: _____ _____ 1978/1982 1999/2001 1985/2007	Material arqueológico encontrado <input checked="" type="checkbox"/> material ósseo <input checked="" type="checkbox"/> material lítico <input type="checkbox"/> cerâmico <input checked="" type="checkbox"/> fragmento de rocha com pintura <input checked="" type="checkbox"/> estrutura de combustão <input type="checkbox"/> estrutura de funerária <input type="checkbox"/> urna funerária	

Cronologias: 0			
O CONTEXTO GRÁFICO DO SÍTIO			
Grafismos: <input checked="" type="checkbox"/> pintados <input type="checkbox"/> gravados			
Dimensões da mancha gráfica: 22m de comprimento x 3m de largura			
Qtd. Setores: 1	Distância do solo atual: cerca de 0,50 m		
Tamanho dominante das unidades gráficas: 20 cm, aproximadamente			
Temática dominante: antropomorfos em composição			
Outras temáticas: zoomorfos, fitomorfos			
Coloração dominante: vermelho			
Outras cores: amarelo	Obs:		
Densidade gráfica do sítio: alta			
Presença de sobreposições: sim			
COMPOSIÇÃO I			
Localização			
Início da mancha gráfica: 2m	Distância do solo atual: 2,45m		
Temática			
Qtd de antropomorfos: 4	Outros grafismos reconhecidos: 0		
Grafismos não reconhecidos: 0	Total: 4		
Elementos primários de identificação: cabeça, tronco, braços e pernas			
Elementos secundários de identificação: ausente			
Cenografia			
Tamanho da composição: 3cm de alt x 10cm de larg			
Tamanho dos grafismos de composição			
	Dimensões	alt.	larg.
	Fig I	2,5 cm	1cm
	Fig II	2,5 cm	1,5cm
	Fig III	3cm	1cm
	Fig IV	2,5cm	1,5cm
-			
Visibilidade: Baixa: além do tamanho reduzido, a composição está em processo de clareamento.			
Técnica			
Tratamento prévio do suporte: não	Específico da composição: não		
Tipo de suporte: <input checked="" type="checkbox"/> parede <input type="checkbox"/> friso <input type="checkbox"/> nicho <input type="checkbox"/> teto <input type="checkbox"/> outro:			
Tipo de superfície: <input checked="" type="checkbox"/> plana <input type="checkbox"/> irregular <input type="checkbox"/> rugosa <input type="checkbox"/> c/ variação granulométrica			
Contorno: ausente			
Traços:			
Registro			
Câmera: NIKON	Modelo: D300	Fotógrafo: Adolfo Okuyama	
Pesquisadora: Pâmara Araújo		Data: 30 /05 /2012	

ELEMENTOS TÉCNICOS										
Sítio Arqueológico	Tipo de Suporte					Traço				
	Parede córtex	Parede Friso	Parede Nicho	Parede seixo	Teto	<1 mm	1 ≥ 2 mm	2 ≥ 3 mm	3 ≥ 4 mm	4 ≥ 5 mm
TPP	2			20			13	5	3	1
TBP I	6	16					10		5	2
TBP II	10	31					16	23	2	
TSM		13					13			
BPF	11		11				18	4		
TFM I	7	25	11				30	8		
TSS I			20				10	10		
TBC	7	15						15	7	
TBV	9				6		9	6		
TEP	4							4		
TEX II	7							7		

DIMENSÃO CENOGRÁFICA												
Sítio Arqueológico	TAMANHO ALTURA						TAMANHO LARGURA					
	<1 cm	1 ≥ 2 cm	2 ≥ 3 cm	3 ≥ 4 cm	4 ≥ 5 cm	Não Identificado	<1 cm	1 ≥ 2 cm	2 ≥ 3 cm	3 ≥ 4 cm	4 ≥ 5 cm	NI
TPP		5	7	3	7		2	10	6	1	3	
TBP I	1	10	5		1	5		6	4	5	2	5
TBP II		16	12	13				23	15	3		
TSM				13				13				
BPF		1	12	6	3		1	12	8	1		
TFM I		7	23	11		2	5	20	14	2		2
TSS I			2	8	10		1	8	11			
TBC		9	5	5	3			5	10	1	6	
TBV			1	7	7			1	2	6	6	
TEP			4					4				
TEX II			2	4	1			2	4		1	

DIMENSÃO CENOGRÁFICA									
Sítio Arqueológico	FORMA DE APRESENTAÇÃO			Morfologia da Cabeça			Morfologia do Tronco		
	Figura Isolada	Composição	Cena	Arredondada	Cilíndrica	Não se aplica	Curvilíneo	Longilíneo	Não Identificada
TPP	10	4	2	17	3	2	10	12	
TBP I	-	3	-	22		5	17		5
TBP II	-	5	1	41	2		39	2	
TSM	-	1	-			13	13		
BPF	-	3	-	22			22		
TFM I	-	6	-	41		2	40	1	2
TSS I	-	2	-	20			20		
TBC	-	1	1	22			22		
TBV	-	-	3	15			9	6	
TEP	-	1	-	4			4		
TEX II	-	1	-	7			7		

DIMENSÃO CENOGRÁFICA									
Sítio Arqueológico	Projeção Frontal		Projeção Lateral		NI	Movimento			
	eixo horizontal	eixo diagonal	eixo horizontal	eixo diagonal		Nulo	Segmentado	Coordenado	Não Identificado
TPP	7	1	2	10	1	2	7	12	1
TBP I	9			1	12	8		9	5
TBP II	23	3	1	15			7	34	
TSM	13							13	
BPF	4	4		9	5			22	
TFM I	2	10	23		8	3	14	22	4
TSS I				20				20	
TBC		14		8			2	17	3
TBV	4	2		9			1	14	
TEP	4							4	
TEX II		7						7	